

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**SENSAÇÃO DE SEGURANÇA E DESORDEM: AS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, PERCEPÇÕES DE PERIGO E
SOLUÇÕES APRESENTADAS PARA A SEGURANÇA NO CENTRO
DE BELO HORIZONTE (MG)**

**Henrique Augusto Torres Simplício
Orientadora: Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro**

**BELO HORIZONTE
2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**SENSAÇÃO DE SEGURANÇA E DESORDEM: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS,
PERCEPÇÕES DE PERIGO E SOLUÇÕES APRESENTADAS PARA A
SEGURANÇA NO CENTRO DE BELO HORIZONTE (MG)**

Henrique Augusto Torres Simplício

Orientadora: Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Área de concentração: Sociologia do Crime, do Desvio e do Conflito.

Orientadora: Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro

BELO HORIZONTE

2016



Programa de Pós Graduação em Sociologia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO

HENRIQUE AUGUSTO TORRES SIMPLÍCIO

Aos 20 (vinte) dias do mês de abril de 2016 (dois mil e dezesseis), reuniu-se a Banca Examinadora de Defesa de Dissertação de Mestrado, intitulada: **“SENSAÇÃO DE SEGURANÇA E DESORDEM: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, PERCEPÇÕES DE PERIGO E SOLUÇÕES APRESENTADAS PARA A SEGURANÇA NO CENTRO DE BELO HORIZONTE (MG)”**. A banca foi composta pelos professores doutores **Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro** (Orientadora - DSO/UFMG), **Antônio Augusto Pereira Prates** (DSO-UFMG) e **Luís Felipe Zilli do Nascimento** (Fundação João Pinheiro).

Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da Banca Examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação (X)
Reprovação da Dissertação ()

Para constar foi lavrada a presente ata, datada e assinada pelos examinadores.

Belo Horizonte, 20 de abril de 2016.

Profa. Dra. Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro (Orientadora - DSO/UFMG)

Prof. Dr. Antônio Augusto Pereira Prates (DSO-UFMG)

Prof. Dr. Luís Felipe Zilli do Nascimento (Fundação João Pinheiro)

AGRADECIMENTOS

A minha família. Meu pai Afonso Timão, minha mãe Maria Helena, e irmã, Mayla Paula, que sempre me trataram com um carinho desmedido em cada momento da minha vida. Vocês sabem disso, mas é sempre bom lembrá-los que moram no meu coração.

A minha orientadora Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro que desde os meus primeiros dias no programa da Pós-graduação até a entrega do trabalho foi extremamente atenciosa e receptiva a cada uma das minhas sugestões, demonstrando uma paciência olímpica a imprevistos e mudanças no objeto de estudo. Meu sincero obrigado.

Ao Victor e ao Anselmo pela amizade e convivência durante o período que morei em Belo Horizonte.

A Capes pelo financiamento da pesquisa.

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para realização deste trabalho.

EPIGRAFE

“Para o bárbaro, o criminoso é visualizado duplicemente: segundo o seu crime atinja a tribo ou a alguém da tribo, ou se atinge quem não é da tribo ou se além disso é inimigo. No primeiro caso, há crime pleno; no segundo, atenua-se e, no terceiro, anula-se. O crime não é concebido enquanto em si mesmo, ou em relação à coletividade, mas apenas em relação ao objeto da lesão criminosa, a vítima. O mesmo ato lesivo pode ser considerado infame ou nobre, tudo dependendo de quem ou do que sofre. Em geral, é o criminoso punido pela lei do dente por dente, do olho por olho, no primeiro caso, e só”.

(MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS, INVASÃO VERTICAL DOS BÁRBAROS, 1967)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo descrever os principais fatores associados à sensação de segurança das pessoas que circulam pelo centro de Belo Horizonte. Logo na primeira etapa, partindo de uma discussão teórica, o estudo apresenta como as representações sociais, percepções de perigo, o medo e a fala do crime compõe a sensação de segurança das pessoas. Neste capítulo, o estudo apresenta uma compreensão alternativa ao que alguns autores denominam por “paradoxo da segurança”. Em seguida, a partir dos relatos das diferentes entrevistas realizadas, são elencados os principais dados deste estudo. Para uma melhor compreensão, as informações foram separadas em quatro categorias: A) Satisfação com a Segurança, B) Percepção de Perigo, C) Percepção de um local seguro, e D) Principais problemas e soluções apresentadas para a Segurança. Por fim, no capítulo final são analisados alguns dos principais resultados do trabalho. Nesta etapa, o estudo demonstra como as representações sociais descrevem a insegurança no centro da cidade, como o sentimento de desproteção vem acompanhado de uma intensa desconfiança do modo como atuam as instituições de segurança entre os próprios agentes inseridos na sociedade. Este sentimento de desconfiança generalizado explicaria o forte desejo de ampliação das instituições de segurança, adotando mecanismos mais incisivos na punição como forma de restabelecer a ordem, combater o crime e reduzir a sensação de medo e perigo.

Palavras-Chave: Sensação de Segurança, Crime, Perigo, Desconfiança das Instituições.

ABSTRACT

This paper aims to describe the main factors associated with social security of the people that circulate in downtown Belo Horizonte. Soon in the first stage, part of a theoretical discussion, the study presents as social representation, perceptions of danger, fear and a talk of crime, it makes people feel safe. In this chapter, the study presents an alternative understanding of what some authors term "security paradox." In., Both interviews conducted, are the main data of the study. For a better understanding, how information was separated into four categories: A) Satisfaction with Security, B) Perception of Threat, C) Perception of a safe location, and D) Main problems and solutions presented to Safety. Finally, in the final chapter some of the main results of the work are analyzed. At this stage, the study shows how social representations describe a non-centered insecurity, as the sense of lack of protection is accompanied by an intense distrust of the way they act as security institutions among the agent agents inserted in society. This widespread sense of mistrust would explain the strong desire to expand security institutions, adopting more incisive mechanisms in punishment as a way of reestablishing order, fighting crime and reducing feelings of fear and danger.

Keywords: Feeling of Safety, Crime, Threat, Distrust of Institutions.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Sensação de Segurança: Conexão Entre Sentimento de Segurança, Crença De Perigo e Estratégias de Proteção.....	44
FIGURA 2	Categorias de Análise Conectadas as Dimensões do Modelo Teórico	45
FIGURA 3	Locais Identificados como Perigoso/Justificativa.....	67
FIGURA 4	Identificação com a Segurança	83
FIGURA 5	Percepção do Perigo e Insatisfação com a Segurança.....	108
FIGURA 6	Efeito/Ausência das Instituições.....	111
FIGURA 7	Estratégias/Aprimorar a Segurança.....	115
FIGURA 8	Fundamentos do Direito de Defesa/ Reação.....	116

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Entrevistas realizadas	19
QUADRO 2	Percepção sobre a segurança	56

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Sensação de Segurança no Centro de Belo Horizonte – MG.....	48
TABELA 2	Sensação de Insegurança por Locais	68
TABELA 3	Percepções de Perigo por Locais/ Circunstâncias/Pessoas	80
TABELA 4	Caracterização de Locais Seguros	87
TABELA 5	Problemas/Soluções para Segurança	98

SUMÁRIO

RESUMO	vii
LISTA DE FIGURAS	viii
LISTA DE QUADROS.....	ix
LISTA DE TABELAS.....	x
INTRODUÇÃO	13
METODOLOGIA 17	
PERCURSO DO CAMPO 19	
ORGANIZAÇÃO DO TEXTO 21	
CAPÍTULO 1	22
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, INSEGURANÇA, CRENÇAS DE PERIGO E ESTRATÉGIAS DE PROTEÇÃO: UMA ABORDAGEM INTEGRADA	22
1.1 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A FALA DO CRIME COMO OBJETO DE ESTUDO 25	
1.2 OS EFEITOS DO MEDO DO CRIME NA ORGANIZAÇÃO DA VIDA SOCIAL 27	
1.3 – “PARADOXO DA SEGURANÇA” E A PERCEPÇÃO DE PERIGO 31	
1.4 AS CONSEQUÊNCIAS DO MEDO DO CRIME: PRIVATIZAÇÃO DA SEGURANÇA OU BUSCA POR PROTEÇÃO? 35	
1.6 SATISFAÇÃO COM A SEGURANÇA 46	
CAPÍTULO II – A (IN) SEGURANÇA E (DES) PROTEÇÃO:.....	47
UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE O CENTRO DE BELO HORIZONTE	47
2.1 SATISFAÇÃO COM A SEGURANÇA 49	
2.2 PERCEPÇÃO DE PERIGO 57	
2.3 – PERCEPÇÃO DE PERIGO EM DETERMINADAS CIRCUNSTÂNCIAS 69	
2.4 - PERCEPÇÃO DE PERIGO ENVOLVENDO PESSOAS 71	
2.5 PERCEPÇÃO DE UM LOCAL SEGURO 81	
2.6 PRINCIPAIS PROBLEMAS E SOLUÇÕES APRESENTADAS A SEGURANÇA 88	
CAPÍTULO III	100
AS REPRESENTAÇÕES SOBRE DESCONFIANÇA E PERIGO.....	100
3.1 REPRESENTAÇÕES SOBRE A INSEGURANÇA.....	101
3.2 DESCONFIANÇA SOBRE AS INSTITUIÇÕES 106	
3.3 VIGIAR E PUNIR 110	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122
ANEXOS 1.....	126

ROTEIRO DE ENTREVISTA - PERGUNTAS DIRECIONADAS AOS SEGURANÇAS	126
ANEXO 2	127

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir de uma dialética de interesses, estudos e pesquisas formulados ao longo de dois anos de estudos na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Neste período, o trânsito por diferentes perguntas e objetos de estudo, certamente, deixou sua contribuição ao longo das informações apresentadas neste texto. Esta diversidade de objetos não apenas possibilitou a construção de uma maior familiaridade com as referências bibliográficas vinculadas ao tema, mas, principalmente, permitiram clarear o problema incorporando os diferentes dados coletados para uma maior sistematização das informações. Sem estas mudanças, seria improvável que encontrassem este estudo com a mesma forma e considerações, ainda que adotasse desde o início o mesmo objeto e técnicas de pesquisa.

Logo nos primeiros meses de trabalho, o objetivo principal do estudo era analisar o processo de formação em que todo vigilante ou agente de segurança privada deve passar para exercer sua profissão. O trabalho buscava responder a duas perguntas: como se procede a formação dos agentes e funcionários que ensinam a prática da segurança privada e qual a percepção de ordenamento dos agentes (aprendizes) e educadores que ensinam a prática da segurança privada. Em outras palavras, o objetivo era tentar compreender quais seriam os valores transmitidos ao longo do curso de vigilantes, e como eles os compreendiam. Contudo, devido à abrangência do tema, o receio de não obter as informações necessárias, e o pouco tempo para execução deste estudo, alterou-se o objeto. O interesse se voltava aos diferentes serviços oferecidos pela iniciativa privada.

Neste novo empreendimento, a ideia era compreender a segurança privada a partir dos seus diferentes tipos exercidos, tanto de forma legal, ilegalmente, ou, ainda que não esteja fora da lei, sem nenhuma regularização. Entretanto, ao ir a campo, foi identificado uma grande diversidade de atividades vinculadas a segurança privada, cada uma delas operando com grau maior ou menor de abertura e com uma diversidade de valores tão gigantesca quanto as próprias demandas estabelecidas pelos indivíduos que usufruem dos seus serviços. Sem sombra de dúvida, a variedade e complexidade de cada uma destas atividades foram determinantes para o abandono da ideia. Certamente, poucos conseguiriam sustentar uma semelhança de prioridades de trabalho na atividade de um segurança responsável pela portaria de uma casa de prostituição, comparado com um segurança de um shopping ou agência bancária, agente de carros fortes, segurança de festas de formatura, segurança pessoal, entre

outros. Cada uma destas profissões possui valores e atividades muito distintas, o que limitaria o poder explicativo de um estudo que almejasse estabelecer critérios comparativos entre cada uma delas. Qualquer profissional que algum dia deseje trocar de área dentro da segurança privada deve ter a certeza de que estará frequentemente diante de uma nova profissão, com características distintas e, sim, por vezes, opostas quanto o que determina como perigo ou ameaça.

Num outro momento, tentando delimitar mais o objeto, o enfoque do estudo se restringiu a uma das áreas da segurança privada, a vigilância nos shoppings centers. A diminuição do objeto de estudo se deveu em grande medida a uma das inquietações que persistem nas análises deste trabalho: afinal, o que as pessoas percebem como perigo, quando transitam ao redor de shoppings privados? Nesta nova etapa, o projeto visava medir duas coisas: as percepções de perigo dos vigilantes (seguranças) e daqueles que transitavam pelos shoppings centers (clientes e transeuntes), e também as estratégias de manutenção de segurança realizada pelos vigilantes, ou seja, por aqueles que seriam responsáveis por promover a segurança dentro destes estabelecimentos. Após negociações que se estenderam por meses, conseguimos autorização de um shopping para que realizássemos a pesquisa dentro de suas dependências. Entretanto, um dos pontos principais de análise do projeto - a percepção de perigo dos vigilantes e as estratégias de manutenção de segurança empreendida pelos seguranças - não pode ser estudado devido as restrições realizadas serviço de inteligência e segurança do estabelecimento. A justificativa apresentada era a de que parte das perguntas formuladas poderiam colocar em risco a segurança e a imagem do estabelecimento, sendo assim, grande parte das questões foram retiradas do roteiro de entrevista que seria aplicado aos vigilantes.

Se por um lado, houveram restrições quanto aos seguranças, por outro as entrevistas realizadas com os clientes e transeuntes dentro do estabelecimento foram plenamente atendidas, sem maiores impedimentos por parte da administração do shopping. Ao longo das entrevistas, algo que chamou bastante atenção foi a grande satisfação dos entrevistados com a segurança do shopping e a identificação da rua (espaço público) enquanto um local inseguro quando comparado ao ambiente privado. Em grande parte dos relatos, a rua se caracterizava enquanto um local perigoso enquanto o shopping aparecia como um refúgio ao caos urbano. Mesmo no estabelecimento privado, foi possível identificar alguns padrões sobre aquilo que as

peças percebem como perigoso, provocando medo e insegurança, além de estratégias de proteção.

Considerando que o Shopping Urbano¹ é um estabelecimento com determinado público alvo, situado na região central, após o término da pesquisa, o estudo buscou outros shoppings com outras características com intuito de comparar os resultados. Entretanto, os estabelecimentos procurados, detentores de um público com maior poder aquisitivo, não autorizaram a realização da pesquisa dentro de suas instalações. Em síntese, as alegações afirmavam que as empresas seguem normas que inviabilizam a realização de entrevistas no local. A suspeita para a existência destas normas é de que a pesquisa poderia atrapalhar a tranquilidade dos clientes, colocando-os em uma circunstância desconfortável ou expondo o sistema de segurança do estabelecimento a um desconhecido. A partir destas restrições, não foi possível dar continuidade ao objeto de estudo, o que suscitou um novo problema de pesquisa.

A pergunta que havia ficado era se as pessoas realmente percebiam a segurança pública como falha, sentindo-se inseguras, ou se isto era apenas o diagnóstico das pessoas que frequentam o Shopping Urbano. Assim, o problema levantado não foi mais o de identificar a sensação de perigo em shoppings ou ambientes privados, mas sim, qual era a sensação da segurança das pessoas que frequentam o Centro de Belo Horizonte. Considerando que as pessoas que transitam pelo Shopping Urbano apontam a rua como um local perigoso, seria possível estabelecer que o público em geral, que passa diariamente pela região, sendo muitos deles moradores, poderiam afirmar o mesmo? Uma das inquietações apresentadas pelos transeuntes do shopping urbano era a satisfação quanto a segurança exercida no local e sua insatisfação com a segurança pública, fornecida nas ruas, praças, avenidas, pontos de ônibus, dentre outros locais. Tendo em vista estes relatos, seria possível afirmar que estas mesmas percepções se aplicam àqueles que se encontram nas ruas e praças públicas do Centro da capital mineira? Se sim, o que ou/e quem eles percebem como perigo quando estão nestes locais? Foi tentando trazer respostas a estas perguntas que este estudo foi realizado.

¹ Nome fictício dado ao estabelecimento com intuito de preservar a identidade dos entrevistados, a imagem do centro comercial, bem como as lojas mencionadas ao longo das entrevistas.

Ao analisar a sensação de segurança no centro de Belo Horizonte, o estudo tentou destacar não apenas o sentimento das pessoas perante a segurança, mas também o que elas observavam como perigo, se elas mudam seu comportamento para se locomover na região, se existem locais e (ou) pessoas que identificam como ameaças a sua vida e propriedade, quais os locais que identificam como mais seguros, como imaginariam estes locais e o que aumentaria a segurança do local. Este novo tema de investigação tenta obter informações gerais, mapeando a sensação de segurança das pessoas que transitam pelo centro de Belo Horizonte.

METODOLOGIA

Com intuito de analisar a sensação de segurança no centro de Belo Horizonte, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, realizadas com indivíduos que circulavam em determinados pontos da região. A escolha desta ferramenta se deve pelo estudo buscar a intensidade no discurso dos atores, trazendo uma maior liberdade ao entrevistado para destacar aquilo que considerasse mais relevante e, conseqüentemente, uma maior amplitude das respostas acerca do que se passa na segurança, quais situações, sujeitos ou locais são considerados perigosos e ainda quais são as estratégias e soluções apresentadas para segurança dos indivíduos. Tais entrevistas permitiriam uma maior variabilidade das informações dando maior atenção aos detalhes construídos ao longo da narrativa dos entrevistados.²

Quanto aos locais de realização das entrevistas, foram escolhidas diferentes regiões que permitissem um amplo acesso ao público. Desta forma, priorizou-se locais com grande circulação de pessoas, onde poderiam ser encontrados indivíduos com idade, sexo, renda, raça e perfis distintos. As entrevistas do centro de Belo Horizonte foram realizadas de setembro a dezembro de 2015, das 08:00 às 20:00 horas. Logo abaixo, segue a lista com os locais e meses em que as entrevistas foram realizadas:

² O instrumento utilizado nesta etapa da pesquisa encontra-se no Anexo I.

QUADRO 1 – ENTREVISTAS REALIZADAS

LOCAIS	MÊS	QUANTIDADE
Praça Sete	Outubro/Novembro	21
Praça da Estação	Dezembro	11
Rua dos Tupis	Outubro	12
Avenida Afonso Pena	Outubro	15
Praça da Rodoviária	Novembro	06
Praça Raul Soares	Dezembro	12
Rua dos Goitacazes e Avenida Augusto de Lima (perto do Mercado Central)	Dezembro	08
Rua Guaicurus	Dezembro	05
Rua Caetés	Novembro	06
Shopping Urbano	Fevereiro/Março	55

As entrevistas foram realizadas com um público diverso, homens e mulheres de 16 a 80 anos de idade. Ao todo foram entrevistadas 151 pessoas, destas, 96 foram com as pessoas que transitam no centro de Belo Horizonte, 46 com o público que frequentava o shopping urbano e 9 com os seguranças desse estabelecimento. Destas nove entrevistas realizadas com seguranças, seis foram individuais e outras três em grupo. Estas entrevistas com mais pessoas foram realizadas devido algumas determinações da equipe de segurança do shopping que, na ocasião, afirmaram não dispor de tempo para que cada vigilante nos atendesse individualmente. Sendo assim, as perguntas foram proferidas a um grupo deles de modo que cada segurança poderia manifestar sua opinião.

As entrevistas no shopping foram realizadas entre os dias 25 de fevereiro a 01 de março de 2015 durante o período de funcionamento do shopping das 09:00 às 22:00. Considerando que o shopping urbano compõe uma das regiões que fazem parte do centro de Belo Horizonte, as entrevistas realizadas neste estabelecimento também serão utilizadas na análise das informações deste trabalho. Tendo em vista a especificidade do local e a diferença do instrumento aplicado no ambiente privado, as informações destas pesquisas terão seus locais destacados.

PERCURSO DO CAMPO

Durante o trabalho de campo aconteceram alguns eventos que merecem menção. Primeiro, é preciso destacar as muitas recusas à participação na pesquisa. Embora a maioria tenha negado a participar devido à grande movimentação das regiões selecionadas e pela falta de tempo dos entrevistados, algumas pessoas (menor parte) desistiram logo após saber que se tratava de um estudo solicitando informações sobre a segurança. Embora fosse informado que a participação na pesquisa era voluntária, inclusive solicitando o uso do gravador, um dos entrevistados chegou a se sentir bastante irritado com a realização de determinadas perguntas no transcorrer da entrevista, chegando a requisitar o aparelho e a exclusão do áudio armazenado. Após uma outra breve explicação, ele aceitou continuar a entrevista desde que fossem excluídos seus registros e não mais fosse arquivado o áudio no gravador.

Na Praça Raul Soares, havia um grupo de moradores de rua tomando banho e lavando suas roupas na fonte do local. Um destes moradores parecia estar bastante alterado, sob efeito de drogas ou bebidas alcóolicas, mexendo com mulheres e homens que portassem algum alimento ou bebida. Após andar durante alguns metros atrás da pessoa, se esta não respondesse ou se negasse a considerar seu pedido, o que aconteceu em todos os casos presenciados, ele ameaçava e ofendia o interlocutor.

Na Praça Sete foi presenciado o consumo e a venda de drogas durante o dia, inclusive, um dos entrevistados, *hippie* e morador do local, acendeu um cigarro de maconha enquanto a entrevista estava sendo realizada. Neste local, também ocorreu uma briga entre moradores de rua, chamando a atenção do público que passava pela praça. Na ocasião, uma moradora de rua desferia chutes e gritava com um mendigo alcoolizado, estirado no calçamento do lado de fora de um estabelecimento.

Durante as entrevistas na praça da Rodoviária foi notada uma grande desconfiança no local. Os vendedores da região possuem um forte comércio informal e ilegal, sendo comum a venda de aparelhos celulares usados e cordões de ouro e prata a um preço muito abaixo do mercado. Pelo fato de estar portando uma prancheta

e crachá, após chegar ao local notei alguns deles bastante desconfiados, alertas quanto a minha presença cogitando que eu pertencesse a algum órgão de fiscalização. Na subida da passarela para a estação da Lagoinha, próximo à rodoviária, um sujeito chegou a me abordar perguntando o que eu estava fazendo ali, o que estava anotando, se eu era fiscal da prefeitura ou pertencia à polícia.

Algo também observado durante o campo desta pesquisa foi o tédio ou impaciência de alguns entrevistados na resposta de algumas perguntas. Logo nas primeiras entrevistas, notou-se um maior desestímulo dos participantes em responder as perguntas de caráter social, como sexo, idade, bairro, perfil sócio econômico, etc. Como forma de estimular a participação e evitar sua evasão, a parte destinada às informações sociais foram realizadas na última etapa. Assim, as primeiras entrevistas solicitavam informações envolvendo a sensação de segurança, após esta etapa, os entrevistados recebiam um estímulo (um chocolate) e, posteriormente dava-se prosseguimento às perguntas sociais.

Os acontecimentos listados nessa seção influenciaram não só na minha conduta, mas também meu próprio planejamento, elaboração e campo de trabalho. O sentimento de estar sendo observado por outros, ou de deparar com comportamentos que se enquadram em uma atitude desviante, contribuíram para que observasse mais atentamente certas circunstâncias e formulasse minha própria percepção sobre o perigo no local e as minhas estratégias de proteção. Após ouvir relatos de que era perigoso ficar próximo a determinados locais ao anoitecer, preferi realizar as entrevistas durante a tarde nestas mesmas regiões a correr o risco de perder um dia de trabalho após alguém levar o gravador de registro. Ao notar a presença de elementos que não se enquadravam na minha expectativa de comportamento, como pessoas peladas, vendendo mercadorias de forma contida, agredindo umas às outras, usando drogas ou me abordando sem nenhuma justificativa, obviamente tomava determinadas precauções, ficando mais atento e observando com maior atenção.

Ao longo das entrevistas no Shopping Urbano também aconteceram alguns eventos que merecem destaque. Ao contrário das entrevistas realizadas nas ruas de BH, as recusas em participar no ambiente privado foram muito menores. A caracterização de uma maior sensação de segurança e o sentimento de tranquilidade do local sem dúvida contribuiu para esta maior receptividade. Esta preocupação com a defesa do local foi visível na minha própria relação com os vigilantes e a

administração do shopping. Embora antes de iniciar a pesquisa sempre me apresentasse numa central de atendimento para depois iniciar as atividades de pesquisa, eram comuns interrupções dos seguranças ao longo das entrevistas perguntando meu nome, se eu obtinha autorização para realizar tal atividade no local, ou a qual instituição eu pertencia. Entretanto, após verificar as informações, não tive maiores problemas com o andamento do campo.

ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

Para retratar como os indivíduos que circulam no centro de Belo Horizonte constroem narrativas sobre perigo, segurança e sentimento de vulnerabilidade sobre o crime, bem como quais são as representações sociais relacionadas a um lugar seguro, esta dissertação foi organizada em três capítulos.

No capítulo 1 são apresentadas as reflexões teóricas sobre a sensação de segurança, apontando como as representações sociais, o medo do crime e a percepção de perigo influenciam no modo como indivíduos interagem na sociedade. O capítulo também analisa o “paradoxo da segurança” tentando estabelecer outro modo de compreensão ao que alguns pesquisadores descrevem como um medo desarrazoado do crime em determinados contextos.

O capítulo 2 descreve os principais dados deste estudo, apresentando relatos de cada uma das pesquisas realizadas no centro de Belo Horizonte. Para uma melhor compreensão, as informações foram separadas em quatro categorias: A) Satisfação com a Segurança, B) Percepção de Perigo, C) Percepção de um local seguro, e D) Principais problemas e soluções apresentadas para a Segurança.

No capítulo final são analisados alguns dos principais resultados do trabalho. Nesta etapa, o estudo busca apresentar como as representações sociais descrevem a insegurança no centro da cidade, como este sentimento de desproteção vem acompanhado de uma intensa desconfiança entre a própria sociedade e do modo como atuam as instituições de segurança. Este sentimento de desconfiança generalizado explicaria o forte desejo de ampliação das instituições, adotando mecanismos mais incisivos na punição como forma de combater o crime, reduzindo a sensação de medo.

CAPÍTULO 1

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, INSEGURANÇA, CRENÇAS DE PERIGO E ESTRATÉGIAS DE PROTEÇÃO: UMA ABORDAGEM INTEGRADA

Ao redor de todo o mundo, os grandes centros urbanos têm convivido com um elevado sentimento de insegurança. Grandes cidades, detentoras de uma elevada taxa de urbanização, como Nova York, Cidade do México, Johannesburgo, Rio de Janeiro, entre outras, estão conhecendo de perto um profundo sentimento de desproteção que provoca o medo generalizado. Este cenário trouxe ao tema pesquisadores de áreas distintas que, tentando dar uma resposta satisfatória ao problema, buscaram nos seus campos de estudos uma forma de interpretar a situação através de um diagnóstico preciso. Disciplinas como a Geografia, Economia, História, Sociologia, Antropologia, Psicologia e Criminologia tentaram lançar mão de seus modelos teóricos, conceitos e métodos para observar e compreender o fenômeno. Após décadas desde os primeiros estudos sobre o medo, ainda que seja visível um aumento da quantidade de pesquisas neste campo, podemos afirmar que os resultados ainda soam muito tímidos diante da complexidade e do impacto que o sentimento proporciona ao cotidiano das pessoas. Se por um lado existe algum consenso acadêmico quanto aos efeitos nocivos da elevada sensação de medo, insegurança e percepção de perigo, por outro, é notório o número de lacunas que inviabilizam uma unanimidade destes mesmos estudiosos na explicação do fenômeno.

Olhando para o contexto brasileiro, é visível que este problema está longe de ser mitigado. A sensação de insegurança se apresenta difundida em toda sociedade (ANUÁRIO DE SEGURANÇA, 2015). Considerando as elevadas taxas de homicídios intencionais, responsáveis pelo óbito violento de quase 60 mil pessoas anualmente, pensar na redução do medo ou num aumento da sensação de segurança parece um horizonte bastante distante, principalmente quando compara-se a violência do país com a de outras regiões. Em um relatório realizado pelo Instituto Gallup que mede a sensação de insegurança em 141 países, o Brasil se encontra entre os treze piores, obtendo a mesma avaliação de países como Afeganistão e Uganda (GALLUP GLOBAL AND ORDER, 2015). Para chegar a estes resultados, a pesquisa mensurou sensação de segurança, a confiança nas instituições policiais, a percepção sobre a segurança quando caminham durante a noite e se teve algum membro da família vítima de algum assalto ou furto.

Esta sensação de insegurança não se encontra descolada dos dados. Ao confrontar o número de homicídios intencionais brasileiros com o de países em guerras civis³ – como exemplos Israel, Palestina, Iraque e Afeganistão - fica claro que não há nenhum motivo para comemorar, estando o país a frente destas regiões, muitas delas em conflitos durante décadas. Este sentimento de medo está atrelado ao que realmente acontece na sociedade brasileira e são uma marca constante em suas relações sociais.

Ao tomar por referência a vida em sociedade, também não se pode negar a influência de outros meios – não violentos - na promoção do sentimento de insegurança. Os meios de comunicação possuem um papel importante na própria compreensão da segurança. Por mais que estes meios de informação tenham por principal objetivo reportar notícias descrevendo os fatos cotidianos relacionados à vida em comunidade, eles não se encontram livres de críticas por parte dos estudiosos do tema. Segundo Barbero (2000), a televisão e os meios de comunicação possuem um forte poder na sociedade reforçando largamente o medo no imaginário. O principal problema ocorreria quando estes meios de divulgação promovem certo tipo de medo que não corresponde à estrutura da realidade. Eles influenciariam a privação do convívio com outros indivíduos, inibindo o estabelecimento de laços em determinado local. O sensacionalismo contido em certas matérias incentivaria uma abordagem pouco compreensiva sobre os reais problemas que cercam a segurança para a população. Ao contrário de um conteúdo informativo que indique as pessoas dados relevantes na compreensão do fenômeno, os meios de comunicação podem priorizar o que prenderia mais facilmente a atenção do público, transformando as exceções em regras e as constâncias em peculiaridades.

As conversas e opiniões difundidas na sociedade (sejam as descritas pela mídia e os meios de comunicação) cumpririam um papel importante na compreensão do problema. Este diagnóstico apenas reitera os desafios da segurança pública no país, fornecendo um terreno fértil para uma grande quantidade de relatos, experiências e narrativas que descrevem a sensação de segurança. A próxima etapa discorrerá mais sobre este tema.

³ Para mais informações (WAISELFISZ, 2015)

1.1 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A FALA DO CRIME COMO OBJETO DE ESTUDO

A expansão da violência e da criminalidade fez com que estudiosos do campo se questionassem quanto aos efeitos da atividade delituosa sobre o convívio social. Segundo diversos pesquisadores (MACHADO, 2003; MISSE, 1999, BORGES, 2011), a violência não deveria ser compreendida somente pelos seus efeitos individuais, analisados isoladamente, mas também através das suas manifestações coletivas que poderiam ser propagadas pela mídia, fala e construções simbólicas difundidas numa sociedade. Estas representações fariam com que os indivíduos categorizassem certas práticas como ameaçadoras com intuito de garantir sua proteção assegurando sua existência (MACHADO, 2003). Neste cenário, o crescimento da criminalidade violenta possibilitou que estas representações da sociedade ganhassem um papel crucial na socialização se tornando um elemento comum no cotidiano daqueles que moram nos grandes centros urbanos. Juntamente com a violência, apareceriam discursos caracterizando a segurança e estabelecendo determinadas práticas, indivíduos e locais como mais ou menos perigosos na tentativa de garantir sua sobrevivência. Este panorama possibilitou que a investigação da sociedade, através de suas representações sociais, aparecesse como um elemento crucial de análise para compreensão da violência. Agora, as atenções não se resumiriam a interpretação das ocorrências individuais ou índices que avaliariam cada um destes casos isoladamente, mas também através das falas e relatos que são apresentadas no cotidiano.

Para Simmel (2006), as conversas e interações dos indivíduos seriam elementos fundamentais na compreensão das relações existentes. A fala possibilitaria o reconhecimento do indivíduo dentro do universo em que está inserido. A partir da comunicação com outros, o mundo que compõe todo aspecto cultural em que está envolvido ganharia sentido compondo um aporte cultural em torno da vida em sociedade. Trata-se de tentar responder à seguinte pergunta: “qual a relação de comportamento, ação e representações de pensamentos coletivos, segundo os seus *valores*, com aqueles valores correspondentes que se expressam imediatamente por intermédio dos indivíduos?” (SIMMEL, 2006, p. 32). Tentar compreender como o medo do crime é gerado significa analisar a cultura como um sistema de crenças, valores e

atitudes produzidos a partir de interações entre os indivíduos; sistema este que é representado através das falas, que corporificam uma série de imagens sobre o que é o crime e como ele se manifesta em nossa sociedade.

Na *fala do crime*, o medo se propagaria na sociedade sendo capaz de modificar a atribuição de significado dos indivíduos (CALDEIRA, 2003). A partir desta fala eles estabeleceriam aquilo que é ou não permitido, separando os que agem corretamente dos que violam determinada moralidade, o bem do mal, e os que pertencem ao nosso grupo (nós) dos que não fazem parte dele (os outros). Segundo Caldeira (2003), as conversas acerca do crime difundidas numa sociedade permitiriam à coletividade criar modos de reconhecimento e identificação com mundo estabelecendo desde modos que poderiam incidir em preconceitos e estereótipos, busca desenfreada por proteção e, por vezes, em métodos particularistas e ilegais da justiça como mecanismo de interação na sociedade.

As emoções, sentimentos, e sensações de qualquer indivíduo provêm em grande parte da sua interação com os demais membros da sociedade e daquilo que cada qual percebe ao seu redor. A cultura em que o sujeito se encontra imerso fornece representações, crenças e categorias capazes de despertar entusiasmo, felicidade, raiva, paixão, temor, esperança, ódio, angústia, frustração (BORGES 2011). Entretanto, afirmar que os sentimentos possuem forte relação com a vida social, não significa afirmar que eles sempre correspondam aos episódios e fatos que ocorrem numa sociedade. Estes sentimentos nem sempre são respostas a uma situação ou a uma circunstância, podendo surgir através de expectativas, informações, experiências anteriores. Uma pessoa que não gosta de viajar de ônibus pelo fato de ter passado mal em outras ocasiões pode se sentir angustiada perante a possibilidade de ter de viajar novamente. Esta sensação não precisa aparecer simplesmente durante a viagem, mas, antes mesmo, perante uma conjectura, que nem sequer pode se concretizou, ou de uma reação a algo que ainda não aconteceu. O mesmo vale para uma pessoa que apostou durante anos na loteria e ainda se entusiasma ao conferir os resultados, mesmo sem nunca ter ganhado. Certamente, se a experiência fosse o único desencadeador destas reações, não haveriam muitas apostas. A estreita possibilidade de que uma pessoa vença, leva milhares ou milhões de pessoas a se entusiasmarem com esta possibilidade, mesmo que boa parte desta multidão saiba das suas chances remotas.

A vivência em sociedade fornece uma espécie de mapa cognitivo sobre situações a serem evitadas em razão do perigo que podem ensejar. Um sujeito pode adotar uma crença reagindo a uma circunstância que ainda não aconteceu ou que nem ocorrerá futuramente (BORGES, 2011). A partir do constante discurso sobre o sentimento de ameaça no meio em que convive, as pessoas poderiam se tornar nervosas, reagindo cautelosamente com quaisquer agentes externos que surgem enquanto possíveis agressores. Com medo, receosas de que estes desconhecidos possam lhe fazer algum mau, elas não forneceria o benefício da dúvida a estranhos ou aqueles que se enquadrariam numa descrição de percepção de perigo. Pela falta de confiança, elas acumulam uma raiva surda, não ouvindo os que estão em volta e, conseqüentemente, perdendo o controle sob o espaço de convivência. Sobre os efeitos dessa insegurança e medo adotados pelos indivíduos, entraremos em maiores detalhes na próxima etapa.

1.2 OS EFEITOS DO MEDO DO CRIME NA ORGANIZAÇÃO DA VIDA SOCIAL

Parte dos pesquisadores que estudam a sensação de segurança e perigo nos grandes centros urbanos buscam compreender o fenômeno através das representações sociais, especialmente das falas e comportamentos dos membros de uma dada sociedade. Ao contrário das análises bastante difundidas nos meios de comunicação e no senso comum em geral, estes estudos não detêm o crime como único elemento de compreensão do sentimento de insegurança, mas sim atitudes difundidas na própria comunidade, distanciada das práticas criminosas tomadas individualmente. Segundo estes estudos a busca desenfreada pela segurança seria uma das principais causas e conseqüências do aumento da sensação de insegurança. Em outras palavras, estes autores não priorizam a compreensão do sentimento de insegurança pelo elevado número de crimes, mas por outros fenômenos que podem estar difundidos no meio social. Tais abordagens costumam dar enfoque a dois aspectos.

O primeiro deles se volta para a análise do sentimento do medo na vida em sociedade. De acordo com Liska, Lawrence e Sanchirico (1982) o temor de vitimização seria responsável por desagregar os indivíduos, gerando desconfiança, quebrando laços de solidariedade e os distanciando da vida comunitária. Entretanto,

para outros atores (BAUMAN, 2009 CALDEIRA, 2003, CASTELS, 2003 e MUSIMECI, 1997), o importante é dar atenção às tecnologias e estratégias adotadas pelos indivíduos com intuito de promover a segurança. Segundo esta vertente, a busca desenfreada pelo estabelecimento da segurança impulsionou novas tecnologias que estabeleceram novos laços de solidariedade marcados pelo individualismo, segregação e o abandono do espaço público. Embora as diferenças, ambas vertentes utilizam das representações sociais como um critério analítico tendo por preocupação os fatores que originam o medo do crime e quais seus efeitos sobre a tessitura da vida social.

Considerando o elevado aumento do sentimento de medo ao longo dos anos, uma das principais preocupações apresentadas pelos estudiosos do tema se pautava em perguntar sobre os efeitos de tal sentimento no convívio social. Neste contexto, enquanto alguns autores buscaram compreender o fenômeno a partir dos seus efeitos nocivos (LISKA, SANCHIRICO e REED, 1989), outros destacaram uma importância funcional deste sentimento, diferenciando o medo de uma sensação generalizada de insegurança (GRAY e JACKSON, 2009).

Para alguns destes autores, um dos problemas relacionados ao medo consiste no impacto que tal sentimento traz à coletividade. Segundo Liska, Sanchirico e Reed (1989), o medo geraria efeitos nocivos na vida dos indivíduos e na sua interação com os demais, destruindo laços, aumentando a desconfiança e restringindo determinadas atividades no convívio social. Em estudos mais recentes, Farral, Gray e Jackson (2009) colocam um contraponto ao tema. Ao diferenciar um tipo de preocupação funcional de uma disfuncional quanto ao crime, os autores afirmam que o medo é algo positivo quando consegue fazer com que as pessoas se preocupem com a criminalidade, identificando riscos e gerindo a insegurança a partir do estímulo a vigilância e precaução. As reuniões de associações de bairro e moradores representariam uma destas instâncias. Através da mobilização de um grupo perante as demandas e problemas da segurança no local, seria possível que a própria comunidade buscasse alternativas, estabelecendo estratégias de manutenção da segurança. A partir do sentimento moderado de medo, um grupo poderia se organizar restabelecendo laços, provendo uma segurança comunitária, na busca pela manutenção da ordem e proteção. Os indivíduos seriam capazes de reorganizar seus

hábitos com intuito de se sentirem mais seguros e protegidos, estabelecendo novos critérios de convivência para suas relações.

Entretanto, não são apenas através destas instâncias que uma sociedade pode se organizar com o intuito de promover sua defesa. A ideia de auto-organização de uma comunidade e ocupação de determinados espaços, sejam eles públicos ou privados, pressupõe apenas a sua liberdade, não o conteúdo destas manifestações. Assim, um grupo pode perfeitamente se organizar com intuito de implementar formas de violência e segregação tão perversos quanto os que ele visa combater. Através de critérios de distinção que ultrapassem os mecanismos democráticos, seria não só possível como viável para um agrupamento empreender força contra qualquer sinal de atitude, desvio ou atividade infratora que desafie a ordem local. Um exemplo nefasto de como este sentimento e estes critérios de distinção poderiam acarretar interações pouco democráticas é o linchamento (MARTINS, 2015). Sob o argumento de que é preciso garantir segurança, determinados grupos poderiam lançar mão da violência passando por cima das instituições e dos direitos individuais. Estes justificações ameaçam o Estado de direito, colocando em risco não apenas “os outros”, mas também a própria comunidade que contribui para desencadear tais ações. O acentuado sentimento de medo seria um dos fatores que despertaria a necessidade de (re) tomar uma ordem e controle do ambiente, muitas vezes adotando critérios violentos para se proteger da própria violência. Estas iniciativas promoveriam novas regras de convivência, reformulando a solidariedade.

Fora do ambiente comunitário, a crença de que se está em perigo seria capaz de impulsionar a sociedade a um estado de desagregação social, bem como estimular atitudes de violência quando uma circunstância parece fugir da configuração inicial planejada. Esse sentimento provoca uma sensação de insegurança que pode colocar a pessoa mais pacata em um estado de constante cautela, lutando para se proteger a cada esquina que atravessa, sempre tenso a desordem na qual transita (BARBERO, 2002)

Então, o medo se torna um potencializador da desagregação da vida social quando inibe o estabelecimento de laços dentro da sociedade, prejudicando a qualidade de vida dos indivíduos a ponto de gerar privações e conflitos. Nesta circunstância, a falta de confiança no semelhante dentro de uma sociedade incentiva o medo fazendo com que as pessoas vivam sob uma forte tensão que desagrega e

inviabiliza uma convivência harmoniosa (BARBERO, 2002). O sentimento inclinaria ao fechamento do convívio com os demais, não mais se reconhecendo como parte que integra o local em que residem, mas como estranhos que transitam por um universo desconhecido.

Numa coleção de ensaios, James Q. Wilson (*apud* HARTNAGEL, 1979) afirma que o aumento da criminalidade não vitimaria apenas os indivíduos que sofreram com o crime, ela impediria e preveniria também um grupo de manter laços comunitários rompendo os elos formais e informais que uniriam uma vizinhança. Espalhando o medo tem-se a possibilidade de disseminação do crime predatório que danificaria as interações e impulsionaria as pessoas a fazerem cálculos visando apenas sua satisfação e interesses próprios. Embora o desejo por proteção seja algo não só natural como desejável por parte de uma comunidade, o problema se agrava quando este sentimento passa a ser desmedido se sobrepondo aos demais e desconsiderando toda a coletividade. Assim, o aumento do crime poderia desencadear uma falta de coesão existente na vizinhança, de modo que o medo da violência impediria a estabilização de laços capazes de formar um agrupamento coletivo.

Portanto, de acordo com a discussão que se disseminou nos EUA a partir dos anos 1960, o sentimento de insegurança pode dar ensejo a um círculo vicioso que, longe de promover melhoria da qualidade de vida dentro de uma comunidade, potencializa a desagregação. Para se protegerem, as pessoas recorreriam a recursos que promoveriam uma desagregação ainda maior, aumentando o medo e gerando um *loop* quanto ao que propunham combater. Em outras palavras, ao invés de gerar uma sensação de bem-estar e proteção, tal luta pela sobrevivência desmedida apagaria o fogo com gasolina, desvencilhando a comunidade, tolhendo as liberdades e propiciando um sentimento ainda maior de insegurança.

A partir das leituras acima seria possível levantar as ocasiões em que esta sensação de insegurança generalizada e disfuncional poderia gerar impactos negativos não só na vida daqueles que o sentem, mas também na de outras pessoas de uma coletividade. Alguns autores afirmam que parte destes problemas viriam da relação entre a iniciativa privada e a adesão por mecanismos de segurança, sobre este tópico há uma larga bibliografia que discorre sobre o assunto.

1.3– “PARADOXO DA SEGURANÇA” E A PERCEPÇÃO DE PERIGO

Na seção anterior, toda a discussão relacionada ao medo do crime estava ancorada na constatação de que a violência é algo premente na vida do indivíduo, posto que as taxas de vitimização são muito elevadas. Mas, o que dizer de países que não possuem elevadas taxas de crime e contam com cidadãos igualmente alarmados aos de um país em guerra civil?

A discrepância entre o sentimento do medo e a incidência de crimes fez com que parte da literatura enunciasse a existência de um “paradoxo da segurança” (LUPTON e TULLOCH, 1999, REGÔ e FERNANDES, 2012). Segundo estes estudiosos, seria difícil de justificar a sensação de medo em alguns países visto que suas taxas de violência e criminalidade não se apresentariam de forma tão expressiva como em outros contextos. Um estudo realizado por Barry Glasner (apud MOURA, 2006) sobre a cultura do medo nos EUA chega a afirmar a existência de uma “incongruência entre riscos estatisticamente calculáveis e imaginários compartilhados pelo “senso comum” (MOURA, 2006). Em outras palavras, para eles existiria determinado exagero na sensação de medo nestes contextos já que o perigo que faria jus ao sentimento se apresentaria de forma bastante tímida.

No entanto, em contraste com essa evidência objetiva” o mimado e paparicado “nós” sente-se inseguro, ameaçado e amedrontado, mais inclinado ao pânico e mais interessado em qualquer coisa que tenha a ver com a tranquilidade e segurança que os imigrantes da maior parte das outras sociedades que conhecemos (BAUMAN, 2009, p. 13).

Para compreender este suposto “paradoxo da segurança” é necessário admitir que a grande maioria das pessoas teme por sua vida, , assim, por menor que seja o risco, esses indivíduos não pretendem colocar sua vida em perigo. O fato de não estar em contato com a criminalidade não impede, nem torna menos legítimo, a percepção de perigo ou a sentimento de medo justamente pelo fato de que o crime não é o único gatilho da sensação de insegurança. Pensar que uma pessoa não precisa ter medo ou tomar medidas de precaução para sua segurança, já que seu contexto encontra-se pouco exposto a uma determinada modalidade criminal, seria o mesmo que admitir que um adolescente não precisa ter receio ou se precaver quanto ao uso de preservativos já que a ocorrência de determinadas doenças sexualmente transmissíveis em sua região é bastante diminuta comparado a outros locais. Ao tratar sobre a vida das pessoas, a máxima cautela pode parecer sempre ínfima justamente

por compreenderem que a menor possibilidade ou descuido pode ser o diferencial entre a vida e a morte. Se os métodos de proteção contra estas doenças ou quanto a criminalidade são realmente eficientes, é uma outra discussão, o que parece improcedente é considerar a preocupação de uma sociedade como ilegítima ou carente de fundamentação.

O paradoxo da insegurança, a ser ultrapassado, pressupõe que o leigo, em qualquer circunstância em que se encontre, deva ser capaz de, tendo em consideração os números oficiais, avaliar com adequação o grau de risco de ser vítima de um crime. Ou seja, pressupõe em cada cidadão comum um sujeito de escolha racional, sob pena de, não agindo assim, o seu medo ser rotulado de desarrazoado. (REGÔ e FERNANDES, 2011. p.55).

É possível comparar o medo do crime ao medo de andar de avião, embora sejam raros os acidentes aéreos, o medo de viajar neste transporte desperta maior temor na maioria da população do que em veículos comuns como carros e motos, mesmo que os acidentes com automóveis terrestres aconteçam com maior frequência. Neste caso, assim como na criminalidade, não foi só ocorrência de acidentes que determinou o medo das pessoas em serem vítimas. Seria ingenuidade esperar que este problema fosse solucionado a partir de uma progressão matemática em que a sensação de medo do crime, o sentimento de insegurança e a percepção de perigo seriam estritamente proporcionais ao quanto cada população se encontra ameaçada pela criminalidade.

É evidente que a criminalidade pode ter um impacto importante na elevação do sentimento, o que se distingue drasticamente de assumir que as interações humanas se dariam por uma fórmula universal em que a cada aumento na taxa de furtos, roubos e homicídios se elevaria proporcionalmente o sentimento de perigo ou medo a tais atos. Pelo contrário, em determinados contextos é extremamente plausível que a constância de atos criminosos levem os indivíduos a uma rotinização de crimes “violentos” fazendo com que os expostos a essa dinâmica não percebam com tanta gravidade no local.

Esta intrincada relação fica evidente quando olhamos para os estudos que analisam a correspondência entre sentimento de insegurança e taxas de homicídio. Embora a vitimização por violência letal e intencional seja muito maior entre jovens do sexo masculino, não são eles os que mais possuem maior medo da violência e criminalidade, e sim as mulheres e os idosos, perfis de indivíduos que possuem um número bastante reduzido de vítimas (SILVA e BEATO, 2013). Sobre este aspecto,

é pouco provável que algum estudioso chegue a defender a existência de um “paradoxo da segurança” afirmando que há preocupação excessiva ou despropositada por parte de mulheres e idosos, já que eles sofrem menos com os homicídios intencionais do que homens jovens. Outras variáveis têm que ser analisadas, como, por exemplo, o risco percebido, vulnerabilidade, perigo, as representações sociais e a fala do crime.

O argumento a ser sublinhado é o de que o medo do crime não é influenciado somente pela prática criminal, existe uma série de variáveis que podem culminar na percepção do medo de determinada população. Fatores culturais, históricos, sociais, geográficos e individuais podem estar intimamente relacionados ao sentimento do medo e percepção de perigo numa sociedade.

O perigo pode ser uma situação (como uma explosão inesperada) ou se encarnar em uma figura específica como pessoas dotadas de determinado hábito ou comportamento. Em ambas as circunstâncias, o sentimento de que se está em perigo tem como consequência a reconfiguração de um novo sistema de crenças, valores e atitudes sobre como interagir com os demais indivíduos em sociedade, quais são as áreas mais seguras e os indivíduos mais confiáveis. Na busca por previsibilidade, os indivíduos remodelam seus cursos de ação e de pensamento, criando novas narrativas e estratégias para manter a ordem e, desta forma, afastar atos violentos, que colocam em risco a sua segurança e propriedade.

Por isso, existe um certo consenso de que um dos principais efeitos do medo do crime é a percepção de que se está em constante risco, o que alguns autores denominam como crença de perigo. Por perigo deve-se compreender uma construção de que algo ou alguém representa uma ameaça à vida, propriedade ou bem imaterial. Tal circunstância aciona o sentimento de medo, a percepção de risco e a insegurança nos indivíduos (BORGES, 2011). Nesse cenário, o medo representa uma resposta emocional a elementos simbólicos que as pessoas criam para caracterizar o perigo.

A noção do medo como uma variável estritamente relacionada à violência foi algo bastante questionado entre os estudiosos do campo da criminologia. Como apresentado na seção anterior, o medo também poderia aparecer por representações sociais contidas na fala do crime. Estas representações contêm discursos que fundamentariam a vida destes indivíduos criando modelos de atribuição de significado

no cotidiano de cada um deles. Como exemplo, é possível pensar numa situação em que indivíduos sentem medo ao serem informados que existe uma fera atrás de uma porta. Ao tomarem ciência da notícia, muitos poderão sentir medo sem ao menos saberem se a fera realmente existe (BORGES, 2011). A simples possibilidade da ameaça já é suficiente para alterar o comportamento deles. Dado este exemplo, fica evidente que nossa percepção pode não se pautar exclusivamente na identificação factual de uma ocorrência, mas também de conjecturas e informações reproduzidas por terceiros.

Estas percepções dentro de uma sociedade poderiam se relacionar a uma construção pela fala do crime distanciada das experiências diretas vivenciadas por cada um destes sujeitos. Voltando ao exemplo da fera atrás da porta, agora, o problema consistiria em identificar se seria elevado demais o preço de abrir a porta para ver se a fera está ou não lá. Ou seja, devo ignorar as informações parciais que tenho para verificar se o perigo realmente existe, ou não, é melhor não girar a maçaneta, com medo de que, se sim, ela me abocanhe?

A percepção de perigo e o medo acabam retomando uma questão crucial para os indivíduos: a possibilidade de arriscar a vida. Nestes termos, a falta de um ordenamento em qualquer espaço pode tornar custoso demais para um sujeito dar um próximo passo arriscando a sua vida e sacrificando todo um aporte das suas representações e daqueles que compõe a sociedade.

A questão de ignorar determinadas informações parciais é algo que pode ser relacionado a uma lenda contada no interior de Minas Gerais em que uma menina, ao voltar da escola sempre relatava ao pai sobre um gato enorme que a observava. O pai duvidou da filha acreditando não passar de uma mentira da criança, apesar dos sucessivos avisos que ela lhe contava. Um dia, ao voltar do trabalho, o pai foi informado que sua filha havia sido encontrada morta por uma onça que andava circulando a região. Embora a história seja uma alegoria, pode-se extrair dela a seguinte pergunta em forma de moral: o pai deveria ter acreditado na remota possibilidade de haver um risco ou deveria confiar que casos como esses não passam de exceções que, por raras que sejam, não podem dar nenhuma sustentação a uma forma de compreensão da realidade? Em casos como esses, em que a vida é colocada em jogo, o ceticismo pode não aparecer como a melhor forma de lidar com os problemas cotidianos. Assim, ter uma representação de perigo a mais ou a menos,

pode surgir no imaginário popular como a diferença entre a vida e a morte. Pois, mesmo que tais casos componham a exceção daquilo que acontece na vida das pessoas, se o pai não tivesse ignorado tal representação, sua filha estaria viva.

Não se pode duvidar que o imaginário das pessoas é composto por representações que por vezes são estruturadas pelas exceções. A pergunta que um estudo no campo poderia levantar é até que ponto estas exceções são realmente apenas um desvio se elas compõem determinada constância no imaginário social.

Tomando por referência um país que possui quase 60 mil homicídios anuais, estando entre os que possuem a maior taxa de homicídio intencional por grupos de 100.000 habitantes, seria no mínimo curioso questionar a razoabilidade de parte da população em sentir-se insegura e com medo. Não é destituída de fundamento que boa parte da população observa o aumento da violência e da atividade criminal (ADORNO, 2006). A elevada quantidade de relatos e casos em que pessoas descrevem a morte de parentes, amigos e vizinhos pelo crime continua a crescer a cada ano.

1.4 AS CONSEQUÊNCIAS DO MEDO DO CRIME: PRIVATIZAÇÃO DA SEGURANÇA OU BUSCA POR PROTEÇÃO?

Algumas referências no estudo da segurança pública (BAUMAN, 2009 CALDEIRA, 2003, CASTELS, 2003, MUSIMECI, 1998) apontam para o processo de segregação e exclusão que o medo do crime poderia desencadear na relação entre os indivíduos dentro de uma sociedade. Para estes pesquisadores, o medo do crime possui uma faceta perversa, aproximando-os de um modelo de segurança privada que separaria, enclausurando e restringindo as liberdades dos indivíduos.

Nas últimas décadas houve um elevado aumento do contingente de pessoas trabalhando com segurança privada em todo o mundo. No Canadá, EUA e Grã Bretanha o número de policiais já se encontra reduzido pelo menos à metade do contingente de vigilantes empregados na iniciativa privada (CALDEIRA, 2003). No Brasil não foi diferente. Ao longo dos últimos anos, foi possível notar um amplo crescimento do mercado de segurança privada, uma vez que o número de indivíduos que declara ter essa ocupação é maior do que os que exercem as atividades de

policiais civis e militares (ZANETIC, 2009), os quais seriam os responsáveis pelo provimento da segurança pública.

Para Caldeira (2003), esta ampliação da segurança privada culminaria com a privatização da justiça atentando contra o Estado weberiano caracterizado pelo monopólio no uso legítimo da força. Em um cenário de temor e incertezas quanto à segurança, os indivíduos acabariam por adotar estratégias de sobrevivência às “ameaças”, seja recorrendo a um sistema de mercado de segurança ou modificando seus hábitos e comportamentos. Neste panorama, haveria o que a autora designa como um processo de fragmentação e privatização dos espaços públicos. Para sua efetiva proteção, os indivíduos fechariam determinadas áreas e construiriam grandes propriedades privadas como shoppings e grandes centros empresariais tendo por princípio a auto-suficiência e exclusão dos desviantes não pertencentes a mesma classe e estilos de vida (MUSUMECI, 1998). Estes enclaves fortificados seriam espaços privatizados detendo fortes mecanismos de controle e monitoramento destinados à residência, lazer, trabalho e consumo (CALDEIRA, 2003).

Os enclaves fortificados incluem conjunto de escritórios, shopping centers, e cada vez mais outros espaços que tem sido adaptados para se conformarem a esse modelo, como escolas, hospitais, centros de lazer e parques temáticos. Todos os tipos de enclaves fortificados partilham algumas características básicas. São propriedade privada para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito ao mesmo tempo que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. (CALDEIRA, 2003 p. 258)

Os enclaves convidariam um público seletivo que preferiria o ambiente fechado a ter de se deparar com o diferente, com a pluralidade. Observe-se a descrição que a autora faz desses espaços:

Eles atraem aqueles que temem a heterogeneidade social dos bairros urbanos mais antigos e preferem abandoná-los para os pobres, os marginais, os sem-teto. Por serem espaços fechados cujo acesso é controlado privadamente, ainda que tenham um uso coletivo e semipúblico, eles transformam profundamente o caráter do espaço público. Na verdade criam um espaço que contradiz diretamente os ideais de heterogeneidade, acessibilidade e igualdade que ajudaram a organizar tanto o espaço público moderno quanto as modernas democracias. Privatização, cerceamentos, policiamento de fronteiras e técnicas de distanciamento, criam um outro tipo de espaço público: fragmentado, articulado em termos de separações rígidas e segurança sofisticada, e no qual a desigualdade é um valor estruturante. No novo tipo de espaço público as diferenças não devem ser postas de lado, tomadas como irrelevantes, negligenciadas. Nem devem também ser disfarçadas para sustentar ideologias de igualdade universal ou de pluralismo cultural. O novo meio urbano reforça e valoriza desigualdades e separações e é, portanto, um espaço público não democrático e não moderno. O fato de

que este tipo de organização do espaço público se espalha pelo mundo inteiro no momento em que muitas sociedades que o adotam passam por transformações como democratização política, fim de regimes racistas e crescente heterogeneização resultante de fluxos migratórios, indica a complexidade das ligações entre formas urbanas e formas políticas. Além disso, indica que o espaço urbano pode ser arena na qual a democratização, a equalização social e a expansão dos direitos da cidadania vêm sendo contestados nas sociedades contemporâneas. (CALDEIRA, 2003 p. 12)

Para Caldeira, nas metrópoles ao redor do mundo, as classes mais altas teriam se apropriado do medo da violência para justificar novos meios de exclusão social. A construção de muros, a preferência por frequentar ou habitar locais com sistemas de vigilância, e monitoramento, como porteiros, seguranças, câmeras, cachorros, cercas elétricas, entre outros, representariam um sistema de segregação que restringiria a liberdade dos indivíduos, principalmente dos setores mais marginalizados. Tais estabelecimentos atrairiam um público hostil à diversidade. Ainda que tais locais tenham um uso destinado à sociedade, eles transformariam a dinâmica do espaço público funcionando como um reduto onde determinados grupos buscariam proteção contra agentes externos capazes de alterar ou ameaçar a ordem local. Para assegurar a organização deste espaço, os indivíduos recorreriam a ferramentas como câmeras de vigilância, muros, catracas, cercas elétricas e seguranças privados, que seriam os agentes responsáveis pela fiscalização, monitoramento e proteção do local. Este é o argumento central de Teresa Caldeira em sua obra *Cidade de Muros*, como indica a citação a seguir:

[...] como os ricos optam por viver, trabalhar e consumir em enclaves fortificados usando os novos serviços de segurança privada para manter os pobres e todos os "indesejáveis" de fora, os pobres tornam-se vítimas das novas formas de vigilância, controle, desrespeito e humilhação. Numa sociedade altamente desigual, a segurança privada irá apenas servir para aprofundar essa desigualdade. (CALDEIRA, 2003, p.204).

Moura (2006, p. 06) afirma que o Brasil tem se tornado o país da violência e do enclausuramento gerado pelos enclaves fortificados “onde os membros das ‘elites alienadas’ se encastelam em ilhas da fantasia onde podem se inocular dos perigos e impurezas do caos urbano tido como incontrolável”. Assim, “enquanto elites e parte das camadas médias compram espaços semipúblicos purificados e vigiados, grande parte das populações urbanas se vê privada de usufruir os bens e serviços que a cidade tem a oferecer” (Idem; ibidem).

Embora o estudo de Caldeira seja bastante utilizado no campo de estudo da segurança pública, é possível identificar lacunas e generalizações em sua análise. Segundo a abordagem estabelecida pela autora seria possível associar a busca por proteção e segurança na iniciativa privada como um refúgio daqueles que seriam incapazes de conviver com o diferente ou a pluralidade. Assim, a simples procura por um apartamento com porteiro já colocaria determinado sujeito como um candidato a intolerante, pouco afeito à diversidade social.

Finalmente os enclaves tendem a ser ambientes socialmente homogêneos. Aqueles que escolhem habitar estes espaços valorizam viver entres pessoa seletas (ou seja, do mesmo grupo social) e longe de interações indesejadas, movimento, heterogeneidade, perigo e imprevisibilidade das ruas. Os enclaves privados e fortificados cultivam um relacionamento de negação e ruptura com o resto da cidade e com o que pode ser chamado um estilo moderno de espaço público aberto à livre circulação. Eles estão transformando a natureza do espaço público e a qualidade das interações públicas na cidade, que estão se tornando cada vez mais marcadas por sua suspeita e restrição (CALDEIRA, 2003 p. 259).

A não ser que se considere boa parte da sociedade brasileira como intolerante, avessa à heterogeneidade e elitista, pode-se afirmar que algumas das conjecturas enunciadas descrevem apenas a caricatura das exceções. Então, se os grupos que se sentem ameaçados adotam os enclaves fortificados, como retrata Caldeira (2003), é possível imaginar que essa prática não seja um *modus operandi* restrito a uma parcela tão específica da população. Dito de outro modo, não são apenas as “elites” que buscam nos ambientes privados uma forma de se protegerem do caos urbano, mas sim a esmagadora maioria das pessoas. Diferentes segmentos da sociedade se sentem acuados com esta (des) ordem social caracterizada pela violência, criminalidade, desconfiança interpessoal e das instituições de justiça e da segurança pública. Tanto as elites, como as classes populares não devem ser vistos como “alienadas” por terem medo em um contexto de violência buscando por proteção dentro dos mecanismos legais fornecidos pelo próprio Estado.

Uma forma de vislumbrar essa afirmação é deslocar a lente para os comércios que compoariam os “enclaves fortificados”. Ao olhar para o contexto de pluralidade de parte considerável dos shoppings centers, incorporando diferentes lojas que vão desde relojoarias até grandes redes de supermercados justamente para atrair o grande público consumidor, inclusive das classes mais baixas, seria possível afirmar que o processo de segregação estabelecido pelas classes altas - que usam “o medo da violência e do crime para justificar tanto novas tecnologias de exclusão social

quanto sua retirada nos bairros tradicionais” (CALDEIRA, 2003 p.9) – fez tanto sucesso que se expandiu por toda sociedade. Segundo pesquisa realizada pelo data folha (2014), em São Paulo 73% da população adulta da cidade frequenta shoppings ao menos uma vez por mês e outros 25% por semana.

A busca por mecanismos de controle, monitoramento e vigilância é algo visível, patente em diferentes agrupamentos, independente do seu estrato econômico ou classe social. Comércio muito menos refinados como pequenos mercados, padarias, lojas de utensílios domésticos, mercearias, entre outros, utilizam destes mesmos recursos como forma de se proteger e evitar que, em caso de algum problema, tenham ao que recorrer já que a segurança perpetrada pelos agentes públicos é ineficaz. É importante destacar ainda que estes mecanismos não são apenas colocados de acordo com o interesse dos comerciantes, mas principalmente pelo público em geral, incluindo os setores mais pobres que frequentam o estabelecimento e se sentem mais seguros com estes mecanismos. A própria Tereza Caldeira ao analisar os rolezinhos⁴ descreve os shoppings como um local fundamental de lazer pelos setores populares.

Os rolezinhos atuais e o funk ostentação revelam não apenas quanto já mudou a estrutura de consumo popular, como também os desejos de que esse continue a se expandir. Apesar do pânico gerado pela ameaça de rolezinhos nos shoppings de elite, é significativo que a maioria tenha ocorrido nos shoppings das periferias. Há vinte anos, esses shoppings não existiam. Agora, estão por toda parte e talvez sejam a melhor prova da expansão do consumo de massas que ocorreu nas últimas duas décadas. Muitas de suas lojas são as mesmas que se encontram em shoppings em áreas mais ricas da cidade. Seus frequentadores são moradores das periferias, famílias, crianças, adultos e, é claro, jovens, para os quais os shoppings são um espaço fundamental de lazer. (CALDEIRA, 2014 p. 17)

Ao contrário das razões enunciadas por Caldeira, é possível enunciar que o fato de grande parte da sociedade procurar nos enclaves fortificados novas formas de interação, dotados de uma maior previsibilidade nas ações, sugere que os próprios

⁴ Entre o final de 2013 e início de 2014, uma onda de encontros ganhou relevo na opinião pública mobilizando visões distintas sobre o assunto. Os “rolezinhos”, como ficaram conhecidos, eram encontros agendados na internet por jovens que, em sua grande maioria, pertenciam a um movimento intitulado funk ostentação. Tal corrente surgiu em meados de 2011 enaltecendo um estilo de vida que valoriza o luxo, a riqueza material, caracterizada por roupas de marca e carros, e mulheres, retratados nas periferias dos grandes centros urbanos a partir do funk brasileiro. Embora tais encontros fossem realizados também em outros locais como parques e postos de gasolina, os rolezinhos ganharam destaque principalmente quando alcançaram os shoppings centers. Alguns dos encontros nestes locais chegaram a mobilizar uma grande quantidade de pessoas, como o evento que ocorreu no Shopping Itaquera reunindo cerca de 6 mil jovens em dezembro de 2013. Com medo, parte da população se mostrava assustada ao movimento, os donos de estabelecimentos dos shoppings fechavam suas lojas, e a polícia era acionada devido a denúncias de furto e arrastões nos locais. As administrações dos shoppings buscaram medidas com intuito de restringir os rolezinhos em seus estabelecimentos, proibindo a entrada de menores de idade desacompanhados dos pais ou atuando preventivamente pelo fechamento do shopping quando qualquer indício do empreendimento se manifestava nas redes sociais. Tal circunstância fez com que parte da sociedade levantasse algumas questões, dividindo opiniões entre pesquisadores, jornalistas e escritores.

espaços públicos estejam se tornando talvez muito mais excludentes e segregadores que os próprios ambientes privados. A busca pela segurança e previsibilidade das ações não estão diretamente relacionadas a práticas excludentes que legitimam a discriminação. Estabelecer laços, a partir da redução das incontinências, é algo que permeia a vida em sociedade, longe de ser uma característica exclusiva de grupos intolerantes dotados de alto poder aquisitivo. Reduzir a sensação de segurança a critérios econômicos, é simplificar a análise desconsiderando uma série de variáveis.

Há interpretações e estudos que permitem estabelecer conclusões distintas e, até mesmo, antagônicas à de Caldeira (2003) na compreensão do fenômeno. Como exemplo, o estudo realizado em 2006 na cidade de Belo Horizonte pelo Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública da Universidade Federal de Minas Gerais (CRISP/UFMG) trouxe alguns resultados interessantes que podem ser utilizados para compreender o medo nos grandes centros urbanos. Segundo Silva e Beato (2013), a renda da população medida individualmente não apresentou nenhuma relevância estatística em relação ao sentimento de medo do crime. Em outras palavras, o estudo demonstra que não é possível identificar variações significativas no medo quando comparamos a renda dos indivíduos. Tal informação traz alguns empecilhos aos estudiosos que buscam explicar a incidência do medo a partir de uma relação de desigualdade de renda, luta entre classes, ou estrato econômico.

Castels (*apud* BAUMAN, 2009) chega a afirmar que parte da culpa envolvendo este sentimento de insegurança se relaciona ao próprio individualismo moderno. Para o autor, a sociedade moderna substitui o sentimento de unidade na vida comunitária a partir da supervalorização do indivíduo, eximindo-o de determinados vínculos com a sociedade. Esta conjuntura tornaria o próprio indivíduo como responsável por cuidar e fazer por si mesmo a segurança. Para evitar a ser vítima de crime, o indivíduo se enclausura. Citando Castels, Bauman (2009, p. 13) aponta que o “mimado e paparicado ‘nós’ sente-se inseguro, ameaçado e amedrontado, mais inclinado ao pânico e mais interessado” na segurança do que aponta a “evidência objetiva”. Embora a teoria de Castels e Bauman busque tecer grandes poderes explicativos para compreensão de um movimento amplo que ocorreria em determinadas sociedades é necessário fazer algumas ressalvas.

Independente da legislação ou do contexto analisado, é impossível a um Estado ou órgão de aparato público realizar a segurança em tempo integral de todos

os indivíduos dentro de uma sociedade, pois isso significaria termos quase um policial e uma câmera para cada cidadão. Assim, por mais que a polícia seja extremamente eficiente, os membros de uma comunidade poderão ser impelidos ocasionalmente a se protegerem utilizando recursos privados para sua defesa, seja construindo muros, grades de proteção nas portas, cercas, câmeras ou até mesmo a utilizando da força física. Se em países com baixa criminalidade e forte segurança pública é forçoso que isso possa acontecer, o que podemos imaginar das regiões onde o aparato público se encontra extremamente deficitário?

Em determinados países, como o caso o brasileiro, a ineficiência da segurança pública é algo notável. Poucos são os indivíduos que veem na polícia um mecanismo eficaz de proteção ao crime, o que explica a baixa confiança na instituição e a procura pela segurança privada. Não são escassos relatos de moradores vítimas de roubos, furtos e tentativas de homicídio que recebem a polícia horas depois da ocorrência do crime. Nestes contextos, as pessoas acabam não conseguindo recorrer às instituições policiais, tornando a segurança privada uma saída não só para se sentir seguros, mas para conseguir interagir dentro do caos urbano. “O dever individual de cuidar de si próprio” (BAUMAN, 2009, p. 16) não é uma característica da modernidade, mas sim uma realidade que compõe a própria estrutura da realidade na vida com outras pessoas. Caracterizar o Estado como detentor do monopólio do uso legítimo da força não implica impedir as próprias pessoas de agir buscando uma maior proteção. Amparadas pelas leis e pelo próprio Estado, fazendo valer as regras do jogo, a segurança privada adotada por pessoas (ou grupo de indivíduos) não atenta contra as forças públicas.

Existe um abismo entre o uso privado da força utilizado para garantir a segurança individual e a privatização da segurança pública por parte de agentes privados que se apropriam do sistema de justiça. Confundir estas duas situações seria o mesmo que não diferenciar alguém que coloca uma cerca no quintal de casa, da ação das milícias ou grupos de extermínios.

Nesse cenário, adotamos uma postura diferente da destacada por Teresa Caldeira. Este trabalho não tomou as relações de classe (estratos econômicos) como elemento chave para compreensão do sentimento de segurança. Por mais que exista uma influência do poder econômico na capacidade que um indivíduo tem de se proteger, este trabalho não acredita que a sensação de segurança e desejo por

proteção seja algo restrito a uma parcela da população que, através do seu poder econômico, segregaria as demais a partir da “privatização dos espaços públicos”.

É visível que a proteção privada pode ser mobilizada de acordo com a capacidade do sujeito em arcar com as despesas na construção de uma cerca, da contratação de seguranças armados ou, ainda, pagamento de milícias. Entretanto, a investigação deste tema ultrapassa os objetivos deste trabalho. Na próxima sessão serão descritos os pontos de análise do estudo.

COMO ESTUDAR O SENTIMENTO DE INSEGURANÇA, CRENÇAS DE PERIGO E MECANISMOS DE PROTEÇÃO?

Ao analisar a sensação de segurança e seus desdobramentos (como a crença de perigo e os mecanismos de proteção) é necessário compreender que os sistemas de crenças, valores e atitudes que orientam a vida do indivíduo em sociedade abarcam uma grande quantidade de variáveis que remetem a experiências, relatos, sensações e modos de compreender a existência de cada um dos indivíduos. Por mais que seja importante estabelecer um modelo de compreensão quanto ao que proporciona a sensação de segurança, é inevitável que ela sempre irá abarcar uma grande quantidade de informações e conceitos que se produzem e se constroem a partir das mais variadas experiências e interações, conforme cada um dos contextos analisados.

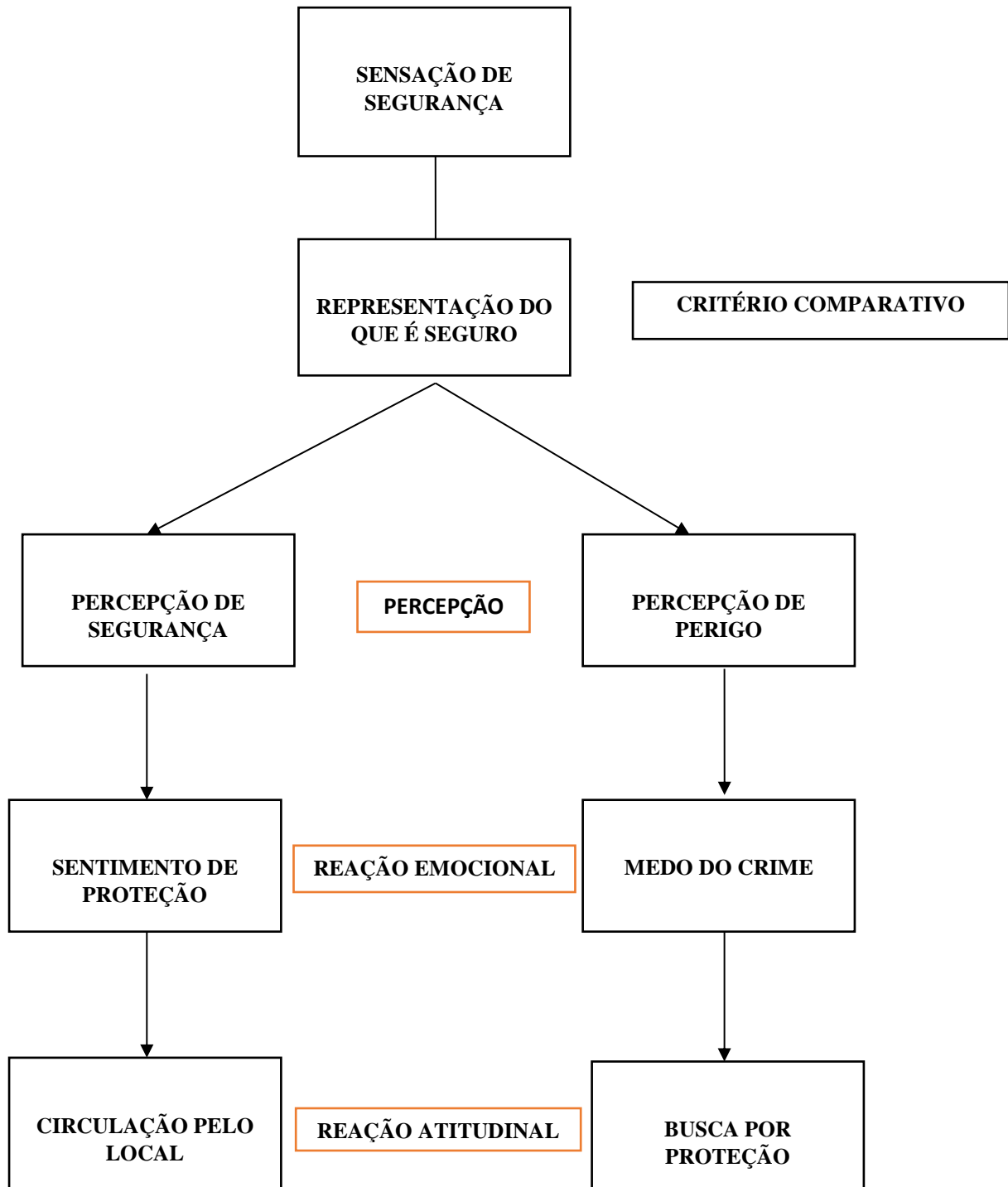
A análise de como os indivíduos sentem a segurança não pode ser separada de uma representação do que é seguro. Quando o indivíduo identifica um local como desprotegido ou detendo maior proteção, estabelecem-se informações que estão diretamente relacionadas à sensação de segurança de alguém sobre determinado espaço. Esta representação seria como um critério de referência analítica. Assim como para estabelecer alguém como baixo é necessário um critério comparativo quanto à altura, para estabelecer algum local como seguro seria também necessário uma representação sobre o que é um local inseguro.

Um outro elemento associado a sensação de segurança é o sentimento de medo e de estar protegido. Seria difícil sustentar que um sujeito que possui um medo elevado ou que reconhece determinado local ou grupo de pessoas como perigoso não

utilize destas informações para formular suas impressões sobre a segurança de uma região. Pelo contrário, neste caso, a própria percepção de perigo e o sentimento do medo são as informações que determinam a sensação da segurança deste sujeito em determinado lugar. Afirmar o inverso seria o mesmo que admitir que um indivíduo pode identificar algum perigo (quando passa por determinado local) e medo (ao encontrar com as pessoas que transitam por lá) e, ao mesmo tempo, descrever que se sente seguro quando tem de passar pela região. O sentimento de medo sobre algo, ou a percepção de perigo ligada a um comportamento, modo de vestir e falar aciona uma avaliação sobre certos valores que não podem ser cindidos de uma visão global envolvendo a sensação de segurança.

Esta sensação se pauta por uma hierarquia de valores, de modo que perceber algo enquanto seguro só pode ser acompanhado com a identificação do seu contrário. Desta forma, não seria possível descrever um local como perigoso sem ter por parâmetro comparativo, mesmo que vagamente, uma representação de um local seguro. Segurança e perigo só existem de forma antagônica, entretanto, o critério de identificação de uma só procede pelo referencial da outra. Ambas despertariam emoções e atitudes distintas em cada um dos indivíduos. Enquanto a percepção da segurança incentiva o sentimento de estar protegido, facilitando que transitem pelo local, a identificação do perigo incentiva o medo e a busca por proteção. A figura abaixo esquematiza um modelo de compreensão sobre a sensação de segurança.

FIGURA 1 – SENSAÇÃO DE SEGURANÇA: CONEXÃO ENTRE SENTIMENTO DE SEGURANÇA, CRENÇA DE PERIGO E ESTRATÉGIAS DE PROTEÇÃO

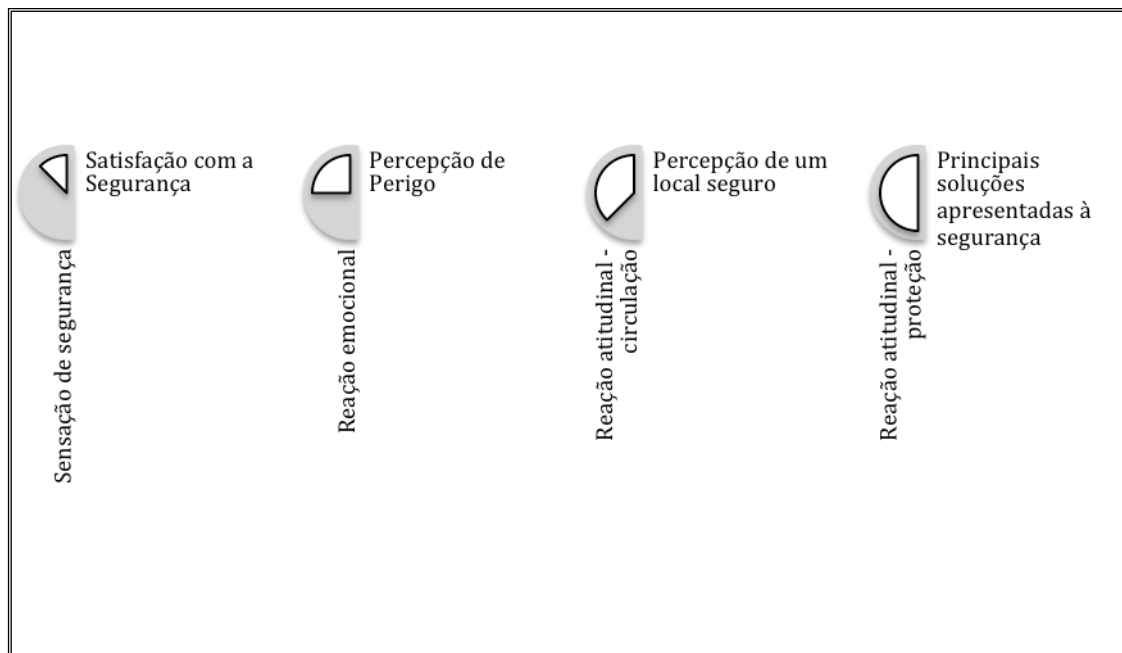


A sensação da segurança é construída através da representação do que é seguro. Esta representação seria como um critério de comparativo utilizado na identificação de cada uma das percepções, sobre a segurança e o perigo. Elas são

caracterizadas pela percepção do indivíduo afirmando que determinado local, circunstância ou sujeito (ou grupo) são seguros ou perigosos. Estas duas percepções podem dar origem a duas reações emocionais, o medo do crime ou o sentimento de proteção. Se os indivíduos se sentem protegidos, como, por exemplo, através do policiamento ostensivo, muitas seguranças e câmeras, ele circula pelo local. Em contrapartida, quanto maior a percepção sobre o perigo, caracterizada pela ausência de mecanismos de proteção, a tendência a buscar refúgios evitando circular por certos espaços torna-se prioridade. Quando acionados, cada um destes elementos se associam a informações que estão diretamente elencadas com a sensação de segurança dos indivíduos.

Com base neste modelo, buscou-se compreender a sensação de segurança, as crenças de perigo e as estratégias de proteção que são acionadas pelos indivíduos que circulam no centro de Belo Horizonte. Para tanto, foram criadas quatro categorias de análise, cada uma se conectando com uma dimensão do modelo anterior.

FIGURA 2 – CATEGORIAS DE ANÁLISE CONECTADAS ÀS DIMENSÕES DO MODELO TEÓRICO



Para a melhor compreensão do significado das categorias de análise, será apresentada uma breve descrição de cada uma delas.

1.6 SATISFAÇÃO COM A SEGURANÇA

Na categoria *Sensação de Segurança* foi analisado como os entrevistados avaliam a segurança no centro de Belo Horizonte, como se sentem e suas respectivas justificativas. Estas informações foram fornecidas em sua grande maioria em resposta as questões número um e dois do roteiro de entrevistas. A primeira questão perguntava como as pessoas viam o Centro de Belo Horizonte em relação a segurança, já a segunda questionava a sensação de segurança no local em que a entrevista era realizada. Considerando o caráter semiestruturado das entrevistas, também foram apresentados trechos e falas de outras perguntas em que os participantes apresentam informações adicionais sobre a sensação de segurança como, por exemplo, quando eles narravam alguma situação em que foram vítimas de algum crime ou presenciaram algum delito.

A análise da *Percepção de perigo* tem por intuito demonstrar quais fatores as pessoas apresentam como uma ameaça trazendo-lhes alguma forma de perigo. Estas percepções relatadas ainda foram divididas segundo locais, circunstâncias, e pessoas. A terceira categoria, *Percepção de um local seguro*, apresenta a caracterização das pessoas quanto ao que elas identificam como um local protegido. Esta questão teve por intuito apresentar aquilo que os entrevistados descrevem ou imaginam representar a segurança. Para analisar esta categoria, foram utilizadas as questões 12 e 18 do roteiro semiestruturado. Estas questões perguntavam, respectivamente, para o entrevistado o que seria um local seguro, e se existe algum local no centro de Belo Horizonte em que ele se sentia seguro. Por fim, nos *Principais problemas e soluções apresentadas para a segurança* foram descritos os relatos que apresentam falhas e alternativas para melhorar a segurança no centro de Belo Horizonte. Foram utilizadas como principais referências analíticas as questões número 13 e 20. A questão 13 perguntava o que aumentaria a segurança no local, e como ela era exercida, enquanto a questão 20 perguntava o que poderia ser feito para melhorar a segurança e reduzir o perigo para as pessoas no centro de BH.

**CAPÍTULO II – A (IN) SEGURANÇA E (DES) PROTEÇÃO:
UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE O CENTRO DE BELO HORIZONTE**

Neste capítulo serão apresentadas as principais informações envolvendo a percepção dos indivíduos em relação a (in)segurança e suas crenças de perigo sobre do Centro de Belo Horizonte.

Para ter uma visão geral sobre a percepção dos entrevistados envolvendo a segurança, logo abaixo seguem os dados correspondentes à questão 10 que analisa a sensação de segurança no Centro de Belo Horizonte.

TABELA 1 – SENSAÇÃO DE SEGURANÇA NO CENTRO DE BELO HO RIZONTE

Sensação de Segurança no Centro de Belo Horizonte - MG	
Muito Seguro	01,1%
Seguro	18,3%
Inseguro	32,3%
Muito Inseguro	39,8%
Depende do Local	08,6%
TOTAL	100%

As informações acima indicam que as pessoas que se sentem inseguras superam muito as que identificam segurança. Enquanto 19,4% (somando muito seguro com seguro) afirmam a proteção do local, a grande maioria (72,1%) descrevem a região como insegura. É importante reiterar que o maior valor apresentado é daqueles que apontam muita insegurança (39,8%). Alguns entrevistados afirmaram não poder opinar dentro das categorias estabelecidas declarando que a segurança dependeria muito do local analisado. Para estes entrevistados foi criada uma nova categoria totalizando 8,6% que afirmam que a sensação variaria dependendo do ambiente no centro da cidade. É importante afirmar que os dados acima não possuem significância estatística correspondente ao número de pessoas que transitam pelo centro de Belo Horizonte. Eles apenas indicam uma visão geral das pessoas que participaram deste estudo. Esta visão geral encobre alguns elementos cruciais sobre as sensações e percepções daqueles que transitam pelo centro de Belo Horizonte. Para tanto, o estudo deu atenção a uma análise qualitativa. Na próxima etapa, foram extraídos alguns trechos das entrevistas, procurando falas que caracterizassem cada um dos

tópicos analisados, conforme o framework desenhado ao final do capítulo anterior. Os trechos em negrito caracterizam as falas do entrevistador ou referências que contextualizem as narrativas do entrevistado. É importante lembrar que os nomes originais foram trocados para garantir o anonimato dos participantes da pesquisa.

2.1 SATISFAÇÃO COM A SEGURANÇA

Conforme apresentado no diagrama do capítulo anterior, o primeiro tópico analisado foi a satisfação com a segurança. Segundo a literatura especializada, a busca por proteção é decorrência de uma insatisfação geral com a segurança pública. Esta insatisfação leva diversos indivíduos a se enclausurarem no convívio privado, adotando estratégias de defesa que vão desde a construção de muros até a instalação de câmeras e compra de armas.

De acordo com o estudo seminal de Park e Burgess ([1925], 1992, p. 27), nas grandes cidades, os indivíduos são removidos dos seus contextos mais imediatos de sociabilidade, sendo obrigados a conviver com pessoas de valores distintos, o que cria diversas dificuldades, sendo a imprevisibilidade e, por conseguinte, a insegurança uma delas. Os autores chamam atenção ainda para como o centro da cidade é o principal *locus* deste tipo de sentimento, dado que nele circulam diversos indivíduos que não residem na área impedindo a construção de um sentimento de pertencimento, de vizinhança propriamente dito. Neste cenário, é de se esperar que a sensação de insegurança de quem circula pelo centro de grandes cidades, como é o caso de Belo Horizonte, seja bastante elevado.

No centro, na verdade, assim, o índice de insegurança... muito alto, cara. A gente anda meio tenso aí [...]. Eu acho muito inseguro. Principalmente em algumas partes do centro. (Entrevista 8)

[...] Mas não tem nada “seguro” aqui não, é tudo inseguro mesmo! (Entrevista 1)

[...] Inseguro! Não tem segurança. Nós não temos segurança! Só Deus para dar segurança! (Entrevista 7)

É inseguro né? Porque... a sociedade hoje em dia anda tão distraída e as oportunidades estão muito a frente. Então muitas pessoas de má fé utilizam dessa oportunidade e acaba sendo insegura por falta dá... “registro” da própria pessoa e também dos meios públicos que você vai ver tanto a segurança, tanto o pessoal por aí... às vezes você pede socorro e não vem. (Entrevista 10)

Nota-se uma forte sensação de insegurança dos entrevistados em relação ao centro da cidade de Belo Horizonte. Embora existam entrevistas que apontem o Centro como um local seguro – serão apresentados posteriormente - a esmagadora maioria dos relatos descreve uma preocupação elevada com o sentimento de desproteção proporcionado pela região. Um dos fatores utilizados para justificar esta percepção foi a vivência de determinados acontecimentos pelos próprios entrevistados. Nestes relatos, foram descritos roubos, agressões e furtos que não resultaram em qualquer providência por parte das instituições responsáveis pela segurança pública, o que parece gerar tanto desconfiança em relação às polícias quanto ao público que circula pelo centro em geral.

Acho que é inseguro [...] Por causa que, tipo assim, algumas áreas...tipo assim.... algumas áreas são muito seguras. Mas em outras já não são. Por causa que ali para baixo ali, tipo assim, que eu acho que ali é menos movimentado sabe? E é ali que eles aproveitam. Porque eu mesmo já fui assaltado no ponto ali embaixo. Aí na hora, assim, não tinha ninguém para...pedir... ajuda, sabe? Aí algumas partes são inseguras, outras não. (Entrevista 4)

Escassa né? [...] Muito insegura! Eu acho que... estes assaltos, estas coisas que acontecem aí é mais por causa disso. Porque na hora que você mais precisa da polícia militar eles nunca estão perto, e quando estão perto eles fazem vista grossa, né? Igual aconteceu semana passada mesmo, minha irmã foi assaltada, dois policiais do lado da rua, fingiram que nem estavam vendo, entendeu? (Entrevista 13).

Na entrevista 31, uma senhora de 63 anos demonstra uma insatisfação ao descrever o dia em que foi assaltada. Segundo ela, três rapazes a atacaram enquanto estava no ônibus, entretanto, nem o trocador nem o motorista tentaram protegê-la do ocorrido. Seu relato apresenta determinada angústia quanto ao comportamento das pessoas ao redor naquela ocasião.

[...] Acho muito inseguro tudo. Fico assim com qualquer coisa, olha aqui, sabe porque que tem isso aqui? Livro, aqui? Porque eu fui, três moços me atacaram dentro de um ônibus e o.... o trocador, a trocadora não fez nada, o motorista não fez nada. Então eu tinha uma pasta (inaudível). Agora eu ando com tudo à mostra para ver se não me atacam. (Entrevista 31)

A impessoalidade faz com que a satisfação com a segurança no Centro seja diminuta, o que se torna evidente na entrevista 7. O entrevistado de 34 anos afirma que não é possível confiar em ninguém. O morro, local onde mora, que é constantemente associado a violência seja no senso comum, nos meios de comunicação ou no próprio âmbito acadêmico, é caracterizado por ele como um local mais seguro do que o centro da cidade em que foi agredido em duas ocasiões.

Reforça-se, assim, a ideia de Park e Bugess ([1925], 1992), de que o sentimento de segurança e, conseqüentemente, a satisfação com a segurança são variáveis dependentes de interações que geram previsibilidade, confiança e sentimento de pertencimento a uma determinada área.

Eu já fui roubado duas bikes minhas aqui. Doze mil de prejuízo aqui na praça. Não tem segurança nenhuma! [...]Ah! Hoje você não pode confiar em ninguém que está sentado na praça, você não sabe se está olhando para você se daqui a pouco ele já vai pular em você para roubar você ou outras pessoas então...você não tem segurança, infelizmente, a segurança, aqui, falta! Total! Não tem outra explicação para isso! Não é seguro! Para mim não é seguro. Ou, eu falo com você de segurança...Eu, eu moro dentro do morro, eu tenho mais segurança no morro do que no centro da cidade, entendeu? (Entrevista 7).

No entender de Park e Burgess ([1925], 1992, p. 28), o crescimento das cidades fez com que as relações de pessoalidade, característica de organizações familiares, fossem substituídas por relações de impessoalidade e, com isso, a regulação antes feita pela família, passa a ser exercida pelo direito positivo. É neste cenário que as organizações policiais assumem proeminência, como a instituição responsável por aplicar essas leis, por controlar o comportamento dos indivíduos e, dessa forma, garantir previsibilidade e alguma segurança nas interações. O centro da cidade seria o lugar principal de atuação das polícias justamente por ser um território de impessoalidade, de circulação de indivíduos sem conexões uns com os outros.

Logo, outro fator que também aparece com muita frequência é a ausência do policiamento, principalmente quando anoitece. Esta circunstância possui uma forte marca ao longo do texto sendo utilizado não só para descrever a insegurança, mas como uma falha dos agentes responsáveis pela segurança pública. Embora seja notável que muitos entrevistados descrevam a existência do perigo em todos os horários, esta percepção apareceu de forma mais acentuada durante a noite, quando diminui a circulação de pessoas e do aparato policial.

Aqui, no centro, à noite, é perigoso, viu? Eu acho que na noite – ando pelo dia – à noite aqui, aqui, ela não é boa não! Acho que é a falta, é a falta do policiamento que não tem né? A escassez que já não tem mesmo. Acho que falta, em todo país não tem mas é escassez de segurança mesmo. (Entrevista 14).

Também apareceram com constância nos relatos a falta de estrutura da segurança; restrições às liberdades, tendo em vista os riscos que estão submetidos ao realizarem determinados atos cotidianos, como atender a um celular transitando pela rua; incapacidade e fraqueza da instituição policial em lidar com a segurança.

Ah, eu acho bem difícil. Tipo assim, não tem muita ação da polícia, eu acho que deveria ter mais. Por exemplo, eu comprei um celular, fiquei com ele apenas dois dias e fui roubado, entendeu? Eu acho que se tivesse mais policiais na rua isso evitaria de estar acontecendo. (Entrevista 81)

A entrevistada número 11, uma jovem de 19 anos, relata um caso em que foi vítima de um assalto e tentou recorrer aos policiais. Contudo, ao informar do ocorrido aos agentes públicos, eles não só não tentaram empreender nenhuma ação para restituição dos bens da vítima, como ignoraram a demanda. Tal ocorrido foi utilizado pela entrevistada para ratificar seu sentimento de insegurança e descrença com a instituição.

Ah, muito insegura. Olha, não tem muito... como fala... policiamento... não tem um lugar onde se a gente for assaltado ir correr... na hora (inaudível). Eu fui assaltada aqui uma vez e tinha um policial ali ó...(apontando) perto daqueles telefones, eu fui assaltada ali embaixo, me assaltaram, fui lá falei, não deram a mínima. Então, mesmo se tiver, tem alguns que não se importam muito pelas coisas da gente. (Entrevista 11).

A fragilidade do policiamento seja pela ausência de policiais, fraqueza dos mecanismos institucionais ou despreparo dos agentes é visto como o principal alvo dos entrevistados. Na entrevista 7 proferida por um homem de 34 anos, é possível notar não apenas uma insatisfação com a polícia, mas uma caracterização de que a instituição estaria despreparada para agir de forma prudente em certas circunstâncias.

Lá na sua casa, dentro do morro você tem liberdade, ninguém mete a, ninguém coloca você na parede toda hora, fica revistando você, entendeu? Aqui no centro, toda hora, você pode ser o trabalhador, o que for, os caras estão jogando suas coisas no chão. O bandido na favela não faz isso com ninguém não sô? E uma, outra, ninguém morre no morro de graça, entendeu? Quando acontece alguma coisa é porque aquela pessoa já passou bem do limite, entendeu? Aqui no centro não, aqui é, se uma pessoa foi roubada e eu estou de boné na cabeça e uma bermuda se polícia fa... se a mulher falar: “é aquela pessoa ali!”. Eles acreditam. Então, tipo assim, é falta de treinamento, entendeu? (Entrevista 7).

Na entrevista 17, um senhor de 61 anos, reclama da falta de ação da polícia quanto à venda de drogas que ocorre na praça sete ao longo do dia. Segundo ele, embora existam policiais no local e eles presenciem o comércio ilícito, eles pouco fazem para aplicar a lei ou impedir a sua prática, o que levantaria dúvidas sobre a idoneidade de alguns membros que trabalham na corporação. Para este senhor, apesar de não serem todos corruptos, esta circunstância mancharia a instituição fazendo com que os bons sejam associados aos maus.

Você vê viatura passando do lado deles vendendo e não fazendo nada. Isso é que eu acho errado. Aí o pessoal imagina. Será que o policial está com complô em relação a isso? Será que ele é o chefe? Porque muita gente pensa

isso, eu, particularmente, eu penso. Porque se o policial está passando do lado vê o cara vendendo, não faz nada, alguma coisa ele está ganhando ali. Aí tem os policiais certos e os corruptos, então os certos, hoje em dia, estão pagando pelos corruptos. (Entrevista 17).

Além das críticas à instituição policial, boa parte dos entrevistados justifica que a sensação de insegurança ocorre justamente pela ausência da polícia. Por exemplo, o mesmo entrevistado 7, que fez duras críticas à polícia, associa a falta de segurança a ausência de policiais.

Então polícia nenhuma você está enxergando. Se o cara roubar aqui agora. É... vantagem para o ladrão, desvantagem para quem foi roubado ué... entendeu? (Entrevista 7).

Outros entrevistados tendem a concordar com a visão de que a segurança no centro da cidade apenas será produzida se novos policiais forem lotados, de maneira bastante ostensiva, nos principais pontos de circulação dessa área.

Inseguro! [...] Porque a hora que você mais precisa não tem! Você quase não vê policial rodando, sempre, quando precisa, eles estão mais distantes. E ultimamente a violência cresceu muito: roubo... devido à dificuldade que nós estamos passando. (Entrevista 6)
É insegurança né, roubo... não tem segurança nenhuma aqui não. Policiamento fraco, no natal eles reforçam um pouco mas não tem segurança nenhuma não (Entrevista 76).

Reforce-se que um outro elemento associado a questão que aborda a sensação da segurança dos indivíduos no centro de Belo Horizonte é o acesso à polícia de maneira que, em momentos decisivos, quando o público mais precisa, ela não estaria presente para prestar socorro ou auxílio.

Ah cara, eu vou falar com você a verdade: péssima! Péssima! Na hora que a gente precisa eles demoram 20 minutos, 30 minutos no máximo 50 minutos...quando a gente não precisa, eles estão passando perto da gente toda hora.... passando no carro. Se um cara tiver de roubado ali, se a gente precisar deles, a gente não acha eles. Pode procurar para todo lado que você não acha. Entendeu? Se você não estivesse precisando, você achava dois, três em cada esquina. (Entrevista 65)

Muitos relatos retratam um panorama em que há forte necessidade de mudança de hábitos e comportamentos, em especial, por parte dos policiais que parecem mal treinados para o exercício de suas funções.

Porque eu vejo o que tem de segurança aí, tem poucos policiais, além de ser poucos policiais (inaudível) que não estão interessados em trabalhar porque não adianta prender o cara aqui e chegar lá na delegacia o delegado mandar ele voltar para rua de novo. (Entrevista 9)
Ué, falta de policiamento, não é? E mais profissionalismo não é? Eu acho que os policiais hoje não estão mais tão profissionais. (Entrevista 77).

A ausência dos policiais para exercício do controle dos que circulam no centro da cidade, como pontuado por Park e Burgess ([1925], 1992, p. 30), gera uma série de sentimentos e atitudes que têm como consequência a necessidade de evitar o outro, pois não se pode garantir como ele irá agir. Aparentemente, essa é a situação do Centro de Belo Horizonte, onde os entrevistados relatam a importância de estar sempre em vigília, atentos às possibilidades de serem vítimas de algum roubo, furto ou atitude criminosa. A entrevista 29 exemplifica bem o caso. Segundo a entrevistada de 29 anos, não importa o período, dia, tarde ou noite, a insegurança é iminente. Pequenos furtos, assaltos fazem parte da rotina do local.

Inseguro, super inseguro. Principalmente... na verdade, hoje em dia não tem isso de ser de manhã de tarde ou de noite é... ao longo do dia inteiro mesmo. Por que eu já sofri várias tentativas de assalto aqui no centro, eu já vi aqui de manhã, a tarde também e eu volto do cursinho a noite também, eu volto para casa onze horas. Então, meu ponto de ônibus é super constante, mesmo estando cheio. (Entrevista 29).

A qualquer momento os indivíduos podem ser vitimados pela ação de terceiros. Esta necessidade de atenção constante restringiria a liberdade fazendo com que muitos mudem seu comportamento como forma de evitar a vitimização.

Eu não ando com celular na mão, jamais, em hipótese alguma! E também não deixo a bolsa com o bolso para fora, para evitar né? (Entrevista 73)
Escondo minhas coisas, seguro a minha bolsa... (Entrevista 72).

No campo da criminologia, uma das perspectivas mais influentes na elaboração de políticas públicas de prevenção ao crime é a teoria das atividades rotineiras. Trata-se de uma abordagem desenvolvida por Cohen e Felson (1979). Dentro desta lógica, para que o delito aconteça é necessário a convergência de três elementos principais: (i) um ofensor motivado, ou seja, alguém predisposto a cometer um delito; (ii) a ausência de guardiães capazes de impedir a violação, que são os policiais; e (iii) um alvo disponível, o que significa uma pessoa ou um objeto que possa ser atacado.

De certa maneira, os três elementos identificados por Cohen e Felson (1979) como determinantes para a ocorrência do delito aparecem nas falas dos entrevistados, sendo a confluência desses a explicação para o sentimento de insegurança no centro da cidade. Para eles, todos os indivíduos que circulam na área são potenciais criminosos e, por isso, cabe a eles vigiar a si próprios e a seus pertences como forma de evitar a vitimização por crime, uma vez que não existem

guardiães suficientes na área e quando esses estão disponíveis são mal preparados para o exercício da atividade policial.

Eu me sinto tranquilo, não acho que é muito inseguro. Eu não consigo ver muita insegurança onde a gente vê que realmente tem policiais. Eu não consigo perceber se a pessoa realmente foi assaltada, o tempo todo porque muita...transita né, então... mas eu me sinto seguro. (Entrevista 12).
Humnnn seguro. De certa forma seguro. [...] Ah, aqui é inseguro por causa da falta de policiamento, né? Assim, tirando as datas comemorativas os negócios que tem mais policiamento normalmente é, você vê pouca polícia aqui. Aqui é no hipercentro (Entrevista 24).

É...eu, particularmente, eu me sinto seguro. Eu creio que, pelo fato de ser homem e estar numa idade onde...tenho mais resistência, as pessoas não mexem comigo. Eu vejo muita mulher reclamando... vejo...e...durante o período festivo, de copa do mundo e tudo mais, sempre tinha o policiamento, em toda a esquina, agora eu não vejo mais. Isso diminuiu de uns dez anos para cá o índice de criminalidade. [...] Eu não tenho um local aqui que eu me sinta 100% seguro [...] Eu me sinto seguro mas óbvio tomando certas precauções não é? (Entrevista 28).

Em menor número, alguns entrevistados apresentam o centro como um local de relativa segurança. Dentre esses, é possível estabelecer que a segurança notada se apresenta principalmente pelo fato de nunca terem sido vítimas de nenhum crime violento enquanto transitavam pela região, pela possibilidade de evitarem o crime tomando determinados cuidados, e pela presença da polícia em certos locais.

Para mim é tranquilo, nunca aconteceu nada assim não. Pelo que o povo fala, tem muito muito assalto, então eu acho que devia ter mais segurança, você não vê muito policiamento aqui não. (Entrevista 72).

Muitos caracterizam a segurança do Centro como concentrada em alguns locais e horários, confirmando a ideia de que o período da noite aciona a imagem de perigo nas narrativas dos entrevistados.

Eu acho que tem horas que são seguras e tem horas que não são seguras não é? Aí depende [...] Eu me sinto segura porque eu vou andando para o trabalho todos os dias à pé, vou para faculdade também e nunca fui assaltada... pelo menos no horário que eu caminho eu acho tranquilo. (Entrevista 73)

É importante destacar que embora estes entrevistados percebam o Centro de Belo Horizonte como seguro, eles não negam a existência de um perigo latente que possa surpreendê-los ao menor descuido. O entrevistado 36, homem de 27 anos descreve bem o caso. Para ele, a sensação de segurança usufruída provém de uma conduta que inviabiliza a oportunidade ao criminoso, pois, este ofensor saberia

diferenciar alguém para conseguir algo, de outro sujeito que não ofereceria esta oportunidade.

Eu vejo relativamente, cara, porque assim, não é nem me gabando ou nada assim não, mas a assombração sabe para quem aparece. Então por exemplo, se você está “dando o boi” com o seu celular, o cara vai levar. Agora, se você está com o seu celular no bolso, o cara não vai levar. Então, pelo jeito de você andar, o cara vê se você é bobo ou não é, entendeu? Eu creio, para mim, é normal mano. (Entrevista 36).

Na maior parte destes relatos, a segurança não se apresenta dispersa em todo centro, mas concentrada em alguns locais ou em alguns horários. Como, por exemplo, de dia quando há mais policiamento ou em locais de maior circulação.

Olha, aqui em Belo Horizonte eu me sinto seguro. Particularmente, moro aqui nos arredores mas aqui nunca vi uma situação assim de risco, de perigo que tenha ocorrido aqui não. Aqui, por exemplo, eu subi ali agora. Eu vi quatro policiais mas ali mais atrás, todos os dias que eu vim, sempre vi policiais andando aqui em BH. [...] Dependendo do horário que você passa na Raul Soares ali, o movimento é um pouco maior. Você observa que a atitude das pessoas ali não é muito lícita não. (Entrevista 71).

De maneira a facilitar as informações analisadas nesta seção, segue o quadro 2, compilando algumas informações sobre justificativas envolvendo a sensação de segurança no Centro de Belo Horizonte.

QUADRO 2 – PERCEPÇÃO SOBRE SEGURANÇA

Percepção da Segurança/Justificativa	
Sensação de insegurança	<ul style="list-style-type: none"> • Assaltos, agressões, furtos e crimes violentos em geral; • Falta, ausência ou incapacidade das instituições policiais; • Falta de estrutura da segurança pública; • Liberdade restrita, • Risco e sentimento de medo elevado • Desconfiança generalizada.
Sensação de segurança	<ul style="list-style-type: none"> • Não foram vítimas de nenhum crime, • Existe segurança e policiamento em determinados locais • Não se percebem como alvos, ou vítimas potenciais de algum crime • O crime pode ser evitado mudando seu comportamento

Embora a grande maioria dos relatos descreva o Centro de Belo Horizonte como perigoso também aparecem percepções que apresentam o local como seguro. Entretanto, esta segurança possui alguns condicionantes. Primeiro, as características pessoais (ter sido vítima de um crime x não ter o perfil de quem é vítima) parecem ser decisivas na forma como os indivíduos percebem o centro da cidade; depois, a visibilidade da polícia e, por fim, a capacidade de se proteger dos ofensores resguardando os seus bens e a si próprio evitando circular no Centro durante a noite.

Interessante notar que esses são exatamente os elementos anteriormente apontados como estruturantes da perspectiva teórica elaborada por Cohen e Felson (1979). Porém, percepção de que não há segurança gera um temor exacerbado que faz com que o indivíduo evite certas regiões do centro da cidade. Esta preocupação restringe a própria liberdade das pessoas que circulam por estas ruas, impactando na própria dinâmica da sociabilidade do centro, o que, na perspectiva de Park e Burgess ([1922], 1995) se tornaria um terreno fértil para o florescimento do crime e a identificação de outros perigos, tema este da próxima seção.

2.2 PERCEPÇÃO DE PERIGO

Para descrever os relatos sobre percepção de perigo foram utilizadas como referências as perguntas 5, 6 e 7 do roteiro de entrevistas. Estas questões interrogavam justamente o que o entrevistado identificava como perigoso. Em caso afirmativo, era solicitado que o mesmo fornecesse algum detalhamento ou explicação sobre a ameaça notada. Como forma de facilitar a compreensão, estas percepções de perigo foram divididas em três outros grupos: locais, circunstâncias e pessoas.

2.2.1 PERCEPÇÃO DE PERIGO POR LOCAIS

O primeiro grupo diz respeito aos locais. Essa dimensão é importante por determinar o mapa mental do Centro da cidade constituído pelas pessoas que passam por esse território. Nesse ponto, interessa-nos compreender quais são as características dos espaços que são considerados perigosos.

Eu me sinto inseguro naquela passarela ali que vai para a estação...da rodoviária aqui. Certos horários, esse pedacinho aqui, se você tiver aqui dependendo de pegar o metrô por volta de 22, 22:30...dá um pouquinho de medo de passar neste pedaço. (Entrevista 49)

(se referindo as proximidades da rodoviária) [...]Ali, para mim é na região...porque quem anda nesta cidade na região nas parte periféricas. Tanto é que ali dá medo de passar. Tem vários lugares mas para mim... (Entrevista 14)

Praça da Estação, Santos Dumont...Santos Dumont você vai pegar o MOVE ali, de noite ali, você não pode pegar. (Entrevista 13)

A partir das percepções de perigo acima, é possível tecer algumas considerações, visto que alguns locais mencionados possuem fortes semelhanças, sendo possível traçar um padrão envolvendo a percepção de perigo nestas regiões. A Praça da Estação, Praça da Rodoviária e Av. Santos Dumont são locais de muito movimento, que concentram diversos pontos de ônibus e, por isso, é possível denominá-los como locais de transição, em que boa parte dos seus frequentadores apenas passa pelo local com intuito de chegar a algum outro destino, como o trabalho ou voltar para a casa. Nestes locais há uma grande circulação de pessoas durante todo o dia, mas, logo ao anoitecer, após o término do expediente de trabalho, esvaziam-se restando apenas os moradores de rua que moram ou transitam pelo local.

Como relatado pelas entrevistas 49 e 13, durante a noite esses locais se tonariam mais perigosos, impossibilitando que eles utilizassem os meios de transportes públicos da região pela quantidade de ameaças.

Uai, assim nas imediações da rodoviária e da praça [...] Aquela pracinha da rodoviária eu acho que ali depois de umas dez da noite, eu já fico um pouco mais tensa, até porque eu acho que tem um pouco da criminalidade também ... (Entrevista 24).

A Praça sete. [...] Próximo a rodoviária, a praça ali, em torno da rodoviária de Belo Horizonte, na área hospitalar também. Porque assim, não são todos, mas tem muito morador de rua e... ah, é esse fato de ter muito morador de rua. Eles ficam assim, como quem não quer nada e eu já presenciei então a gente fica meio assim. (Entrevista 30).

Além disso, essas regiões comportam uma grande quantidade destes moradores de rua, o que para muitos representa o principal fator para tornar a região perigosa. Como relatado pelo entrevistado 88, senhor de 62 anos, a região da praça da Estação seria perigosa pela grande quantidade de mendigos. Para ele, os

moradores de rua da atualidade não seriam os mesmos de outros tempos, caracterizados pela pobreza, hoje eles seriam os usuários de drogas.

(sobre a praça da Estação) Perigosa [...] muito mendigo[...] De um modo geral ele já assusta não é? O mendigo que eu falo não é o pobre não, agora, o mendigo que a gente conhece de hoje é diferente, o mendigo de hoje é o drogado de hoje. (Entrevista 88).

Esta descrição de mendigos como usuários de drogas é algo que aparece com certa frequência nos enunciados. Para a entrevistada 30 de 27 anos, embora “não sejam todos”, parte deles poderia estar em prontidão para cometer determinado ato ilícito.

A praça da Rodoviária contém também um forte comércio informal de produtos e serviços. Em suas proximidades, é comum a presença de motoristas que realizam transportes irregulares, guardadores de carro, e a venda de produtos como cigarros, bebidas alcoólicas, perfumes, aparelhos eletrônicos, brinquedos e alimentos de uma maneira geral.

É perto da rodoviária, perto da rodoviária mesmo! É mais inseguro não é? Um local que transita muita gente mas, ao mesmo tempo, tem muito ladrão naquele meio ali. (Entrevista 6)

Como relatado pela entrevistada 6, de 50 anos, nesta região há uma intensa transitoriedade de pessoas. Um grande público passa pela região para alcançar a Rodoviária e a estação de metrô da Lagoinha, estes locais dão acesso a um grande contingente de trabalhadores provenientes de outras cidades pertencentes a Região Metropolitana de Belo Horizonte, como Betim, Contagem, Juatuba, Mateus Leme e Ribeirão das Neves. Para a entrevistada 10, embora muitas pessoas passem pela região, ela abrigaria uma grande quantidade de ladrões.

[...] Dentro da rodoviária é seguro, em torno da rodoviária não. Pelo...acúmulo de pessoas que vivem desabrigados (Entrevista 10).

É importante notar que boa parte dos entrevistados que relatam o perigo da rodoviária não observam o prédio da rodoviária como perigoso, mas sim a “região da rodoviária” ou “perto da rodoviária”. Para eles, o problema não residiria no ambiente fechado e monitorado, como o terminal rodoviário, mas em suas vias de acesso que abarcam uma grande quantidade de pessoas e que compõem o espaço público. Enquanto o lado de dentro se caracterizaria pela tranquilidade, o lado de fora seria um local ameaçador, sendo necessários maiores cuidados.

Próximo a rodoviária. É pavoroso passar por ali. [...]A região da rodoviária toda, o Oiapoque, descendo ali aquele local da Guaicurus, aquele local é meio sombrio (Entrevista 18).

Rodoviária, lá dentro é seguro. Eu acho o policiamento seguro sim.

Agora, lá do lado de fora?

Lá fora, do lado para fora, não é seguro não. (Entrevista 77).

Outros locais em que há grande transitoriedade e também foram mencionados como perigosos são os pontos de ônibus e as cabines de transporte coletivo do MOVE⁵. Estes locais são descritos como violentos principalmente durante a noite, quando há baixa circulação de pessoas no centro. Nestes horários, muitas pessoas que estão saindo do trabalho ou da faculdade têm de esperar pelo transporte público para se deslocarem até suas residências. Durante o período de espera, ou já dentro do ônibus, as pessoas se tornariam mais vulneráveis pela falta de agentes públicos nos locais.

[...]Estas coisas você vê, você pode passar lá que você vai ver um monte de ... onde que precisa mesmo você não vê, igual, ponto de ônibus. Pegar um ônibus aqui dez horas da noite, você não pode parar aqui para pegar ônibus. Não tem como. Aqui mesmo, é lugar. Igual esse ponto de ônibus, você não pode parar aqui, se você parar você é assaltado. Entendeu? (Entrevista 13).

Ao mencionar os pontos de ônibus do MOVE, alguns entrevistados caminham na mesma direção. Para eles, embora a segurança do local tenha melhorado após a contratação de vigias⁶ para monitoramento das cabines que dão acesso ao transporte coletivo, ainda existem receios ao utilizar o transporte nestes locais.

Às vezes até mesmo dentro do MOVE ou da estação do MOVE você não vê, depois de 12 horas, você não vê um segurança lá. Assim, os caras que ficam lá, que trabalham lá, pessoal que trabalha dentro, você não vê. Às vezes você pergunta informação ninguém sabe te informar nada. Às vezes é no local que você está, se você pode ficar ali e tal, entendeu? (Entrevista 13).

Esperar o transporte público durante a noite incorreria em um forte risco, transformando o indivíduo em uma vítima em potencial. Este cenário evidencia um problema associado ao sentimento de insegurança: com medo, as pessoas deixariam de realizar determinadas atividades, restringindo suas liberdades como forma de evitar serem vítimas. Ao tentar resguardar suas vidas e patrimônio, as pessoas tolheriam suas ações a partir do risco em se frequentar determinados espaços. Porém,

⁵ Modelo de transporte rápido que opera a partir de uma faixa exclusiva. O sistema foi implementado pela prefeitura de Belo Horizonte em fevereiro de 2014

⁶ Para mais informações: http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/04/14/interna_gerais,637347/bhtrans-vai-contratar-192-vigilantes-desarmados-para-fazer-seguranca-n.shtml

isso não significa que, de dia, os entrevistados se sintam seguros em seus pontos de ônibus.

É importante destacar que muitas das cabines do MOVE se encontram na Avenida Santos Dumont, próximos à praça da Rodoviária de Belo Horizonte. Considerando que a região é predominantemente um local de transição, com muitos pontos de ônibus e moradores de rua, e se encontra nas proximidades de outros ambientes perigosos (como a praça da Rodoviária) pode-se ter um panorama do quanto a Avenida se apresenta como perigosa para boa parte dos entrevistados.

Eu acho embaixo destes viadutos, tipo lagoinha, Estação central... embaixo de viaduto é demais tipo, passou de tardinha, já nem subo mais por estes lados assim. Não passo perto da Estação Central, só fica noiado⁷, assaltante só... eles se escondem muito embaixo mas em qualquer lugar da rua você vê mas principalmente nas estações assim fica deserto. (Entrevista 50).

Aqui no centro eu não... não frequento as regiões não mas a gente ouve falar que a Santos Dumont e Guaicurus... eles falam que é muito perigoso, mas eu não frequento a região lá não. Eu não posso chegar e acusar ninguém né. Eu vejo comentários que lá, assim, é mais perigoso. (Entrevista 9).

Um local que também se caracteriza como perigoso pelos entrevistados é o shopping Oiapoque e outros estabelecimentos em suas proximidades, como o shopping Tupinambás e Xavantes. Esta região localiza-se a alguns minutos da Rodoviária, numa das partes mais desvalorizadas da região central, dando acesso ao maior centro de comércio informal de Belo Horizonte. Embora seja uma área muito movimentada, a região possui um centro de vendas destinado principalmente ao setor popular, com menor poder aquisitivo. Construído a partir de uma ação de comerciantes informais⁸, o estabelecimento possui diversas lojas que fornecem diferentes mercadorias e serviços variados, o que, na visão de alguns, torna o lugar ainda mais perigoso.

No centro, mais próximo ali aqueles shoppings lá do...do... shopping popular ali aquele do do Shopping UAI, Xavantes... Oiapoque, muito perigoso. (Entrevista 43)

Aquele lado do Oiapoque, aquele lugar mais perigoso do centro, mais perigoso mesmo, nó! Você tem que andar olhando para tudo enquanto é lado. Vou lá até tremo, dá medo. (Entrevista 1).

Durante o trajeto de acesso à área da Rodoviária, é muito comum se deparar com comerciantes atuando também no espaço público dividindo espaço com os

⁷ Gíria utilizada para designar usuários de crack

⁸ Para mais informações ver: <http://www.shoppingoiapoque.com.br/sobre>

pedestres nas calçadas vendendo diferentes produtos desde cordões a celulares usados. Neste trajeto não é incomum se deparar com pessoas alcoolizadas, pedintes ou moradores de rua.

[...] No ponto lá na parte de baixo, lá perto do... da Oiapoque. Ali... mas não lá perto, pro lado de cá um pouco **(faz sinal apontando para o outro lado da uma rua)**. Alí acho que é o local menos seguro. (Entrevista 4)
Ali perto da rodoviária, ali perto do shopping Tupinambás, o mercado novo, aquela área ali eu... acho uma área bem estranha (Entrevista 28).

Apesar de muitas pessoas associarem o shopping Oiapoque à percepção de perigo, é interessante notar que (como na rodoviária) alguns entrevistados também destacaram a diferença entre a segurança de dentro do estabelecimento com a segurança realizada em suas proximidades. Para eles, o Shopping Oiapoque seria seguro, o principal problema seriam suas vias de acesso.

Eu vou no Shopping Oiapoque mas às vezes que eu estive lá eu não tive nenhum problema. O difícil é chegar até lá, mas ele, em si, não. (Entrevista 85).

Muitos entrevistados não consideram o shopping Oiapoque apenas como o estabelecimento comercial, mas como uma região composta por ruas que não se vinculam a administração do shopping. Como o estabelecimento ficou muito conhecido, as ruas ao seu redor acabam se associando a ele, sendo chamadas de “região do Oiapoque” ou “ruas do Oiapoque”.

(Ao descrever a praça sete) Acho que a prefeitura tinha que dar uma atenção maior justamente porque aqui a gente sabe que tem...não é só questão de assalto entendeu? Aqui a gente sabe que tem outras coisas envolvidas... umas coisas sujas que a gente sabe que acontece aí, meio descarado. [...] Igual... a gente ouve muito falar pela mídia⁹ que é fácil de adquirir uma arma, acho que rola droga assim sabe. A gente não vê assim mas, sei lá é um fluxo que talvez para uns caras que mexem com isso, fica mais fácil. Porque, talvez, passe despercebido. [...](Entrevista 8).

Também muito conhecida pelo grande fluxo de pessoas, a Praça Sete é considerada a região mais movimentada de Belo Horizonte. Com um forte comércio informal caracterizado pela venda de artesanatos, enfeites e ornamentos corporais produzidos por *hippies* que habitam o local¹⁰. Milhares de pessoas circulam diariamente entre os vendedores ambulantes, principalmente para chegarem ao

⁹ Uma das notícias que descreveu a ocorrência: <http://www.hojeemdia.com.br/horizontes/comercio-do-crime-impera-na-praca-7-em-belo-horizonte-1.94454>

¹⁰ Para mais informações ver: http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/09/26/interna_gerais,453203/praca-sete-e-savassi-loteadas-por-ambulantes.shtml;

trabalho, à residência ou frequentarem o Shopping Cidade, localizado dois quarteirões acima. Muito dos relatos apontam a região como perigosa pela presença de moradores de rua, pelo consumo e venda de drogas e pelas festas e eventos que ocorrem na região, como os encontros semanais de Jazz que atraem um grande público, especialmente o mais jovem todos os domingos. O consumo e venda de drogas foi notado durante o próprio trabalho de campo desta pesquisa.

Praça sete! [...] Praça sete é mais é...eu acho que é daquelas festas que o pessoal faz ali fora. Você não conhece, não consigo. E fora as drogas que rolam ali solto né? Eu acho que deveria, onde era para ver o policiamento em relação a isso não tem. Você vê na televisão direto é...meninos lá que vendem droga¹¹ na praça sete, mas você não vê fiscalização, você não vê policial nenhum ali. (Entrevista 17).

A região da Praça Sete foi, inclusive, alvo de sucessivas investigações por parte da polícia sendo inclusive noticiadas pelos meios de comunicação (ver nota 7 e 8). O comércio ilegal de drogas e armas foi alvo dos meios de comunicação que caracterizavam os perigos em se transitar na região¹². Muitos jovens utilizam a praça como ponto de encontro para conversar, ouvir música ou andar de skate. Entretanto, não é raro notar adolescentes menores de idade consumindo entorpecentes.

Assim como a praça da Rodoviária e a Praça Sete, na rua Guaicurus e suas proximidades é comum a presença de um comércio informal de menor escala, como o de vendedores de correntes, óculos de sol, cigarros e capas de celular. Entretanto, a região é principalmente conhecida e associada à prostituição e a outros fatores que a acompanhariam.

[...] Aqui ,cara, vou ser bem sincero, do lado da Santos Dumont pra baixo ali... do lado da Guaicurus ali... Ali tem um pessoal muito, muito suspeito. Então assim, às vezes correntinha de ouro assim, quando, eu venho muito de metrô, cara. Antes de sair do metrô, eu tiro. Na boa, porque você vê esse pessoal, eles realmente estão muito atentos a nossa postura, então, se você der bobeira os caras abrem... (Entrevista 8)

(sobre a Rua Guaicurus) Vishi Maria, aí é inseguro, pior ué...tudo de ruim acontece ali!. (Entrevista 7).

Cara, é até engraçado falar a rua mas é... lá embaixo lá, como chama...A Guaicurús, além de ter os bordéis (inaudível). Isso chama atenção para todo o tipo de pessoa. Se ainda assim, é um lugar para todo tipo de pessoa, é um

¹¹ Mais informações ver: <http://noticias.r7.com/minas-gerais/imagens-mostram-venda-de-drogas-na-praca-sete-no-centro-de-bh-16082013>; e <http://g1.globo.com/minas-gerais/videos/v/reportagem-flagra-traffic-de-drogas-na-praca-sete-em-bh/3266192/>

¹² Para Mais informações ver: <http://www.alterosa.com.br/app/belo-horizonte/videos/2013/05/14/interna-videos,1161/presa-quadrilha-que-comercializava-armas-e-drogas-na-praca-sete.shtml#.Vr1727IrKM8>; e <http://g1.globo.com/minas-gerais/videos/v/reportagem-flagra-traffic-de-drogas-na-praca-sete-em-bh/3266192/>

lugar que precisa de ter um policiamento reforçado. Então lá deveria ter um policiamento reforçado. (Entrevista 38).

Segundo apresentado pela grande maioria dos entrevistados, a rua Guaicurus seria um local bastante perigoso. Embora isso também ocorra em outras regiões, a associação entre o perigo e o público que frequenta a região parece ganhar um maior destaque nesta rua. Conforme descrito pelo entrevistado 8, a suspeita quanto ao público aumenta pela presença de indivíduos suspeitos. Para a entrevista 38, o pouco policiamento somado a existência de casas de prostituição, chamaria a atenção para todo tipo de pessoa, inclusive criminosos. Embora esteja falando de um local distinto, onde não houveram tantas menções como a Rua Guaicurus, a entrevista 10 explica o perigo a partir da relação entre a falta do poder público nos locais onde ocorre a prostituição.

Nossa, no elevado Castelo Branco, é um...é um meio de prostíbulo lá né? Então, se você passar lá as próprias pessoas que fazem acha que você está trabalhando no lugar, o assalto é muito grande, até mesmo por causa de falta de policiamento, principalmente no período da noite. (Entrevista 10).

A Praça Raul Soares, por sua vez, reuniria todos os elementos apontados pelos entrevistados como determinantes de perigo. Trata-se de um local com grande quantidade de mendigos e moradores de rua. Durante todo o dia é comum deparar com sujeitos dormindo, se alimentando ou até mesmo tomando banho na fonte do local. A praça também é bastante conhecida por ser um ponto de prostituição gay, no seu entorno há um grande número de bares e boates frequentadas por homossexuais¹³. Nas noites das quintas e sexta-feiras é comum haver uma grande aglomeração de pessoas no local com intuito de agendar programas (inclusive envolvendo menores de idade¹⁴), venda e consumo de drogas e bebidas alcoólicas.

(Sobre a Raul Soares) [...] Uso de droga, prostituição, muitas vezes, algumas pessoas... tem os homossexuais as pessoas passam e mexem com ele¹⁵. Aí pode ser uma situação de perigo. (Entrevista 71).

Olha, eu não vou não! Na praça Raul Soares eu não quero. Eu tenho uma vontade de voltar a sentar na praça Raul Soares... não vou! Na praça da Estação também eu não posso sentar. (Entrevista 5).

¹³ Para mais informações: Fonte:

http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/08/19/interna_gerais,312632/praca-raul-soares-vira-ponto-de-prostituicao-e-traffic-de-drogas.shtml

¹⁴Fonte: http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/08/19/interna_gerais,312632/praca-raul-soares-vira-ponto-de-prostituicao-e-traffic-de-drogas.shtml

¹⁵ Sobre o assunto, ver: http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/08/19/interna_gerais,312632/praca-raul-soares-vira-ponto-de-prostituicao-e-traffic-de-drogas.shtml

Praça sete, Afonso Pena alguns... corredores da Afonso Pena, Avenida Paraná, praça da estação, praça Raul Soares, são locais mais críticos. (Entrevista 3).

Em todos os casos, a associação entre percepção do perigo e ausência do poder público é algo que caracteriza o discurso de boa parte dos entrevistados. Para eles, a presença de usuários de droga, mendicância ou atividades desviantes representariam uma desassistência do Estado em relação aqueles indivíduos, o que tornaria a praça ainda mais insegura. O entrevistado 37, jovem de 23 anos expressa bem esta relação. Para ele, um local onde se observa a ausência do poder público, como pessoas abandonadas, moradores de rua ou usando drogas promoveria um sentimento de insegurança já que denotaria a ausência do Estado no controle e assistência dos indivíduos.

A gente vê alguns locais que são... meio que esquecidos pela segurança pública, realmente, pelo serviço público, pelo poder público não é? Principalmente... locais como pontes em que... nós temos ali é... pessoas de rua e usuários de droga que a gente vê nitidamente. Isso gera um pouco de insegurança. [...] o poder público, a gente vê ali pessoas que necessitam do poder público... pessoas abandonadas e esquecidas... pelo poder público. Isso gera insegurança. Porque se estas pessoas não estão sendo assistidas, eu também, estando ali, estou sendo desassistido. Essa é a sensação. (Entrevista 37).

Esta associação entre a uma atividade concebida como imoral - capaz de enfraquecer determinados valores e atrair a atividade criminosa - com locais pouco policiados, aproxima-se da teoria do controle social, elaborada por Gottfredson e Hirsh (1990). Segundo essa abordagem, para reduzir o número de crimes, seria necessário investir não apenas em policiamento (responsável pelo controle social segundo as normas positivas), mas também em mecanismos de controle social informal, para evitar a ocorrência de atividades desviantes, vistas como prejudiciais. Estes mecanismos estabeleceriam que a obediência a certos valores morais seriam necessários para assegurar uma vida coletiva, sendo assim, para garantia da segurança, seus descumprimentos deveriam ser punidos pelas instituições sociais mais tradicionais, enraizadas na cultura local, como a família e a igreja.

Em outras palavras, significa afirmar que a atitude criminosa seria menos suscetível quando houvessem forças, para além das forças policiais e Justiça, capazes de coagir os indivíduos a seguirem as regras e normas estabelecidas pela sociedade. Nas formulações mais contemporâneas dessa abordagem, a efetividade de

mecanismos exercidos pelos próprios membros da família, da comunidade é, inclusive, muito maior do que um registro policial (VOLD, BERNARD & SNIPES, 2002).

Nesse cenário, o enfraquecimento dessas instituições, entendidas como tradicionais, seria o grande determinante do crime, do perigo e do sentimento de insegurança. Essa dimensão é particularmente visível em alguns depoimentos, que destacam como o sentimento de desproteção generalizado impede a classificação de uma região como mais ou menos perigosa que a outra. Para estes entrevistados, o perigo estaria em todo lugar. O sentimento de insegurança se encontra tão elevado que definir um local como mais ou menos perigoso poderia representar um descuido quanto à criminalidade. Atentando para o fato de que o crime se apresenta quando você menos espera, não seria possível falar em locais mais perigosos, pois, todo o centro é perigoso.

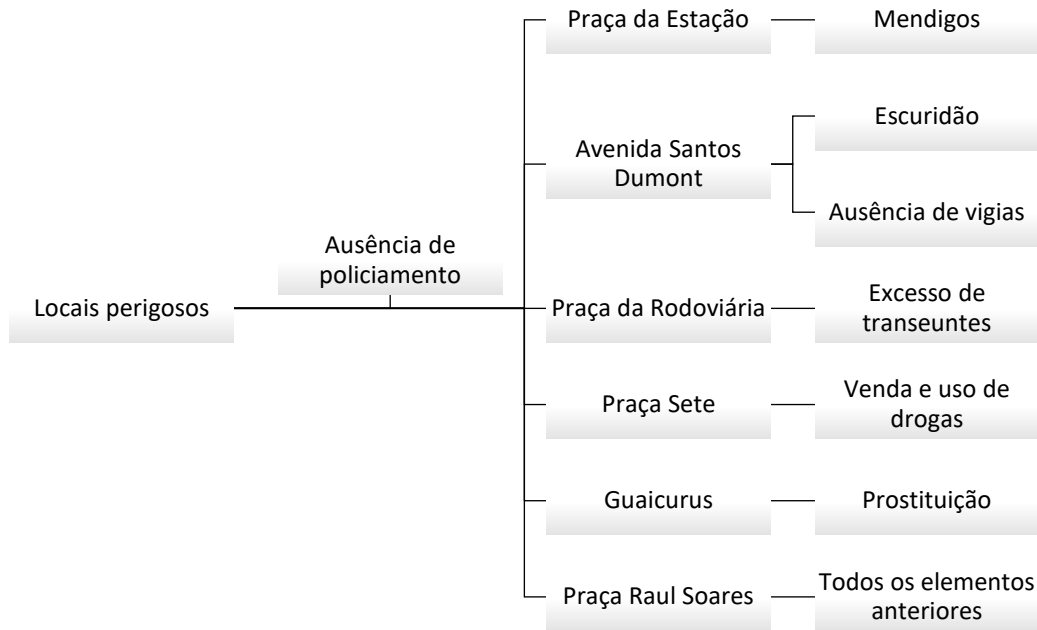
Eu trabalho a quinze anos aqui no hospital da previdência, o centro inteiro é perigoso eu não vejo nenhum lugar aqui que me transmite segurança. Tanto é que você me chamou para entrevista o que que eu te pedi? Para vir para um lugar recluso porque não confio de ficar em pé ali e a gente ficar conversando. [...] Todo, sem exceção, todo...o centro de Belo Horizonte para mim é uma... caixa de pólvora. Pega fogo a qualquer hora. (Entrevista 26).

Ah, eu acho que não, centro assim como é lugar aberto então é em qualquer lugar pode ser ocasião de assalto... não tem não. (Entrevista 11)
[...] Mas sinceramente, posso ser sincero? Todos os locais aqui são inseguros demais! Estou colocando seguro porque eu vejo que pode ter a possibilidade de tranquilidade. (Entrevista 1).

Esta tensão no reconhecimento do centro como um local de constante ameaça ressalta a ideia de que o perigo se encontra em todo o espaço público, não em alguns locais isolados. Como apresentado pelo entrevistado 1, seria possível descrever alguns ambientes como mais tranquilos, mas ainda assim a insegurança residiria em todo espaço público. Eles deveriam estar sempre atentos, pois qualquer possibilidade ou circunstância de descuido poderia propiciar um ato que as tornaria vítimas.

Os depoimentos apresentados nessa seção indicam que os locais não são perigosos per se, mas percebidos enquanto tais em razão de determinadas dinâmicas, como a ausência de policiamento, que parece entrecortar todos os depoimentos (reforçando a abordagem de Cohen e Felson) e, para cada lugar, algumas dinâmicas específicas (Figura 3). Assim, a geografia do centro da cidade, na perspectiva dos entrevistados, não é apenas determinada em razão da atividade econômica formal que ali acontece, mas também, em razão de dinâmicas informais, ilegais e imorais.

FIGURA 3 – LOCAIS IDENTIFICADOS COMO PERIGOSOS/JUSTIFICATIVA



A Figura 3 descreve como a ausência de policiamento estrutura a percepção de perigo sobre os diferentes locais considerados perigosos. Logo à frente, são apresentados os respectivos locais e as características que justificam sua posição diante da segurança. . Estas caracterizações aparecem relacionadas a algumas circunstâncias que seriam determinantes na percepção do perigo. A próxima seção dará uma atenção maior a este aspecto.

Antes de entrar na percepção sobre circunstâncias, talvez seja relevante destacar informações gerais que retratem o sentimento de insegurança em diferentes locais do Centro. A partir da questão número 19, é possível ter um panorama geral sobre estes resultados. Os dados abaixo descrevem a sensação de insegurança dos entrevistados segundo alguns locais de grande movimentação no centro do Belo Horizonte. Para descrever estes resultados foram agremiadas as respostas que identificavam estes locais como muito inseguro e inseguro. Observe os dados abaixo:

TABELA 2 – SENSAÇÃO DE INSEGURANÇA POR LOCAIS

Local	Sensação de Insegurança
Afonso Pena	46,9%
Feira Hippie	38,6%
Parque Municipal	47,1%
Rua Guaicurús	91%
Rodoviária	79,7%
Praça Sete	72,8%
Caetés	58,2%
Shopping Oiapoque	69,3%
Mercado Central	9%
Praça Raul Soares	62,8%
Estações do Move	52,1%
Shopping Cidade	11,4%

Os dados acima apresentam forte proximidade com a sensação de insegurança descrita nas entrevistas qualitativas. Segundo as informações quantitativas, há um grande descontentamento com a segurança no centro, principalmente na rua Guaicurús, Praça Sete, Rodoviária, Shopping Oiapoque e Praça Raul Soares que foram analisadas anteriormente. Outro indicativo interessante é a diferença entre satisfação com a segurança em ambientes públicos e privados. Ao comparar a insegurança percebida nas ruas com a dos ambientes fechados, como o Mercado Central e o Shopping Oiapoque, é notável uma discrepância nos resultados. Este aspecto será analisado com maior cuidado em outro momento.

2.3 – PERCEPÇÃO DE PERIGO EM DETERMINADAS CIRCUNSTÂNCIAS

A percepção de perigo de acordo com as circunstâncias se difere da percepção sobre lugar por não haver nela uma menção específica a certos espaços, mas sim a determinadas ocasiões. Nela, há um destaque especial para o período noturno.

Eu acho que eles deveriam assim, em uns lugares mais específicos que seria a noite colocar policial mais nestes pontos mais assim porque...eles sabem que as pessoas pegam ônibus, depende de pegar ônibus naquele local, eu acho que deveria ter mais policiamento naquele local. Às vezes eles usam os policial mais durante o dia e à noite que precisa mesmo você não tem, entendeu? Você não tem uma segurança a noite. Você vem aqui de noite dez, nove e meia, dez horas da noite, você não vê uma segurança entendeu? Você vê aí, às vezes você fica com medo de pegar ônibus, vai longe para pegar o ônibus para não... para não esperar naquele local que tem que esperar entendeu? (Entrevista 13)

Depende... os horários...porque durante o dia tem muita movimentação de pessoas, aí tem mais policiais mas a noite, dependendo de um certo horário por volta de 22:30, 23:30 que a hora que a maioria dos estudantes, pessoal que estuda e faz faculdade transita nestas regiões não tem segurança. Acho que o policiamento...tem que ser focado mais nestes horários que é o pessoal sai da faculdade. Eu já fui assaltado várias vezes, levou, cinco, três, dez reais ,o que tinha no bolso [...]. (Entrevista 49).

Ao contrário da insegurança em razão do lugar, o que marca os depoimentos anteriores é a forte percepção de perigo durante a noite, quando a rua se encontra mais vazia e há uma forte redução do contingente policial, nestes horários muitos entrevistados reclamam da ausência de proteção e segurança. Embora essa associação seja bastante previsível, é interessante notar alguns anseios e relatos com intuito de compreender mais detalhadamente o problema.

A entrevista 49 apresenta o relato de um homem de 37 anos que foi assaltado por diversas vezes durante o período noturno. Para ele, as pessoas que estudam ou trabalham até mais tarde estariam mais vulneráveis pela falta de segurança fornecida no espaço público durante o dia. De maneira análoga, a entrevista 13 apresenta as mesmas considerações. Segundo este entrevistado de 42 anos, há pessoas que mudariam sua rota, preferindo pegar ônibus em locais mais seguros do que mais afastados. Enquanto há circulação, existe uma maior tranquilidade, entretanto, ao entardecer, o sentimento de isolamento aumentaria a possibilidade de um ofensor potencial, elevando a percepção sobre o perigo. Neste momento, as pessoas estariam mais vulneráveis sendo necessários maiores mecanismos de segurança para proteção.

Interessante notar, contudo, que diversos entrevistados opuseram a imagem de ausência de indivíduos com a de excesso. Para alguns, a noite e o “deserto” que ela gera no espaço público não causam tanto medo quanto o excesso de indivíduos desconhecidos circulando pela área. Para eles, a insegurança é um produto do “grande fluxo de pessoas”.

Eu acredito que seja inseguro porque assim, eu passo o dia inteiro no centro então assim, é um fluxo muito grande e tem muitas pessoas assim na rua, ficam assim moradores pedintes, pessoas em geral, até usuários de droga então eu acho que isso dificulta bem as coisas. E assim, eu que faço o curso de noite eu vejo assim, sabe, que a maioria das pessoas tem muito medo de ficar até no ponto de ônibus. (Entrevista 23).

(Sobre a praça sete) Porque lá é muito movimentado e tem aqueles lugares onde o povo fica...que lá eu...antigamente eu tinha mania de ficar lá por causa do povo de skate e tal, mas eu não fico mais não [...] (Entrevista 80).

[...]Eu me sinto inseguro não por causa da rodoviária mas por causa dos transeuntes, é um fluxo muito grande de pessoas [...] (Entrevista 12).

A entrevistada 23 descreve algumas percepções de perigo que merecem destaque. Além de ressaltar a noite, os pontos de ônibus e os moradores de rua como elementos de perigo, a jovem de 18 anos também destaca a grande circulação e o fluxo de pessoas como elementos importantes na percepção de segurança quanto a um local. Embora a circulação seja um elemento importante para uma maior tranquilidade, a dispersão do centro, caracterizada pela movimentação intensa e desorganização também se caracteriza como elemento que traz ameaças aos indivíduos. A entrevistada 80 também menciona problemas com o grande fluxo de pessoas ao mencionar a praça Sete. Aqui, mais uma vez, não é o espaço por si só, mas as circunstâncias que ganham destaque.

Ah, eu acho que...está precisando melhorar porque todo lado que eu passo tem gente sendo assaltada, tem gente correndo, porque é muito difícil, muita pessoa junta ao mesmo tempo. Aí, no caso, fica mais difícil. Para a pessoa que vai cometer o crime, assaltar aqui é mais fácil porque vai ter muita gente no meio, vai conseguir sumir no meio das pessoas mais fácil. (Entrevista 45)

A partir do relato acima realizado por um jovem de 21 anos, o grande fluxo de pessoas ofereceria obstáculos à segurança pela própria estrutura do local. Nestes ambientes, as oportunidades estariam mais propícias para o infrator sendo possível vislumbrar uma fuga de maneira mais efetiva. É interessante reiterar a associação entre crime e oportunidades estabelecidas pelos entrevistados.

Através das entrevistas até então descritas, é possível tecer algumas observações. As percepções de perigo apareceriam sobretudo através de determinadas “brechas”. Nestes locais, a ausência da sociedade e, principalmente, do poder público fomentariam a oportunidade para determinados agentes cometerem crimes. Seja pelo excesso de moradores de rua, ausência de policiamento, atividades ilícitas (como a venda de drogas), desviantes (como a prostituição), ou regiões muito ou pouco movimentadas, os locais perigosos são aqueles em que o Estado, representado pelas instituições de segurança pública, não se faz presente. Esta mesmas características poderão ser vistas na percepção de perigo envolvendo pessoas na próxima seção.

2.4- PERCEPÇÃO DE PERIGO ENVOLVENDO PESSOAS

Nesta etapa serão apresentados alguns resultados que associam determinadas pessoas a algum tipo de periculosidade. Observe os trechos abaixo:

Não, nem tanto, porque eu ando bastante por aqui, mas assim, o receio que eu creio que o pessoal deve ter mais é questão de moradores de rua... não são todos, né? (Entrevista 2).

Olha, hoje, eu acho que nem é tanto a pessoa mal vestida ou mal coisa, ou mal sujeito. Às vezes até o bem vestido hoje, porque hoje não tem como distinguir a pessoa se é pelo vestimenta dele, hoje não tem não, porque essas pessoas aí de, de de...bem vestida de gravata e tudo, mas está na rua curtindo de ladrão só para assaltar os outros e roubar os outros, levar os outros no tapa. Mas ainda foca, ainda mais naquelas pessoas, naqueles trombadinhas mas assim.. mal vestidas do ponto de vista sujo, se passa ali perto mesmo da rodoviária, ali você já vê. Não dá para passar. (Entrevista 14)

Quando você está andando na rua, tudo bem, tem morador de rua que às vezes está na rua porque não quer, tem muito malandro que às vezes, apesar que hoje em dia você está sendo mais assaltada por pessoas engravatadas do que com...com... uma pessoa né? Que tá... mora na rua. Mas muito é...muito travesti, eu fui assaltada ano passado três vezes por travesti aqui, três vezes! E eu tomei um trauma, horrores! Na hora que eu vejo um eu saio de perto. (Entrevista 17).

Como apresentado nas entrevistas acima, há uma grande variedade de informações que podem caracterizar um indivíduo como perigoso, representando uma ameaça. Antes de descrever os dados é importante esclarecer algumas considerações quanto as categorias de análise. Este trabalho analisa a percepção de perigo, não a incidência de práticas de discriminação. Por mais que um indivíduo possa utilizar de uma percepção de perigo para legitimar determinada ação que culmine na segregação de uma pessoa ou grupo, a identificação de um não implica na manifestação do outro.

Perceber alguém como perigoso não é o mesmo identificá-lo enquanto um agressor, criminoso ou portador de características que são consideradas inferiores. Uma criança que possui medo do desconhecido não está cometendo atos de segregação ou discriminação, por mais que ela adote determinados conceitos prévios para julgar algo. O fato de estabelecer critérios de distinção em relação ao mundo, enquadrando certos locais, atos, atributos e ambientes como perigosos não implica necessariamente em julgamentos de valor depreciativos que condicionem os mesmos a uma condição subalterna ou inferior.

Perceber o perigo e atribuí-lo a determinado segmento que utiliza da violência como modo de socialização é uma atitude racional que nada tem a ver com atos de segregação. O problema estaria em identificar se este grupo realmente comete tais atos de violência, ou se, em última instância, eles não passam de uma informação que toma corpo nas representações sociais mesmo sem fundamentos na realidade.

As entrevistadas 29 e 24 apresentam pontos interessante para compreender o problema quando afirmam que o sexo masculino é, na visão delas, o maior perigo para mulheres que, como elas, circulam sozinhas.

(Sobre quem identificam como uma ameaça quando transitam pelo centro) Sei lá, acho que qualquer homem que eu ver andando sozinho hoje em dia eu já... com medo. (Entrevista 29).

Isso acontece, qualquer homem. Geralmente o fato de ser homem (Entrevista 24).

Se a percepção de perigo estivesse estritamente relacionada à discriminação seria necessário admitir que as jovens de 24 e 27 anos (respectivamente) discriminariam todos os indivíduos pertencentes ao sexo masculino. Por mais que não seja impossível admitir tal hipótese, é forçoso afirmar que é bastante improvável. Para alguns entrevistados a percepção de perigo levaria apenas a um “um cuidado maior” considerando que o histórico de suas informações e suas experiências apontariam que indivíduos detendo determinadas características poderiam causar maiores problemas ou ameaças.

É interessante notar que dentro das próprias entrevistas aparecem algumas explicações sobre o que eles consideram uma percepção de perigo. Alguns entrevistados percebem determinadas pessoas como perigosas através de uma precaução quanto a imprevisibilidade. O entrevistado 25, jovem de 21 anos, apresenta

que determinados comportamentos, como mexer com os outros ou adotando determinado jeito de se vestir e falar, traz a ele determinada identificação da pessoa como perigosa.

Cara, eu identifico muito não é pelo tom da pele, mas é pelo jeito que a pessoa se porta, certo? Eu trabalho com pessoas morenas, não tenho preconceito nenhum. Vivi e nasci com pessoas assim de regiões humildes, só que eu percebo que tem pessoas pelo porte de andar de se comportar de falar traz uma certa marginalização. Então eu não vou falar: “ele é bonzinho”, para esperar ele me assaltar. Eu já falo assim: “Não, eu vou me precaver como qualquer outra pessoa”. Mas estas pessoas que andam com muita correntinha, falando muita gíria e mexendo com todo mundo eu não vou acreditar que é uma pessoa “boa” de... num primeiro momento [...] Nos momentos que eu ando a pé, eu percebo muita malandragem, sabe? As pessoas assim... não é preconceito, mas a gente tem que ficar se precavendo porque eu já passei por momentos difíceis assim que as pessoas mexiam, andavam mais rápido seguindo a gente então tem que ficar sempre esperto. Eu não confio não. (Entrevista 25).

Da mesma forma, a senhora de 63 anos (entrevista 31) afirma que tentar ultrapassar o que ela define por preconceito, levou um jovem a apontar uma arma para sua cabeça. A questão destes entrevistados parece se coincidir. Ambos trabalham com a ideia de que a percepção de perigo se apresenta como um modo de reconhecimento de ameaças possíveis que contribuem para evitar a possibilidade de serem vítimas de algum crime. Do ponto de vista sociológico, chama a atenção o fato de o perigo ser acionado a partir de certos atributos sociais como sexo, faixa etária, modo de andar e vestir.

Olha, que nem eu estou te falando, em geral é a pessoa... é um homem mais novo não, é? Nesta faixa até 20 anos em geral. Agora, infelizmente, em geral, a gente olha se está mais mal arrumado... em geral olha isso. [...] Mas eu vou te falar, quando o menino pôs a arma, eu estava na rua assim: “Ó meu Deus, a gente não pode ficar com preconceito contra... coitado do menino”. Daí a pouco ele me meteu uma arma nas costas, entendeu? Então, infelizmente, você tem que ficar mesmo. (Entrevista 31).

Nos discursos dos entrevistados, nota-se que algumas características físicas se destacam na identificação do perigo: moradores de rua, pessoas sujas, mal vestidas, usuários de droga, pessoas embriagadas, pertencentes ao sexo masculino, adolescentes, que vestem roupas largas, parecendo cantores de rap (hip-hop), falando gírias e com “atitude suspeita”, em geral são apresentados como mais perigosos. Todavia, os mendigos parecem ser os que acionam de maneira mais automática o sentimento de medo.

Eu não vejo policiamento aqui à noite, então eu acho que pode ser um dos fatores. Tem muito mendigo na rua, muita gente pedindo dinheiro, então acaba que assusta a gente um pouco também.

Você acha que pelo fato de ser mendigo, ajuda um pouco, contribui para a insegurança?

Não necessariamente, porque a gente fica um pouco acuado quando eles vêm pedir dinheiro, aí a gente acaba dando, com medo deles fazerem alguma coisa porque não tem policial perto, acaba que...[...] Acho que aquela área ali tem uma concentração muito grande de pessoas que estão mexendo com outras coisas estão bebendo e tem mendigo também, então eu sinto aquela região ali mais insegura. A gente generaliza falando mendigo, mas geralmente são as pessoas...não sei te explicar é difícil não é? (Entrevista 29)

(Sobre os moradores de rua) Mas a grande maioria sobrevive provocando assaltos, alguma coisa assim, então eu acho que é mais insegurança por causa disso. E, você não sabe quem é a pessoas que está do seu lado

Você acha que eles trazem um pouco mais de perigo assim...

Um pouco mais. (Entrevista 2).

Para parte dos entrevistados, um sujeito que mora nas ruas remontaria a alguém desprovido de recursos que poderia abordar um transeunte de forma violenta com intuito de adquirir aquilo que não tem. Considerando que a maioria dos moradores de rua não possui recursos financeiros, os entrevistados afirmam que alguns deles utilizariam da prática criminosa como forma de se sustentar. O fato de ser morador de rua também aparece em constantemente associação ao uso drogas, bebidas alcoólicas dentre outras atividades ilícitas.

Na rua também é muito inseguro e a população de rua, que não é morador de rua é usuário de droga está muito grande e eles também oferecem muito risco pra gente, de maneira geral, assim, em todos os aspectos. A gente não vê polícia na rua, é muito pouco... a polícia, a ação da polícia e muita... marginalidade, tá muito grande. (Entrevista 26).

A incapacidade da polícia de conter o problema, somado às ameaças destes moradores refletiriam a situação de insegurança do Centro. De maneira análoga, a entrevistada 77, de 38 anos, ressalta que muitos deles são os responsáveis pela criminalidade e pelo sentimento de insegurança das pessoas do Centro de Belo Horizonte. Para ela, deveria haver uma intervenção do poder público restringindo a permanência deles na região, pois eles estariam se apropriando indevidamente do local.

Aqui é famoso, não é. Essa praça aqui eu já ouvi falar que é famosa não é? Principalmente a tarde. Principalmente estas pessoas que ficam aí não é? Esses...que mexem com droga estas assim, então...Está em Belo Horizonte todo, não é? Tá é no... no geral o que está fazendo isso são as pessoas que ficam em rua, não é? [...] Eu acho que o governo deveria tirar esses moradores de rua...

Você acha que os moradores são...

Eu se, eu falo assim, se eu fosse...se eu tivesse o poder igual esse povo tem. Eu criaria um meio se tirar eles para pôr para trabalhar no rural. Arrumar um lugar assim, um local assim, para pôr para trabalhar, mesmo que desse assim, que pagasse e tal, desse lugar para morar e tudo entendeu? E tiraria tudo do centro. Criaria uma lei para (inaudível) para sair da rua sabe? Porque a maioria desse povo, que a gente sai, que eu já conversei assim, às vezes você dá esmola estas coisas assim. Você vê assim que às vezes a pessoa tem casa, tem família e tudo e fica ali naquele trem. Porque não tem uma lei, não é? Porque não tem uma lei não é, não tem uma lei para... para punir eles. Então tem gente que bebe aí não tem é... vamos supor, não quer aguentar o saco da casa. Chegar em casa todo o dia de tarde, vai para rua porque lá não cobra, o bêbado ninguém dá crédito, não dá emprego então ...mas dá comida, dá esmola, muita coisa. Então esse é um meio assim de segurança a mais...é tirar eles da rua. Porque o que tira a segurança do povo são eles, não é? Uns agem de boa-fé, uns gostam de pedir porque tem fome né? Mas outros, eles agem por meio da bandidagem de roubar... e nem só eles não é? (Entrevista 77).

Embora o relato acima se enquadre perfeitamente na descrição dos principais problemas e estratégias para melhorar a segurança, achou-se necessário citar parte dele na categoria sobre percepções de perigo com intuito de ressaltar como estas caracterizações de ameaças pautam frequentemente os desejos da sociedade na implementação de medidas através do poder público. Apesar de a entrevistada 77 afirmar que os moradores de rua não são os únicos a cometer crimes, ela caracteriza a situação de pobreza destes como o principal problema envolvendo a insegurança no Centro de Belo Horizonte. Segundo o relato, esta condição seria tão problemática que o próprio Estado deveria interferir destinando estas pessoas a outros locais para habitação, trabalho e convivência. Para ela, os moradores de rua deveriam ser punidos, pois retiram a segurança das pessoas. Tal raciocínio reitera uma percepção de parte dos entrevistados que associam condições de desorganização do Centro da cidade como potencializador do ato criminoso.

Aqui, uma outra teoria criminológica pode colaborar com a compreensão de como essas crenças de perigo acionadas em razão do problema da mendicância são mais gerais do que se pode imaginar. Trata-se da teoria das Janelas Quebradas, formulada por Wilson e Kelling (1982) e implementada por Rudolf Giuliani na cidade de Nova Iorque na década de 1990. Essa teoria destaca que uma janela quebrada não reparada é um sinal de que ninguém se importa com a área, e assim quebrar mais janelas não é um problema, pois o espaço não é de ninguém. O então prefeito de Nova Iorque se utilizou deste postulado não apenas para revigorar áreas abandonadas da cidade, mas também, para extrair do coração da metrópole mendigos e indivíduos em situação de rua, oferecendo-lhes empregos na limpeza

urbana, abrigos e, em algumas situações, prendendo-os por atividades ilícitas. Para esta abordagem, os mendigos passam a imagem equivocada de que tudo é permitido no espaço público, em especial, o não cumprimento de determinadas regras como a própria atividade criminosa, por isso, a ordem apenas pode ser restaurada com o reestabelecimento da ordem pública destinando estes indivíduos a outras atividades (ZIMRING, 2012).

A perspectiva que orientou a renovação urbana de Nova Iorque aparece nos discursos dos entrevistados no Centro de Belo Horizonte. Na visão de alguns, os mendigos, por viverem em condições degradantes, são um sinal de desordem, de desrespeito a regras e, por isso, são os mais propensos a desvios e a prática criminosa como uso de drogas, alcoolismo e assaltos. É importante notar que o argumento descrito na entrevista 2, reaparece na 68. Para entrevistada 68, de 23 anos, além de estarem associados ao uso de drogas e bebidas, os moradores de rua poderiam lançar mão da violência com fins de subsistência por não terem nenhuma fonte renda.

Pessoas que são moradores de rua, que estão alcoolizadas ou que estão drogadas a gente fica com mais receio mesmo. Com certeza, com todo mundo. Hipocrisia minha de a gente falar que não fica mas a gente... eu fico. Mais estas pessoas mesmo.

Uai, em relação a morador de rua a gente pensa porque, em relação, eles não tem nenhuma condição financeira então ele vai né, nos abordar por tentar por conseguir... de forma muito fácil e.... conseguir algum dinheiro. (Entrevista 68).

O uso de drogas bebidas é um outro fator associado à percepção de perigo. Sem levar em consideração que o uso de drogas ilícitas já se configura como prática criminosa, alguns entrevistados afirmaram que o uso de entorpecentes poderia levar a mudança de estado de consciência do indivíduo, deixando este mais instável e suscetível ao cometimento de determinado ato que colocasse em risco outras pessoas.

A gente sente uma insegurança maior quando a gente está é...não sei, com uma pessoa que está muito alterada não é? Com uma pessoa que está, tipo assim, muito alcoolizado uma pessoa que está sob o uso de uma droga muito forte não é? O Crack, assim, é uma coisa que me dá mais insegurança, mais nesse sentido de situação porque muitas vezes não é muito visível mas quando isso se torna evidente assim, uma pessoa que está mais alterada eu sinto um pouco de insegurança perto dela (Entrevista 21).

A percepção de pessoas como mal vestidas, ou adotando determinados comportamentos, como utilizando gírias e falando alto, portando adereços como boné e correntes se inserem também numa percepção de perigo por parte dos entrevistados. Estes comportamentos se caracterizariam como ameaças tanto para os indivíduos que frequentam o espaço público, como para aqueles que estão nos ambientes privados.

Ah, tem cara... tem... não estou querendo generalizar não mas esse pessoal que anda de boné, entendeu? Com umas roupas mais largas, modo de andar também, fala muito, sabe? Modo de andar... não tenho nada contra esse estilo de roupa não, mas tem uns caras que adotam uns estilos de roupas assim... mais naquele perfil de cantor de rap, hip hop, os caras ficam muito manjados. Tenho colega que usa e não tem nada contra, mas assim, é um perfil de gente que acaba atraindo um pouco a relação com a criminalidade (Entrevista 8).

Ahh... eu acho que... pessoas em grupos com bonés entendeu? Assim... entrou um grupo de boné, de bolsinha com aquela conversa, gírias meio alteradas eu... afastado! Essas características, a gente fica com certo... receio. Agora mesmo quando a gente tava passeando ali ó... tinham dois rapazes assim, já veio rodeando, de boné... eu... eu tenho certo receio. (Entrevista 27, Shopping urbano).

A descrição das roupas, modo de vestir e andar explicaria também como os rolezinhos aparecem dentro da percepção de perigo, já que o movimento tem uma forte identificação com cada uma destas características. Necessário contextualizar que enquanto a sociedade se mostrava majoritariamente contra o movimento (DATAFOLHA, 2014), alguns setores que formam a opinião pública apresentaram pontos de vistas radicalmente distintos. Enquanto alguns pesquisadores (CALDEIRA, 2014) sustentaram que a recusa a realização do evento se caracterizava enquanto uma manifestação de preconceito, outros jornalistas e escritores afirmam o caráter particularista e antidemocrático do movimento (CONSTANTINO, 2014 e AZEVEDO, 2014). Embora esta discussão esteja aquém da proposta deste trabalho, é notável que o perfil dos rolezinhos se enquadre nas descrições de perigo dos entrevistados.

Quanto a pessoa não, o problema é o rótulo daqueles famosos rolezinhos né?! Então existe um rótulo das pessoas que se vestem como, que características, que já vem propícias falando: “não, só vou ao shopping pra dar rolezinho mesmo!” Isso traz mais insegurança, lógico! [...] É! É Trejeitos, maneiras de se vestir, de se comportar, só vai ao shopping com intuito de causar escândalo e não de divertir. (Entrevista 41 – Shopping Urbano).

Além de ser citado pelo entrevistado 41, há uma forte proximidade entre os comportamentos e vestuários, daqueles que participavam do rolezinho como os relatos dos entrevistados quanto ao que identificam como um sujeito perigoso, como uso de boné, correntes, utilizando de gírias, e andando em grupo.

O que que acontece... eu acredito assim que... sabe... as pessoas quanto mais mal arrumadas, as pessoas assim que, através das suas vestes demonstra uma... um tipo de postura. Eu acho que esse... isso demonstra insegurança, por exemplo você vê três ou quatro pessoas na faixa etária de quinze a quarenta anos, boné, brinco, bermudão, falando alto, falando assim mais descompassado, eu acho que gera mais sensação de insegurança. Agora quando você vê agora um casal com um filho no colo, eu acho que já gera um outro tipo...essa visão, eu acho que ela é mais segura a pessoa que tá transitando... não tenho medo. (Entrevista 45 – Shopping urbano).

Contrariamente ao enunciado acima, há também aqueles que afirmam ser impossível identificar uma percepção de perigo envolvendo a aparência física, ou qualquer outro atributo social ligado a determinado sujeito, visto que estes nada diriam sobre a conduta de alguém. Na melhor das hipóteses, eles poderiam avaliar apenas as atitudes dos indivíduos ou seu comportamento, como o olhar ou o modo de se portar diante de determinado contexto.

Não, não, não...não tem a...o ser humano é imprevisível. Então você pode olhar pro bonitinho ali assim, e o bonitinho ser realmente aquela pessoa mais desonesta possível (Entrevista 49).

[...] Hoje em dia o bandido não tem cara (Entrevista 55).

A gente olha muito questão de modo de vestir, o jeito da pessoa mas, depois que eu fui assaltada, eu vi que isso não tem nada a ver. O cara que me assaltou estava super normal, vestido de motoboy, desceu da moto, como quem trabalha e...aí depois que eu vi que modo de vestir não tem nada a ver. Às vezes quem está lá é só um mendigo mesmo e quem está bem vestido te assalta (Entrevista 50).

A noção do “crime sem cara” apareceu com intensidade em uma grande quantidade de discursos. Para estes entrevistados, seria difícil identificar um criminoso através de sua aparência, pois não seria ela que determinaria a vontade de um indivíduo em cometer um ato ilícito. A criminalidade estaria relacionada à intencionalidade que nada se assemelha a condição física, financeira ou o estilo de um indivíduo. Como apontado pela entrevistada 50, a partir do momento que a experiência lhe demonstrou o contrário, quando ela foi assaltada por um sujeito que aparentava estar trabalhando, ela passou a não associar o modo de vestir com identificação do perigo.

Outros entrevistados destacaram que seria difícil identificar uma pessoa perigosa através destes atributos já que um “engravatado” poderia cometer um ato ilícito como qualquer outra pessoa. Estes julgamentos seriam inclusive prejudiciais porque, em determinadas circunstâncias, as pessoas de quem menos se espera um ato criminoso poderiam cometê-lo. Reforça-se, assim, a abordagem das atividades de

rotina de Cohen e Felson (1979), segundo a qual qualquer um está propenso a cometer um delito desde que encontre um alvo disponível:

Ah, tipo assim, a gente não sabe não é...às vezes os bem mais arrumadinhos... entre si, mas eu vejo o que estiver me olhando, meio assim, eu vou ficar com medo desse. Mas sem assim, discriminar a aparência nem nada não (Entrevista 56).

Não, eu acho que não tem um perfil. Eu acho que qualquer pessoa pode ameaçar sua vida (Entrevista 73).

Eu acho que, muito difícil de identificar estas pessoas. Porque às vezes estas pessoas acabam andando melhor do que a gente, às vezes a pessoas pode até ser um engravatado que está ali...você não vai desconfiar de um cara engravatado. E eu acho que você tinha que desconfiar mais era desses. (risos) (Entrevista 13).

Ah, o jeito deles, que ele seguem você... eles ficam um de lá e outro de cá te observando... Para depois te dar o “pulão” igual eu já vi querendo me roubar uma vez (Entrevista 6).

Alguns entrevistados afirmam que a identificação do perigo se dá pelo jeito de determinado indivíduo, como, por exemplo, pela forma como age ou observa outrem em determinado momento. Essas características não costumam acompanhar maiores descrições, em linhas gerais, estes sujeitos são tratados dotando determinada atitude suspeita.

Portanto, a partir da análise das entrevistas realizadas no Centro de BH foi possível notar uma forte sensação de insegurança e uma grande quantidade de percepções de perigo envolvendo determinados locais, horários, circunstâncias, ambientes, modos de se vestir, comportamentos, dentre outros. A tabela 3, abaixo relata as principais percepções de perigo envolvendo cada um dos tópicos analisados.

TABELA 3 – PERCEPÇÕES DE PERIGO POR LOCAIS/CIRCUNSTÂNCIAS/PESSOAS

PERCEPÇÃO DE PERIGO	
LOCAIS:	<ul style="list-style-type: none"> • Região próxima ao shopping Oiapoque, • Praça Raul Soares, • Praça da Estação • Praça Sete • Rua Guaicurus • Av. Santos Dumont • Praça da Rodoviária, • Pontos de ônibus e dentro das estações do MOVE • Praça da rodoviária
CIRCUNSTÂNCIAS	<ul style="list-style-type: none"> • Durante a noite • Regiões muito movimentadas • Regiões pouco movimentadas
PESSOAS	<ul style="list-style-type: none"> • Moradores de rua • Pessoas sujas, mal vestidas • Usuários de droga • Indivíduos que usam boné, possuem roupas largas, perfil de cantor de rap, usam correntes, falam gírias • Pessoas que estão alteradas por efeito de alguma bebida • Sexo masculino • Adolescentes • Pessoas com atitude ou comportamento suspeito

As percepções de perigo, divididas nas três categorias acima, descrevem regiões, pessoas e ocasiões em que o poder público se encontra escasso, com pouca previsibilidade da ação e comportamento de outras pessoas, seja pela grande movimentação ou por sua ausência quando anoitece, o que tornaria o local vulnerável.

Moradores de rua, pessoas mal vestidas, pronunciando gírias ou utilizando bermudas, boné, correntes, usuários de drogas e alcoolizados também são descritos como indivíduos perigosos. Seria possível conjecturar que o perigo identificado pelos entrevistados também se forma pela percepção de um desordenamento moral. Assim, um indivíduo capaz de ultrapassar certas barreiras da moralidade (ou da própria lei, no caso dos usuários de droga) poderia ter um menor apego com o cumprimento das leis e de certas regras estabelecidas pela sociedade.

Nas próximas seções, serão apresentadas maiores considerações sobre estas informações, juntamente com a descrição das duas categorias de análise restantes.

2.5 PERCEPÇÃO DE UM LOCAL SEGURO

Nesta categoria foram analisadas preponderantemente as questões 14 e 19 do roteiro de entrevistas realizado com as pessoas que transitam pelas ruas Belo Horizonte. Estas questões perguntavam ao entrevistado o que seria um local seguro, de acordo com suas representações e quais locais ele considera mais seguro. Abaixo seguem algumas respostas:

Ah, é um lugar onde você tem mais liberdade né? Onde você pode parar um pouco, tranquilo, onde você sabe que é menos perigoso. Onde você sabe que qualquer coisa que te acontecer, tem alguém te vigiando, entendeu? (Entrevista 4).

Ah cara, local seguro é um local é assim que você anda sem ter que ficar preocupado, entendeu? O que você tem, o que você vai perder ali, sabendo que ali não tem um alto índice entendeu? Um alto risco. Que você tem um policiamento efetivo mesmo. Pessoal eles conseguem atingir o objetivo mesmo, ser mais bem planejado. Acho que é isso mesmo. (Entrevista 8).

Eu imagino assim um lugar onde que você não precisa ficar receoso de abrir uma bolsa, mexer num celular de atender a um telefone então um lugar assim onde você pode andar com plena tranquilidade e sem medo de...de... alguém chegar em você e pegar algum pertence e ir embora, algum lugar assim monitorado com policiamento adequado (Entrevista 27).

A maioria dos entrevistados percebe um local seguro como um ambiente onde há grande liberdade de ação, sendo possível transitar tranquilamente sem maiores preocupações quanto a ameaças, vida ou propriedade. Nestes locais, não seria necessário que o indivíduo mudasse sua postura, como ter de proteger a bolsa, esconder o celular ou ter de se fechar ao convívio com os demais, preocupado o comportamento alheio. Eles estariam tranquilos, pois haveria uma estrutura capaz de

interferir para protegê-los, como a presença de policiais, vigias, guaritas, guardas municipais e equipamentos de monitoramento, como as câmeras de vigilância.

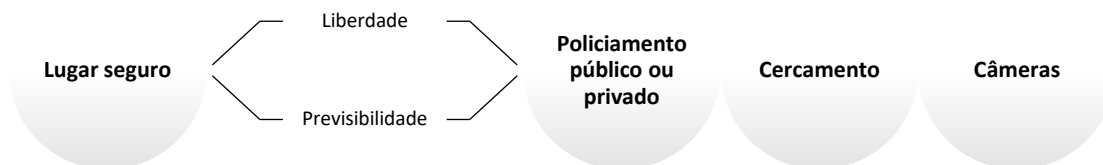
É um local que a gente é... tenha liberdade, não é? Tanto liberdade de expressão como de locomoção como... também, até mesmo de... a gente estar sendo monitorado né, seja pela PM, seja pela polícia civil né, a gente se sentir assim, ao mesmo tempo, monitorado, com liberdade. (Entrevista 6).

Acho que é um ambiente em que você tem conforto, você não tem medo de ser assaltado [...] aí você chega num local seguro, quando você chega num local que tem segurança, no meu ponto de vista é você chegar num local é, é... você não ter um medo de ser assaltado, você tá vendo, você passa, tem um segurança passando. Nós estamos aqui há mais de 5 minutos, não passou nenhum guarda aqui agora, por isso você tem uma ideia. Então você já fica com medo de escassez, você está num local e a pessoa te pegar. Para mim, segurança é eu entrar num local e eu ter a certeza de que não vou ser assaltado, que eu não vou ser perseguido, entendeu? (Entrevista 14).

Um local seguro seria é... não ter polícia e tal mas teria que estar passando sempre, estar passando né... polícia ou então estes guardas municipal, igual... o governo paga aí. Geralmente você nunca vê isso na rua. Você vê assim, no shopping. (Entrevista 13)

Na pergunta envolvendo a descrição de locais protegidos no centro de Belo Horizonte, as áreas que aparecem detendo maior segurança são as que possuem maiores mecanismos de controle e monitoramento, capazes de implementar determinadas regras sobre a conduta individual. Em outras palavras, os ambientes identificados como mais seguros são os locais onde há normas e meios atuantes de implementá-las, em caso de possíveis ameaças ou problemas que surgissem. A falta de segurança promove uma forte desconfiança entre os indivíduos, neste contexto, o desejo por ter à quem recorrer, como policiais, vigias, câmeras (relatado nas entrevistas acima) forneceria um maior sentimento de liberdade, justamente pelo monitoramento de determinados agentes. De maneira esquemática, pode-se vislumbrar essa representação dos indivíduos da seguinte maneira:

FIGURA 4 – Identificação com a Segurança



A liberdade retratada pelos entrevistados se consolida através de um controle, vigilância e monitoramento. Neste aspecto, é interessante notar como os ambientes privados apareceram com forte protagonismo nas referências de locais seguros do centro, principalmente os shoppings centers.

[...] Os lugares particulares (risos). Ambientes particulares e dependendo dos ambientes particulares, que muitos ambientes particulares sofrem também como qualquer outro (Entrevista 10).

[...] Sim, tem local sim. [...] O local que eu acho aqui que seria mais seguro seria o shopping. Sendo monitorado pela segurança privada. Então é mais difícil de acontecer um evento. (Entrevista 19).

Não, eu estou sempre vigilante. Só quando eu entro em shopping estabelecimento, assim...Um local... sinceramente, hoje em dia, vigiado. Com câmera, com o que der, policial, cerca... (Entrevista 70).

Para evitar os perigos do centro da cidade, ambiente inseguro e desorganizado, as pessoas encontrariam nos ambientes privados um refúgio contra as ameaças da rua. Os locais que detêm uma maior capacidade de fiscalização e restrição são vistos pelo grande público como locais onde é possível uma maior tranquilidade e segurança. Além dos estabelecimentos shoppings e comércios, a residência e moradia dos entrevistados também aparecem como seguros. É importante reiterar que a pesquisa não foi realizada apenas com moradores do centro, mas com indivíduos que circulam pela região. Assim, ao descrever determinados locais seguros do Centro, alguns tomaram por parâmetro a segurança de toda cidade.

Essa afirmativa se pauta na constatação de muitos entrevistados descrevendo suas casas como único local seguro mesmo sem habitar no Centro.

Não, eu acho que o local mais protegido é em casa (Entrevista 47).

O que eu imagino de local seguro, sinceramente, é a minha casa. Eu penso a minha casa como aquele lugar de conforto, aquela zona segura onde que... eu acho, tenho certeza de que não me acontecer nada. Principalmente porque meu cachorro também não vai deixar (risos) (Entrevista 46).

Outra forma de verificar como se constrói essa percepção de um local seguro seria observar a sensação de segurança das pessoas que transitam por um dos shoppings do centro de Belo Horizonte. Considerando que a maioria deles descreveu o shopping como seguro, seria relevante perguntar os fatores associados a esta segurança. Analisando os dados abaixo, fica visível a discrepância entre a sensação de segurança das ruas (descrita na Categoria A) e a de ambientes privados, também situados na região. As entrevistas abaixo retratam as justificativas e alegações sobre a sensação de segurança das pessoas que transitam no Shopping Urbano, situado na área central da capital mineira.

É um local seguro porque tem um sistema de monitoramento né?! E tem a segurança interna então, a princípio, não tem muito risco pelo fato de ser totalmente monitorado que restringe então que ocorra alguma coisa aqui dentro. (Entrevista 43 – shopping Urbano).

Sim, eu acho. Até porque aqui a gente está num ambiente em volta de empresas, ambiente comercial, então eles investem muito em segurança. (Entrevista 8 –shopping urbano) .

Me sinto tranquila, acho bem seguro, até mesmo o trabalho que é executado aqui, todas as vezes que eu precisei até mesmo da assistência foi muito tranquilo referente a isso. Entrevista 1 (shopping).

Os dados acima reforçam a ideia do shopping como um local fechado em que existe uma maior tranquilidade. Esta segurança se atribuiria a uma grande quantidade de vigilantes, de um sistema de monitoramento que proporcionaria uma maior sensação de estar protegido quanto à presença ou à ocorrência de determinados “problemas”. Da mesma forma que o público que frequenta os grandes centros urbanos, a segurança e tranquilidade se deveria a vigilância e monitoramento do local.

É segurança privada... aqui não tem tanta gente aqui como tem lá fora. Aqui fica mais fácil pro pessoal olhar a segurança do que lá fora, entendeu? A polícia, segurança interna do lado de fora é muita gente pra muito pouco policial, você entendeu? Quando você vai para fazer uma ocorrência o cara já tá longe. Agora se o cara fizer alguma coisa aqui dentro, aqui você vê, tem câmeras, cara não consegue sair da portaria você entendeu? (Entrevista 33 – Shopping Urbano).

Olha, eu frequento pouco shopping né. Eu acho que é um local seguro, pelo fato de ser um público mais selecionado, eu acho que vigilância, o pessoal é bem uniformizado, bem ostensivo. E isso então facilita um pouco a segurança. Eu acho que é um local mais seguro que os locais aí fora. (Entrevista 45 – Shopping Urbano).

Um local seguro que tem um sistema de monitoramento né? E tem a segurança interna então a princípio não tem muito risco não, pelo fato de ser totalmente monitorado e restringe então que ocorra alguma coisa aqui dentro. (Entrevista 43 – Shopping Urbano).

Para a maioria dos entrevistados do Shopping Urbano, a segurança privada deteria uma proteção muito mais eficiente do que a segurança pública. Enquanto nas ruas o policiamento seria escasso e deficiente para um território muito amplo, no sistema privado, o monitoramento seria efetivo, com muitos vigilantes para acompanhar os transeuntes do local.

A... segurança pública é segurança nenhuma na verdade (risos). Né? Na rua...enfim... você está a ermo de acontecer qualquer coisa, de ser assaltado e tal. E como eu já fui várias vezes né. Aqui de fato, em relação ao comércio, o shopping traz essa segurança maior pelo número de pessoas. Eu trabalho no comércio, trabalho numa loja de rua... e pro meu trabalho eu me sinto um pouco acuado, com um pouco de medo. Medo de abrir a porta. No shopping não, é diferente. É bem mais seguro. (Entrevista 40 – Shopping Urbano).

A rua, por exemplo, a rua você não tem segurança nenhuma, você passa de um lado, você passa de outro, a qualquer hora você pode ser assaltado. Pode acontecer alguma coisa com você. Então, no Brasil a gente não tá seguro em nenhum lugar! (Entrevista 37 - Shopping Urbano).

Como relatado pelo entrevistado 22, o sistema de segurança exercido no shopping restringiria as iniciativas e oportunidades de determinadas pessoas que poderiam circular no local com intuito de cometer crimes. A estrutura de proteção desta rede de comércio protegeria os indivíduos de sujeitos “mal intencionados” pela redução das oportunidades e aumento dos riscos ao cometer determinado ato.

Eu acho que deve ser... eu acho que mais garante a segurança neste local é o bem estar das pessoas aqui, entendeu? As pessoas que vem pra cá já sente medo de entrar aqui...os mau. As pessoas de mau já sentem medo de entrar num lugar desse porque esta vendo que aqui tem câmeras, tem câmara pra tudo enquanto é lado tem...tá vendo os seguranças pra tudo enquanto é de lado. Isso faz com que eles temem os lugares mais fácil. O ladrão...eu acho que ele apresenta assim...ele sai procurando o mais difícil e o mais fácil. Onde ele ver que é mais difícil, ele volta, onde vê que é mais fácil, ele ataca. Então aqui acho que o sistema é esse. Um sistema de câmara é a segurança dos seguranças que tão rodando pelos prédios em todos os andares. Então é isso. (Entrevista 22 - Shopping Urbano).

Outra forma de descrever essa sensação de segurança proporcionada pelo shopping é opor a situação vislumbrada no local daquela vivenciada na rua. Para o entrevistado 40, não existiria nenhuma segurança nas ruas, ele mesmo, que trabalha

em um comércio na cidade, afirma que se sente acuado no local, diferentemente do shopping. Neste estabelecimento não seria necessário uma apreensão tão excessiva quanto nos demais, os seguranças estariam lá para poder auxiliar e proteger os frequentadores quanto às ameaças externas.

No imaginário dos entrevistados, a possibilidade de ter a quem recorrer é algo que produz uma maior sensação de segurança dos shoppings em oposição à insegurança do centro. Esta mesma demanda também se encontra nas entrevistas realizadas nas ruas. Ao descrever aquilo que imagina como um local seguro, a entrevistada 26, apresenta esta falta de aporte da segurança pública. Para essa mulher, que tem 53 anos, a segurança não se apresenta apenas pela quantidade de policiais e câmeras, mas principalmente por agentes que estariam dispostos a atender suas demandas quando o perigo se apresentasse.

Olha eu acho que teria que ter segurança, para mim que eu considero, teria que ter policial e a gente ter acesso quando a gente pedir socorro eles estarem prontos porque não adianta só ele estar em pé como... um enfeite não. Porque câmera para enfeitar tem muita, mas ela não me previne da segurança quando eu grito socorro, ela não está lá para me acolher. Então, para mim, segurança não é só ter o efetivo não. Ele tem que estar atento às minhas necessidades, aos meus comandos, pedir ajuda e estar ali para ajudar. Porque não adianta ele estar em pé na esquina me olhando e eu olhando para ele. Isso não é segurança! (Entrevista 26).

Alguns entrevistados também descrevem a impossibilidade de identificar qualquer lugar como seguro no Centro de Belo Horizonte, incluindo o Shopping Urbano. Para eles seria inviável declarar um local como 100% tranquilo, sendo necessária uma atenção constante durante todo o centro. Esta característica também foi apontada no início deste capítulo, quando muito dos entrevistados afirmavam não ser possível descrever um local perigoso, já que este perigo se encontraria em todo o centro de Belo Horizonte. Nos depoimentos abaixo, os entrevistados apontam um panorama de insegurança generalizada o que impossibilitaria afirmar um local como mais ou menos seguro.

Eu não acho nenhum um local seguro. Dentro de shopping eles fazem arrastão, fora de shopping, na rua, dentro. Nenhum lugar é seguro, nenhum. (Entrevista 50).

Cem por cento tranquilo não tanto né... mas tipo... Não, para te falar a verdade, não mesmo. No centro da cidade, muito difícil... muito difícil. (Entrevista 45).

Ficar dentro de casa e olhe lá. Porque ficar dentro de casa também você pode tomar uma bala perdida...do vizinho. (Entrevista 65).

Embora em menor número, além das próprias residências, outras regiões que não pertencem ao Centro de Belo Horizonte também foram descritas como seguras. Estas descrições retratavam frequentemente a região da zona Sul de Belo Horizonte, onde habitam pessoas com maior poder aquisitivo.

[...] Acho que região mais... a região mais sentido... é...depois do shopping cidade ali para cima cara... eu acho que... em relação a região daqui para lá você sente que realmente eu acho que até o... o nível do pessoal não é que o nível do pessoal, tem o nível do pessoal muito alto, é uma característica do pessoal que já é mesmo...eu acho até que o policiamento é mais efetivo lá. Não estou querendo fazer distinção mas é bem oposto ali, sentido zona sul. (Entrevista 8)

[...] Mais seguro aqui? Olha, a praça da Savassi é bastante segura, a praça da Liberdade. Acho que por se tratar de uma área mais burguesa né? Aí você vê um maior patrulhamento de polícia, com mais frequência você vê os carros de polícia, polícia patrulhando. Lá, com certeza é mais seguro que o hipercentro em si. (Entrevista 2).

Na tabela 4 abaixo segue um quadro descritivo ressaltando os principais fatores mencionados pelos entrevistados que caracterizariam um local como seguro.

TABELA 4 – CARACTERIZAÇÃO DE LOCAIS SEGUROS

CARACTERIZAÇÃO DE UM LOCAL SEGURO	
✓	Policiamento ostensivo e bem equipado (câmeras, segurança e vigilância)
✓	Responsividade das instituições de segurança
✓	Local ordenado, com normas.
✓	Liberdade de locomoção: desnecessário mudança de comportamentos despreocupação quanto a ameaças
✓	Ambientes privados ou próximo a grandes estabelecimentos comerciais: shoppings, estabelecimentos, residência

Segundo o quadro acima, a representação da segurança se caracteriza por locais em que os indivíduos sejam livres, sendo desnecessário mudanças de comportamento para se locomover. A liberdade retratada aqui se apresentaria justamente pelo intenso controle e vigilância no local, capaz de prestar auxílio e estabelecer normas como nos ambientes privados.

2.6 PRINCIPAIS PROBLEMAS E SOLUÇÕES APRESENTADAS A SEGURANÇA

Nesta etapa foram descritos os relatos que destacam falhas na segurança no Centro de Belo Horizonte, além das narrativas que apresentaram soluções para esse problema. Foram utilizadas como principais referências analíticas a questão número 20 e 21. Enquanto a questão 20 perguntava o que poderia ser feito para melhorar a segurança e reduzir o perigo no centro de BH, a questão 13 concedia ao entrevistado a possibilidade de acrescentar algo que não foi perguntado à entrevista.

Ao analisar os principais problemas da segurança, apontados pelas pessoas que circulam pelo Centro, é possível obter um panorama quanto a fragilidade das instituições. A maioria dos entrevistados ressaltou a falta do contingente policial, dimensão essa que se tornou pedra angular dos discursos. Para os entrevistados, a baixa quantidade de policiamento na região possibilitaria a expansão do perigo e da sensação de insegurança.

[...] Eu acho que é...são pontos eu acho que seria um efetivo policial mais estratégico não é? Em pontos que realmente a gente vê que é mais crítico... a gente vê por exemplo a região da Guaicurus, a gente vê que tem polícia lá mas tem hora que não tem, eu acho que deveria ser mais intenso sem assim, mais... mais incisivo mesmo, entendeu? Vê um suspeito, abordar...intimidar o pessoal mesmo, para dar linha... (Entrevista 8)

Eu acho que a questão, assim, se tivesse um policiamento assim mais... é...rigoroso, entendeu? Porque, aqui, eu por exemplo posso contar nos dedos as vezes que eu vi uma viatura passando aqui. Então, eu acho que a questão do policiamento já ia ajudar bastante, em relação aqui a iluminação tem alguns pontos também que não são iluminados, então eu já acho também que já ia contribuir bastante, porque pelo fato de ter muitos estabelecimentos, então quando dá uma certa hora da noite, fecha não é? Então já não tem aquele fluxo grande de pessoas. Então eu já acho que policiamento e iluminação adequada já ia ajudar. (Entrevista 27)

Inseguro, que roubo aqui tem direto! Quando não é roubo tem briga. Então acho que deveria ter policiamento em cada canto desse centro deveria ter policiamento. [...]Olha, aqui não está tendo policiamento, a gente tem só guarda fiscal¹⁶. (Entrevista 1).

A ausência da polícia caracterizaria um dos principais problemas da segurança no Centro de Belo Horizonte, sendo necessário um aumento do seu contingente como forma de reduzir o perigo para as pessoas. Como apontado pelo entrevistado 8, muitos pontos críticos estariam sem proteção justamente pela falta de policiais. A expansão

¹⁶ Suspeita-se que o entrevistado se referia a “guarda municipal”

dos órgãos públicos de segurança aparece como elemento crucial no combate ao crime no centro de Belo Horizonte.

Ah mais... a culpa também mais acho que tem que ter mais é... sensatez do cidadão também, sabe? Porque às vezes...igual eu, tô aqui com o fone de ouvido. Às vezes eu pego, não sei se você reparou, meu celular fica aqui dentro do bolso mas muita gente fica com o celular do lado de fora, isso acaba atraindo mais. Mas eu acho que, em relação a mais, acho que não, acho que mais guarda municipal é...andando para cima e para baixo seria melhor onde que (inaudível)... tem toda esquina que você vê tem um guarda municipal. Sabe? Acho que deveria haver isso aqui no centro. Porque às vezes a gente corre risco até dentro de casa mas aqui, no centro de Belo Horizonte, acho que necessitaria...bairro, tudo bem, é uma coisa, mas eu acho que centro de BH tem que ter uma atenção maior. Ainda mais época de turista, hoje eu estava no parque ali, chegou uns seis ônibus de pessoas de fora, né? Eu achei maravilhoso na hora que eu vi, cada lugar que eu fui, eu vi um guarda municipal, eu achei muito difícil, muito raro ver. Só que não deveria de haver não é só lá fo... lá dentro, cá fora também. (Entrevista 17).

A referência à segurança realizada na Copa do Mundo (quando essa região da cidade foi policiada por profissionais transferidos temporariamente de outras cidades de Minas Gerais) na entrevista 51 também reflete o intuito por um maior policiamento nas ruas. Durante o evento realizado no ano de 2014, houve forte aumento do contingente policial na cidade em vista da grande quantidade de turistas no evento.

Eu imaginaria que... deveria ter policiamento. Na copa...na copa...na copa do mundo, sempre teve policiamento. Então seria o mesmo policiamento que teve na copa do mundo. (Entrevista 51).

É o que... teve na copa do mundo... o policiamento. É o policiamento (Entrevista 55).

Embora a esmagadora maioria das pessoas reconheça a polícia como um elemento crucial para melhorar a segurança restringindo ameaças, muitos entrevistados, inclusive alguns que defendem a expansão da corporação, afirmam que a instituição também se inseriria no problema. Parte dos entrevistados ressalta a imperícia e a falta de treinamento do aparato policial como um dos principais elementos que devem ser solucionados para melhorar a sensação de segurança das pessoas que transitam pelo centro de Belo Horizonte.

[...] Principalmente a questão de policiamento e igual eu já falei anteriormente que a polícia aqui no Brasil ela é muito mal treinada. E mesmo porque eu falei a Constituição aqui ela... ajuda, ela fica mais do lado do bandido do que a própria polícia. A polícia fica sem ação para agir em algumas situações. (Entrevista 3).

Olha, não tem muito... como fala... policiamento... não tem um lugar onde se a gente for assaltado ir correr... na hora (inaudível). Eu fui assaltada aqui uma vez e tinha um policial alí ó...(apontando) perto daqueles telefones, eu fui assaltada ali embaixo, me assaltaram, fui lá falei, não deram a mínima. Então,

mesmo se tiver tem alguns que não se importam muito pelas coisas da gente. (Entrevista 11).

Para alguns deles, a polícia não teria um treinamento correto para resolver os problemas vinculados à segurança. Após terem sido vítimas de um crime, alguns entrevistados relatam que os agentes em serviço não saberiam como agir, muitas vezes menosprezando a demanda relatada. O entrevistado 7 ainda complementa criticando o modo da abordagem policial, já que a polícia não averiguaria as informações, utilizando critérios equivocados na identificação de um criminoso. Somando a desconfiança generalizada que caracterizaria o centro da cidade, o entrevistado apresenta ainda uma situação fictícia que se alguém tivesse algo roubado e apontasse para ele, os policiais certamente o tratariam como se fosse o assaltante, sequer apurando o caso.

Olha, o que eu acho é que devia eles estarem olhando, eles não olham e o que não devia eles estão olhando, entendeu? Tipo assim, o dia que roubaram a minha bike ali, estavam duas viaturas do lado, policial cruzado os braços, cinco minutos que eu vim aqui ao prédio e voltei eu já tinha perdido. Então, não tem como falar que é falta de preparo dos caras e falta de polícia. Porque no dia que roubaram as duas, todas as duas vezes tinha viatura e polícia do lado e não fez nada. [...]Ou, eu falo com você de segurança...Eu, eu moro dentro do morro, eu tenho mais segurança no morro do que no centro da cidade, entendeu? [...] Lá você tem liberdade. Lá na sua casa, dentro do morro você tem liberdade, ninguém mete a, ninguém coloca você na parede toda hora, fica revistando você, entendeu? Aqui no centro, toda hora, você pode ser o trabalhador que for, os caras estão jogando suas coisas no chão. Ah! Hoje você não pode confiar em ninguém que está sentado na praça, você não sabe se está olhando para você se daqui a pouco ele já vai pular em você para roubar você ou outras pessoas então...você não tem segurança, infelizmente, a segurança, aqui, falta! Total! Não tem outra explicação para isso! Não é seguro! Para mim não é seguro. [...] Ah... um local seguro? [...] Aqui, agora mesmo, você não vê polícia nenhuma e eles falam que a gente paga imposto para eles trabalharem, pelo próximo, para a segurança das pessoas e você não vê segurança nenhuma. Então polícia nenhuma você está enxergando. Se o cara roubar aqui agora. É... vantagem para o ladrão e desvantagem para quem foi roubado ué... entendeu? [...] Aqui no centro, toda hora, você pode ser o trabalhador que for, os caras estão jogando suas coisas no chão. O bandido na favela não faz isso com ninguém não sô. E uma, outra, ninguém morre no morro de graça, entendeu? Quando acontece alguma coisa é porque aquela pessoa já passou bem do limite, entendeu? Aqui no centro não, aqui é, seu uma pessoa foi roubada e eu estou de boné na cabeça e uma bermuda se polícia fa... se a mulher falar: “é aquela pessoa ali!”. Eles acreditam. Então, tipo assim, é falta de treinamento, entendeu? (Entrevista 7).

Embora o entrevistado 65 destaque a necessidade do aumento do contingente policial, representado pela Guarda Municipal, ele mesmo descreve que parte dos agentes responsáveis estariam ausentes, não sendo notados na cidade. Parte deste contingente - os guardas municipais - ainda estariam mais preocupados em prejudicar a sociedade do que melhorar a segurança.

Mais policiais, guarda municipal... estes guardas municipais também, cadê eles? Mais de mil guardas municipais... só prejudicar a gente e dar multa na gente. (Entrevista 65).

Outros entrevistados apresentam as falhas da polícia vinculadas a própria estrutura da segurança como um todo. Apesar da pergunta se restringir ao Centro de Belo Horizonte, alguns dos entrevistados afirmaram que os problemas e estratégias para melhorar a segurança na capital não se encontram separados dos problemas brasileiros, ou de uma série de variáveis que influenciariam o atual contexto nacional. A violência e a criminalidade seriam problemas estruturais, difundidos em todo o país, não sendo possível combatê-los através de abordagens isoladas. O entrevistado número 1, jovem de 24 anos, é um exemplo.

[...] Aqui, tem lei de falar, mas de funcionar, não funciona nenhuma. Pelo contrário, entendeu?[...] O país está demais, você esse tanto de matança aí, roubo, estes crimes que estão acontecendo e... acaba que... isso pode até pegar as pessoas erradas, acaba que não prende, soltam as pessoas e... o bandido acha que o... a cadeia tinha que ser mais rigorosa também, não aquela coisa. Os policiais acho que deviam ter aquela liberdade para poder corrigir o indivíduo que está cometendo um ato do crime, e eles não podem ter essa liberdade porque a justiça não deixa! Então está tudo errado, tem que mudar tudo isso aí.

O que você acha que melhoraria a segurança deste local, aqui? Você fala que, por exemplo, estão tendo muitos problemas, o que você acha que melhoraria?

Tropa de choque, meu querido! [...] Tropa de choque, se deixassem estes caras trabalhar mesmo, desse liberdade para eles fazerem o que quiserem. Se pegar um cara roubando aqui eles descessem a lenha no cara. Nunca mais ia ter roubo, ia ter crime, vendendo nada falsificado aqui. (Entrevista 1).

Segundo alguns dos relatos, a própria estrutura das leis, instituições e o sistema de justiça cerceariam a ação policial impedindo um combate efetivo da criminalidade. Para estes entrevistados, os policiais seriam apenas o reflexo de um sistema ineficiente, corrupto, e pouco atuante, incapaz de colocar freios às atividades que propagam a violência e, concomitantemente, a sensação da insegurança. Para o entrevistado acima, os mecanismos de ação que forneceria as bases legais para as ações dos policiais não os auxiliariam. Pelo contrário, ao personificar-se no sistema de justiça, a própria legislação seria um entrave para redução do perigo, impedindo a “correção o problema”.

Neste cenário de caos generalizado, onde a desconfiança atinge não apenas a sociedade, mas as próprias “instituições democráticas” responsáveis por melhorar a segurança e implementar a justiça, a adoção de outros modelos de organização aparecem como um projeto viável para resolução do problema. A adesão ao

militarismo da entrevista número 1 é um forte exemplo. Considerando a precariedade e ineficiência das instituições democráticas, o modelo ditatorial pautado na valorização de um sistema punitivo de segurança é descrito como uma alternativa ao sistema de justiça que ataria a mão das instituições responsáveis por conter a criminalidade.

Bom, eu acho que se estivesse na época do militarismo, os policiais que mandavam, não ia ter nada disso não, meu querido. Ia ser “tranquilasso”, o povo ia poder sair até com nota de 100 pendurada que não ia ter ninguém para roubar. Então se fosse na época onde os soldados batia no menino estrangulava mesmo, o negócio ia mudar. (Entrevista 1).

Neste quesito, a autonomia dos agentes policiais é vista como um elemento importante. Parte considerável dos entrevistados afirmou que a polícia estaria presa a determinadas regras que pouco contribuiriam para a redução dos crimes. Esta percepção é fortemente acentuada pela sensação de impunidade, dada a percepção de que as leis são inócuas e as instituições responsáveis por sua execução seriam falhas. Sendo assim, o Estado, bem como todo aparato público que o comporia, não estaria apto a fazer frente à criminalidade e violência.

Eu acho que a ação está pouca. Precisaria de pegar com mais ener... ser mais enérgico, sabe? Dar uma lição nestes malandros que estão por aí, porque, do jeito que está... isso não é só para mim ou para você não, é para todo mundo. Tem que ter uma proteção, entendeu? Tem que...interagir com mais... se deixar, bandido toma conta, toma conta mesmo! (Entrevista 39).

Nenhuma medida no sentido, assim...direto de tipo “Ai, fecha tal lugar, abre tal isso”. Só, que eu acho, é questão de leis. No dia que começar a ter pena de morte, quem pratica, vai pensar duas vezes antes de praticar.

Você acha, então que a pena de morte ajudaria?

É. Eu acho que mais mexer nas leis, no sentido de punição, por exemplo, prisão perpétua, pena de morte, começar a ter penas que realmente amedrontem para a pessoa pensar duas vezes antes de matar, antes de assaltar, antes de qualquer coisa. Só que o povo assalta sem medo porque sabe que... é... regime semiaberto é não sei o que... preso é cheio de mordomia, direitos humanos é não sei o que... não dá nada para eles então... eles assaltam sem medo porque a punição no Brasil é ridícula. [...] Acho que as punições fossem realmente cumpridas, não existisse essa mordomia “aí, os direitos humanos”, “você não pode encostar a mão no cara”, “ah, é regime semiaberto”, “bom comportamento”, não sei o que...se não existisse todo este relaxamento, talvez as pessoas pensassem antes de cometer qualquer crime. (Entrevista 50).

Acho que tinha que ter uma punição forte. Quando é... polícia pegasse quem está roubando, acho que a punição deveria ser severa. Não pegar e soltar porque... eu acho que isso iria inibir (Entrevista 75)

Ter um policiamento mais extensivo e um treinamento, não é? Para a polícia. E a polícia ter mais autonomia. Porque eu acho que a legislação brasileira deveria mudar em alguns segmentos, em alguns tópicos da legislação deveria ser mudada. (Entrevista 3).

Como apresentado nos relatos acima, para alguns entrevistados a falta de punição seria o principal motivo da expansão da criminalidade no Centro de Belo Horizonte e no país como um todo. O uso da força e violência aparece como um recurso legítimo para solução da insegurança. Esta mesma percepção se enquadraria entre os próprios agentes que realizam a segurança privada. A entrevista abaixo foi realizada com um grupo de vigilantes que realiza a segurança no shopping Urbano, a resposta abaixo foi proferida por um dos coordenadores da vigilância no local.

O shopping hoje seguro ele tem que trabalhar dentro da legalidade para resguardar a segurança de quem faz a segurança. E essa questão, um dos dificultadores, hoje, a gente sabe que são nossas leis que estão ultrapassadas. Tanto no processo civil, código penal. Então assim, mediante furto aqui, nós fazemos todo um procedimento, ele é preso, só que ele é solto e vem aqui furto novamente. Não é porque ele achou fácil, ou a segurança falha, é porque o sistema é falho. Então ele vai, ele sabe que ele vai responder o processo em liberdade, então ele faz a ação delituosa uma, duas, três, quatro vezes e... de uma certa forma, o shopping nosso hoje aqui é um shopping seguro. Talvez aí um dos mais seguros que você vá encontrar aí no Brasil.

[...] A lei tinha que ser, a lei penal do processo penal, do processo penal tinha que ser mais rigorosa. Tem que punir e... fazer com que o cidadão ele fique preso. Porque hoje a gente vê que o mesmo mediante que você pega ele hoje ele... Art. 155: Furto, ele fica detido, só que ele é solto, responde processo em liberdade, ele comete as ações em outros locais não só aqui neste shoppings. O mesmo que furto aqui, ele furta no Balaustra¹⁷, Blaster Shopping¹⁸ ... então hoje a lei ela tem que ser... ela é um dos principais aliados da segurança. Se ela é falha, ela vai tornar falha todo o sistema. Não digo só o de segurança privada, de segurança pública principalmente. (Entrevista com segurança do shopping urbano).

Embora o shopping fosse um ambiente seguro, que realizaria uma segurança efetiva sobre o local, a segurança pública traria empecilhos à própria proteção do estabelecimento. Segundo o entrevistado, as leis que regem toda a segurança incentivariam a continuidade da ação criminosa, inclusive, dentro de um espaço fechado como o shopping center. O infrator se aproveitaria das brechas e oportunidades da legislação como forma de continuar atuando. É possível ver o mesmo discurso ao analisar a fala das pessoas que transitam pelas ruas. Direitos humanos, regime semiaberto, menoridade penal são caracterizados como regalias numa sociedade sitiada pela violência e criminalidade.

Então as vezes você é assaltado, você pega um menino de menor destes aí, você vai reagir, bate num menino destes e as polícias ainda querem te prender. Você que está errado, você não pode bater num "de menor", mas não esquece que os caras são de menor mas tem faca, tem tudo e... né? Então...Eu acho, punição... Ajudaria!

¹⁷ Nome fictício do estabelecimento

¹⁸ Nome fictício do estabelecimento

Porque às vezes eles falam muito : “Ah, eu não vou pegar não, que o cara é de menor, não vou fazer isso não que não sabe o que está fazendo...” Sabe! Sabe o que está fazendo, sabe! Mas só que, acho que eles são muito de passar a mão na cabeça de mais... por isso que tem muito criminoso, tem muito ladrão, eles assaltam demais é por causa disso, entendeu? Porque eles sabem que o cara vai roubar e não vai ter punição para eles, entendeu? (...) Que os militares vão fazer os trabalhos dele né? Mas eles também não tem muito o que fazer se juiz chegar lá : “não, vou soltar, porque ele é de menor, é réu primário, que não sei o que, e tal, e não vamos dar punição para eles não” Aí acontece muito disso, entendeu? (Entrevista 13).

Sem entrar no mérito de se cada uma destas políticas é ou não efetiva, como haveria forte impunidade por parte do Estado, estes entrevistados afirmam que estas leis beneficiariam mais os infratores do que os cidadãos. Como ressaltado pela a entrevista 13, as instituições atuariam de maneira tão perversa que impediriam o indivíduo de reagir quando fossem vítimas. Este desejo pela reação da sociedade não foi apenas um caso isolado nas entrevistas, observe:

Eu acho que tipo, tipo...ah, eu acho que tem que fazer um trabalho mais árduo, assim tal...eu acho, agora, em relação a malandragem toda que tem que existe, eu acho que a população, se a polícia não der conta. Eu acho que a população tinha que agir, deveria agir com as próprias mãos, mas que não aconteça nada com ninguém que a pessoa aja em legítima defesa, porque se a polícia não der conta de segurar, quem é que vai segurar? Tanta violência aí contra a mulher e... muita coisa... é muita sacanagem. (Entrevista 39).

A impunidade característica do país que, na visão dos entrevistados, resulta na não punição destes agentes infratores, deveria ter como corolário a redução das oportunidades, como salientado pela teoria das atividades rotineiras. Como apontado pelo entrevistado 39, em um cenário de ineficiência do Estado, onde os agentes da lei não conseguem lidar com problema, a população deveria agir em legítima defesa. Assim como 35% da sociedade brasileira (DATAFOLHA, 2014), o entrevistado 36 aponta para a posse de armas como um instrumento de defesa que não poderia ser restrito ao cidadão. Para ele, com a posse de armas, a população inibiria ação dos criminosos, aumentando os riscos em se empreender determinado ato infrator.

Eu posso ser sincero, cara? Igual...não sei se é até hipocrisia da minha parte, mas o que acontece, pelo simples fato de eles estarem pensando em liberar o porte legal da arma para o cidadão, assim como é também nos Estados Unidos, eu creio que, para mim, diminuiria muito o roubo porque pelo simples fato de saber que você está armado ou eu estou armado, eu não iria querer mexer com você. Eu creio que os bandidos também seria assim, eu não iria mexer com uma pessoa que estivesse armada porque não são bobos, não é? Então eu acho que ajudaria na segurança o porte legal de arma para o cidadão brasileiro (Entrevista 36).

Outros entrevistados apresentaram soluções para o problema da segurança destacando que as regras adotadas pelo aparato público na tentativa de melhorar a sensação de segurança seriam ineficazes, motivo pelo qual faz-se premente maiores medidas de contenção que não passariam apenas pela polícia, mas por outros órgãos de segurança pública e justiça criminal. Como exemplo, os entrevistados abaixo apontam que a diminuição da violência e criminalidade passaria pela restrição de determinados indivíduos aos espaços públicos:

Entrevistador: O que você acredita então que aumentaria a segurança aqui no centro de Belo Horizonte? Quando você pensa num aumento de segurança o que você acha que ajudaria aqui a aumentar a segurança no Centro?

Limpeza do centro urbano! Retirar a maioria destes moradores de rua porque 90% se não for 100% eles não são moradores de rua, eles são usuários que ficam fazendo tráfico que fica fazendo furtos pequenos e até grandes furtos e... com essa roupa suja com essa cara de usuário mas eles não são... A maioria quando você vê este bolinho são pontos de droga são biqueiras de drogas que eles ficam passando, aliciando as pessoas (inaudível), principalmente secundário que hoje em dia a gente fala que antigo segundo grau que a gente vê... hoje mesmo, eu deparei com uma cena muito triste dentro do parque municipal: uma turminha de estudantes, tudo do segundo grau, e aonde eles estavam iniciando o outro na gestão de maconha, então assim, o rapaz, fumou, fumou, fumou a ponto dele vomitar. Então isso é muito inseguro e é muito ruim porque quando o pai pensa que o filho está na escola aprendendo, melhorando a educação que era o que eu fiz com meus filhos e creio que você fará com os seus, os filhos da gente estão na mão dos traficantes sendo aliciados. Então, para mim, eu acho que deveria ter uma varredura, uma limpeza, uma limpeza mesmo! No sentido de retirar, você entendeu? E coibir a ação deles. (Entrevista 26).

Igual eu falei com você, tirar esse povo da rua e criar uma lei para isso, uma lei para punir eles. Não ficar livre, eles são livres! Se eu quiser chegar aqui e quiser fazer uma cabaninha para ficar ali, eu fico. Não quiser trabalhar mais, entendeu? Então eu acho que isso mudaria sim, entendeu?

Você acha que eles apropriam do espaço público...(interrupção)

Apropriam do espaço público e tiram a segurança das pessoas porquê...ali eles fazem tudo e... até agredir as pessoas, não é? Igual, eu já passei na rua é... Santos Dumont, achei um bêbado, sei lá o que ele estava fazendo, estava lá deitado lá, cheguei lá ele me deu um chute. Sei lá se ele estava dormindo ou acordado, então assim é briga... proibir a bebida também porque é uma coisa que atrai muito as pessoas, não é? (Entrevista 77).

A partir destes trechos, é possível notar que alguns entrevistados não só identificam parte dos moradores de rua como perigosos, mas associam sua retirada do centro como um projeto de melhoria da segurança pública. Como destacado anteriormente, segundo Zirimg (2012) essa medida foi considerada determinante para a recuperação de Nova Iorque do ponto de vista de organização do espaço público e do aumento do sentimento de segurança daqueles que transitam pela área; em que

pese tais ações terem sido duramente criticadas pelos setores mais progressistas alegando um “viés higienista” capaz de suprimir o direito das populações marginalizadas (CUNNEEN, 1998).

Os entrevistados parecem almejar a institucionalização de políticas de lei e ordem extremas, como as que podem ser derivadas da teoria das Janelas Quebradas (WILSON e KELLING, 1982). Por mais que o estudo não obtenha informações mais detalhadas sobre como os entrevistados desejam esta limpeza urbana, é possível inferir que expressões como a “limpeza do centro urbano” ou que estabeleçam punições ou a retirada involuntária, indicam uma tentativa de reorganização forçada da segurança pública através da coerção de determinados setores considerados como incômodos dentro desta sociedade. Uma das preocupações desta proposta se caracterizaria pela implementação de políticas que criminalizam a pobreza, restringindo o acesso público a determinados setores considerados inapropriados.

Outro ponto também apresentado pelos entrevistados é o desejo de mudança da segurança pública a partir da reestruturação de determinados valores na sociedade. Para eles, a reformulação de certos hábitos e atitudes possibilitaria uma melhor sensação de segurança. Essa perspectiva lembra, em certa medida, a abordagem do controle social de Gottfredson e Hirsh (1990). Nestes aspectos, a educação cumpriria um papel crucial de reeducação da sociedade, principalmente dos setores mais jovens.

Cara no meu modo de ver a questão da segurança não é nem... não é nem... questão de mexer em nada. Questão mais é...é consciência das pessoas mesmo. Não vai adiantar colocar mais polícia, isso não vai adiantar não ué. Hoje em dia tem bandido que põe medo até em polícia, então o negócio é a consciência das pessoas mesmo que tem que mudar! (Entrevista 82)

Tem que mudar um todo assim, a segurança pública no meu modo de ver. E também as pessoas também, os próprios cidadãos se involucram mais. Saber separar violência com discriminação. Acho que acontece muito, até eu, falo por mim mesmo, não é, igual tava falando em julgar, eu olho aquele **(direcionando a mendigo)**. Para mim é uma pessoa inofensiva mas não sei a necessidade dela, acho que falta no Brasil é... falta muita coisa! Não adianta, os policiais parados, os policiais às que veem talvez um jovem mal intencionado mas vai abordar um morador de rua ou vai abordar uma pessoa que não tem nada a ver, entendeu? (Entrevista 92)

Eu acho que não tá... não tá...voltando, votando pela segurança mas sim, vai pela educação também. Porque às vezes o adolescente hoje só quer assaltar, só quer roubar é, é... eu acho que incentivo é mais na área da educação, para a escola para as crianças porque se tiver mais escola, às vezes, ou... emprego essas, não ficaria essa juventude, essa adolescência em rua e, um pouco aumento também do policiamento né? (Entrevista 14)

Primeiro vem do berço, educação dos pais não é, educação na escola...e também desigualdade social, eu acho que traz muita, muito roubo, muito assalto, eu acho que isso né? Porque eu acho que o...tinha que tratar é do princípio, não do que já está... entendeu? Por exemplo, se eu tirar uma pessoa da rua, sendo que ela já vive tanto tempo na rua, ela vive disso...eu acho que deveria começar do berço, não é? Na educação das crianças dos adolescentes. Eu acho que isso deveria mudar. (Entrevista 87)

É importante notar que para estes entrevistados a adoção de qualquer medida pontual seria incapaz de resolver o problema da criminalidade. Para eles, a segurança melhoraria através de certas transformações estruturais pautadas pela mudança da sociedade. Nesta perspectiva, a educação de jovens ganha força fornecendo o caminho para aumentar a segurança daqueles que transitam pelo centro de Belo Horizonte.

Na Tabela 5 são apresentados os principais problemas e soluções apresentadas para a segurança ao longo das entrevistas. Embora eles tenham sido descritos de forma conjunta, na maioria das entrevistas, como forma de facilitar a interpretação, a tabela foi dividida separando os problemas das soluções.

TABELA 5 – PROBLEMAS/ SOLUÇÕES PARA A SEGURANÇA

PRINCIPAIS PROBLEMAS E SOLUÇÕES APRESENTADAS PARA MELHORAR A SEGURANÇA DO CENTRO DE BELO HORIZONTE	
PRINCIPAIS PROBLEMAS	<ul style="list-style-type: none"> • Fraqueza das leis e das instituições
	<ul style="list-style-type: none"> • Polícia mal treinada, mal equipada, oferecendo pouca assistência
	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de justiça,
	<ul style="list-style-type: none"> • Retirar moradores de rua do centro de BH
	<ul style="list-style-type: none"> • Corrupção do Estado na gestão dos recursos
SOLUÇÕES APRESENTADAS PARA A SEGURANÇA	<ul style="list-style-type: none"> • Educação dos setores mais jovens e da sociedade
	<ul style="list-style-type: none"> • Aumento da polícia
	<ul style="list-style-type: none"> • Maior intensidade na abordagem policial
	<ul style="list-style-type: none"> • Atuação da polícia em pontos mais críticos
	<ul style="list-style-type: none"> • Tornar as leis mais rígidas
	<ul style="list-style-type: none"> • Direito a defesa e reação da sociedade
	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicar a lei

A Tabela 5 acima destaca os principais problemas e soluções para a segurança no centro de BH. A partir dela é possível notar que embora as instituições e o Estado ocupem um papel relevante na reestruturação da segurança, elas também compõem parte do problema. Para muitos entrevistados, a fragilidade do Estado em como organiza suas políticas apenas incentiva a insegurança e as oportunidades para o crime.

A falta de policiais, o excesso de moradores de rua, a desassistência em políticas efetivas para o controle do espaço urbano seriam uma forte ameaça às pessoas no centro da cidade. Neste contexto, chama a atenção algumas abordagens que descrevem uma descrença nas regras que constituem as leis e a justiça no país. Em muitos casos essa desconfiança da força para que a própria sociedade busque alternativas para sua proteção, impulsionando muitos indivíduos a se fecharem ao

convívio social com outras pessoas, considerando-as possíveis ameaças. O próximo capítulo tenta aprofundar este debate, buscando analisar algumas consequências desta insegurança e do descrédito das instituições.

CAPÍTULO III
AS REPRESENTAÇÕES SOBRE DESCONFIANÇA E PERIGO

A partir das informações apresentadas no terceiro capítulo, é possível ter uma noção sobre as narrativas que cercam a sensação de segurança no centro de Belo Horizonte. As entrevistas evidenciam a existência de uma forte sensação de insegurança que acompanha as pessoas pela cidade. Esta sensação se caracteriza, sobretudo, pela grande quantidade de fatores identificados com o perigo, os relatos envolvendo crimes, os problemas associados à segurança e as soluções apresentadas pelo público para mitigar a violência.

Por mais que a busca por proteção e o receio em ser vítima sejam não apenas legítimos, mas necessários para preservação da integridade individual, ao olhar para os dados deste estudo é inegável afirmar que a intensa sensação de insegurança pode trazer consigo malefícios, principalmente à convivência em uma sociedade. Este capítulo tenta analisar justamente estes sentimentos que refletem um estado de insegurança generalizado.

3.1 REPRESENTAÇÕES SOBRE A INSEGURANÇA

Segundo Scott (2010, p. 175), as representações “são os fenômenos mentais compartilhados pelos quais as pessoas organizam suas vidas e os constituintes fundamentais de qualquer cultura”. Trata-se de um conceito que permite compreender “as crenças, ideias, valores, símbolos e perspectivas formadores do modo de pensamento e sentimento que são gerais e permanentes numa sociedade ou grupo social e que são compartilhados como sua propriedade coletiva” (Idem, p. 176). Assim, esta seção pretende desvelar como os indivíduos constroem determinadas representações sobre a insegurança, ainda que não tenham vivenciado a vitimização por crime e de que maneira essa mesma representação influi em sua percepção sobre a eficiência policial e a possibilidade de construção de um centro mais seguro.

A percepção de qualquer local como perigoso e a incapacidade de se sentir seguro no centro da capital mineira descrevem um contexto que ameaça a organização da própria vida em sociedade. Considerando que o bom funcionamento de qualquer agrupamento coletivo se fundamente na confiança, e em certo grau de solidariedade ainda que mínimo, é possível inferir que, na ausência destes sentimentos, os indivíduos estariam sujeitos à ruptura de laços fundamentais para a

vida em grupo, levando alguns a se fecharem ao convívio com os demais podendo, em último caso, considerar os membros da própria coletividade como inimigos.

Um indivíduo que identifica a insegurança em um local, seja através de sua experiência ou pelas informações que encontra disponíveis, caracteriza aquele espaço composto por certas ameaças. Estas falas do crime são cruciais para compreender o comportamento daqueles que circulam no centro da cidade. A entrevistada 91 sintetiza bem como essas informações ganham força nas interações. Embora perceba a região como insegura e mude seu comportamento evitando determinados locais para proteger seus pertences, a entrevistada credita suas percepções de perigo às informações e experiências contidas nos relatos de outras pessoas.

Olha, assim, eu não sei explicar mas eu procuro ir bem rápido para o meu destino que é o ponto de ônibus. Bem rapidinho, com a mochila assim, sempre segurando a mochila. É... é isso eu acho, essa insegurança que deixa a gente assim, acho que é automático.[...]

Sempre tem alguns pontos assim tipo... ali no viaduto... Mas assim, não que eu me sinta insegura, mas é que eu sempre escuto muito falar: "cuidado! Não passa por ali, porque sempre tem roubos por ali". Então eu escuto pessoas falarem: "Nossa, eu fui assaltada naquele ponto." Então, acho, tipo, eu nunca fui assaltada aqui no centro também, mas eu sempre escuto falar, tipo, ponto, viaduto, a Guaicurus, aquela área hospitalar[...] (Entrevistada 91).

A descrição de locais perigosos feita pela entrevistada se fundamenta mais nos relatos alheios e advertências proferidas por outros do que nos próprios acontecimentos de sua vida, e experiência pessoal. É interessante destacar como estas experiências dimensionam a compreensão da cidade. Elas não se atêm apenas a determinados espaços ou locais, mas formulam uma percepção integrada da região.

[...] Acho que aqui no Centro, acho que não tem nenhum lugar que eu me sinta segura, não. Tem locais que eu me sinto menos insegura, mas segura, não. (Entrevista 91).

A mesma entrevistada, que descreve nunca ter sido vítima de algum crime, afirma que não há local seguro no Centro. A influência externa, ou seja, as informações que ela obteve através de outras pessoas são suficientes para que ela caracterize o local como perigoso, detendo um papel crucial na elaboração de sua conduta quando decide evitar passar por certos locais. A fala do perigo distribuiria

precauções e receios ao longo de toda a sociedade contribuindo para percepção de cada um deles.

A influência dos meios externos incentivando a insegurança é algo observado pelos próprios entrevistados. O entrevistado 45 reitera o modo como os meios de comunicação podem contribuir para o sentimento de insegurança.

A sensação de insegurança é constante principalmente nos grandes centros, nas metrópoles de São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro. A sensação de insegurança é muito grande! Os jornais a todo momento divulgam muita violência e essa notícia vai disseminando no meio do povo. Então cria na gente uma sensação de muita insegurança. (Entrevista 45 – shopping urbano).

Ao relatarem a violência repetidamente, os jornais contribuiriam formando certas concepções na sociedade. Estas notícias propagariam um forte sentimento de insegurança ao serem distribuídas nos grandes centros urbanos. Embora estas percepções tenham uma importância nas ideias de uma sociedade, seria equivocado compreender a insegurança de uma sociedade apenas através das influências indiretas.

Por mais que a mídia e os meios de comunicação possam influenciar os indivíduos, apresentando a cobertura de certos eventos relacionados ao crime através de uma dramatização da matéria, as percepções sobre o perigo se sustentam principalmente através das experiências, informações, relatos individuais ou de pessoas próximas ao círculo de convivência do entrevistado. Muitas delas refletem ocasiões enunciadas pelo próprio autor do relato. A entrevista 78 personifica este exemplo:

Está uma bagunça isso aqui! 5 horas da manhã, você está doido! Eu já fui roubada aqui duas vezes! [...] [ao se referir a praça Raul Soares] Aqui tinha umas barraquinhas, os caras ficavam aqui, os mendigos que dormiam aqui ó. Eles assaltavam a gente, 5 horas da manhã que eu pego serviço. [...] Duas vezes (inaudível) levou meu telefone aqui.

Quando você está andando no centro, especialmente aqui que você estava comentando aqui, agora, você muda seu comportamento de alguma forma, para se proteger?

É lógico! Você anda insegura! Olha para o lado, segura sua bolsa direitinho, você não anda tranquila!

Estas pessoas que ficam pedindo dinheiro moço, você não sabe se eles ficam pedindo dinheiro ou se eles querem te assaltar. Se aproxima de você, você já fica meio cabreiro. (Entrevista 78)

A entrevistada acima passa pela Praça Raul Soares todos os dias às 5 horas da manhã para chegar ao restaurante que trabalha. Segundo ela, a insegurança seria elevada no centro de BH. Os mendigos que habitam o local seriam uma prova do perigo. Ao relatar eventos em que ela foi assaltada por alguns deles, ela estabeleceria que o perigo residiria no fato de ser morador de rua. A sua própria experiência associaria os mesmos a ameaça.

É a partir destas experiências que muitos dos entrevistados justificam sua sensação de insegurança. Embora alguns deles as descrevam através de relatos dispersos na sociedade ou daquilo que circula no senso comum cotidiano, não devemos analisar estes relatos como simples crenças sociais que apenas ganharam corpo e força pela propagação, exagero ou histeria coletiva. Acima de tudo, eles compõem uma parte fundante das experiências e comportamentos da sociedade que são usados para promover a sobrevivência. O crime, o medo e a percepção de perigo não se relacionam apenas à incidência direta, mas também a sua possibilidade, ainda que remota. Estas possibilidades seriam suficientes para colocar um indivíduo em alerta, entretanto, é possível notar que seu aparecimento cresce mais em alguns locais do que em outros. Essas percepções sobre o que seria perigoso, segundo os discursos de outros indivíduos e as reportagens da mídia, ganham forças em contextos em que a imagem do Estado e das instituições de segurança se encontra comprometida.

Dentre os que relatam o perigo, uma parte considerável demonstra a existência de um sentimento de insegurança generalizado quando transita pelas ruas do Centro, principalmente ao mencionarem certos lugares em que o poder público não estaria presente de forma efetiva como a Praça da Estação, Avenida Santos Dumont, Praça da Rodoviária, Praça Sete, Guaicurus e Praça Raul Soares. Nestes locais, a ineficiência do Estado seja no combate a práticas criminosas (como assaltos, furtos, venda e consumo de drogas) ou pela ausência de policiais, excesso de moradores de rua e falta de iluminação, tornariam estes locais mais perigosos.

Embora existam entrevistados que declarem se sentir seguros em certas partes da região, a grande maioria das pessoas que circula pelo bairro caracteriza o local como inseguro, necessitando tomar maiores precauções em determinados espaços para evitar serem vítimas de algum crime. Na falta de segurança, o desejo por um policiamento incisivo, distribuído ao longo das diferentes regiões no centro parece

uma alternativa viável para redução das ameaças. Este anseio aparece de forma bastante visível nos relatos. Para os entrevistados a quantidade de policiais distribuídos ao longo de todo centro seria irrisória para fazer frente aos diferentes perigos que este espaço comporta.

Infelizmente a única coisa que traz segurança para gente, dá impressão não é, dá impressão não é... Dá a impressão de segurança, é o policiamento ostensivo. Na minha época, mais jovem aí, aqui nós tínhamos o Cosme e Damião, era uma dupla de policiais que para todo lado que você ia, tinha, entendeu? Então essa dupla Cosme e Damião ela foi um sucesso tremendo, eu não sei porque que acabou com ela, toda esquina tinha dois policiais então... inibia muito, entendeu? (Entrevista 88)

Eu acho que cada quarteirão deveria ter um guarda, nem que fica revezando mas devia ter. (Entrevista 56).

O desejo pela expansão da polícia é algo notório na maioria dos relatos que apresentam sugestões para solucionar o problema da insegurança. Entretanto, apesar deste desejo pela ampliação, a necessidade de uma reformulação da instituição aparece também com um forte protagonismo. Para boa parte dos entrevistados, a polícia atuaria de forma bastante distanciada dos anseios da população. Este distanciamento seria proporcionado por diferentes fatores como a falta de atenção no atendimento de uma ocorrência, a violência na abordagem, como os policiais se dirigem “aos trabalhadores” através de uma agressividade desmedida, seriam alguns dos exemplos. Nestes relatos, a forma como a polícia e as instituições de segurança pública lidam com a criminalidade passam a ser os elementos centrais para compreensão dos problemas na segurança.

É importante destacar que um indivíduo pode perceber certos perigos e, mesmo assim, considerar a região como um local de relativa segurança. O problema passa a ganhar corpo quando a insegurança se apresenta de forma elevada, de forma que as pessoas não enxerguem mais confiança nas instituições e em sua capacidade de manter a ordem garantindo algum tipo de previsibilidade. Em outras palavras, com o aumento do sentimento de insegurança, cresce a crença no perigo e, conseqüentemente, as instituições de segurança acabam também por se tornar alvo da descrença. Na próxima seção, a investigação caminha tentando trazer um modelo de compreensão para este problema.

3.2 DESCONFIANÇA SOBRE AS INSTITUIÇÕES

Nas sociedades urbanizadas, complexas e plurais como Belo Horizonte, a confiança é um elemento importante na garantia da coesão e da solidariedade entre os indivíduos. Para Moises (2010), a confiança é uma crença na atuação futura de outros que também vivem em uma comunidade. Através dela, as pessoas imaginam que as outras não agirão tentando lhes impor nenhum prejuízo podendo, até mesmo, contribuir para seu próprio bem-estar. Apesar de esta confiança envolver certos riscos, ou seja, não representa a certeza de que nada poderá infligir ou causar dano ao indivíduo que a detém, é por meio dela que seria possível certa harmonia na vida em sociedade, assegurando alguma previsibilidade na ação dos indivíduos e uma expectativa sobre o comportamento de pessoas desconhecidas.

Ao olhar para sensação de segurança no Centro de Belo Horizonte, nota-se que a ausência de confiança nas instituições parece promover uma ruptura nos laços de sociabilidade. Este descrédito pode afetar não apenas as relações entre indivíduo e órgãos públicos, mas também entre o indivíduo e o coletivo.

Olha, melhorar a segurança...eu pensei em mais policiamento, mas eu não sei se a polícia é muito indicada. Porque, eu sempre vejo polícia por aí, mas elas não resolvem muita coisa igual outro dia meu irmão foi assaltado, foi procurar a polícia, **mas não adiantou muita coisa. Então eu não consigo pensar em nada assim, de** polícia assim. Talvez câmeras, mas câmeras também tem. (Entrevista 91).

Ao ser perguntada sobre o que reduziria o perigo e melhoraria a segurança, a entrevistada 91 descreve que embora tenha imaginado a polícia, desconfia que a instituição não seja capaz de resolver o problema. Para justificar seu posicionamento, ela cita o caso de um parente que relatou para a polícia um assalto, entretanto, a vítima não obteve nenhuma solução para o caso. Ao perceber a falha da instituição, a entrevistada afirma que isso a impediria de tecer uma opinião mais detalhada sobre o que pode contribuir para solucionar o problema.

Os relatos e representações que enunciam falhas da polícia são diversos. Dentre os principais elementos citados está o descaso e a corrupção.

Na verdade, tem muita polícia afim de só ganhar dinheiro mesmo. Inventaram polícia municipal, polícia militar já estava bom. Mas afim de só ganhar dinheiro, de segurança mesmo para o povo eu acho que... tem poucos que trabalham.

Por que você acha que tem pouca segurança?

Pouca segurança por que esse pessoal...por exemplo, se você precisar de um policial para registrar a ocorrência, ele é todo descompromissado: “ninguém pode fazer...” teve um dia que eu estava no ponto do ônibus, tinha uma criança, uma mulher fugindo com uma criança pedindo socorro, totalmente desesperada a criança. E eu chamei um policial que estava assim... disse que era para procurar outro que ele não podia fazer...estava na cara que a criança estava sendo levada por alguém que não era da família, você entendeu? Então é muito falha, mas... a polícia... qualquer deslize da polícia deveria ser exonerado da... da corporação, devia ser. Os absurdos que muitos fazem, não são todos, mas tem muito policial bandido. E preparado... de revolver, carteira de polícia, carro na mão. Isso é o que atrapalha, entendeu? (Entrevista 67).

O entrevistado 67 justifica a pouca proteção da sociedade descrevendo sua desconfiança na polícia. Ao relatar um caso em que um policial ignorou sua ocorrência, o senhor de 60 anos demonstrou forte descontentamento. O despreparo de parte dos policiais levaria ao julgamento de que alguns são inclusive bandidos, inaptos a exercer o cargo infringindo a lei. Ele ainda completa afirmando que deveriam existir punições mais severas para estes agentes, que quebram as normas dentro da polícia. Em sua opinião, quando estes agentes cometessem deslizes, deveriam ser expulsos da corporação.

A partir dos relatos acima, nota-se certo descrédito nas polícias, sentimento este que acompanha a sensação de perigo dos entrevistados. Embora seja notável que as pessoas desejem a ampliação das instituições de segurança, como o aumento da quantidade de policiais no centro da cidade apontado no capítulo anterior, isso não exige a instituição de duras críticas. As insatisfações com a segurança se enrijeceriam quando há desconfiança sobre os agentes responsáveis por proteger a sociedade. Estes descontentamentos ganhariam mais relevo ao compor as representações sociais, impulsionando a descrença em relação à máquina pública.

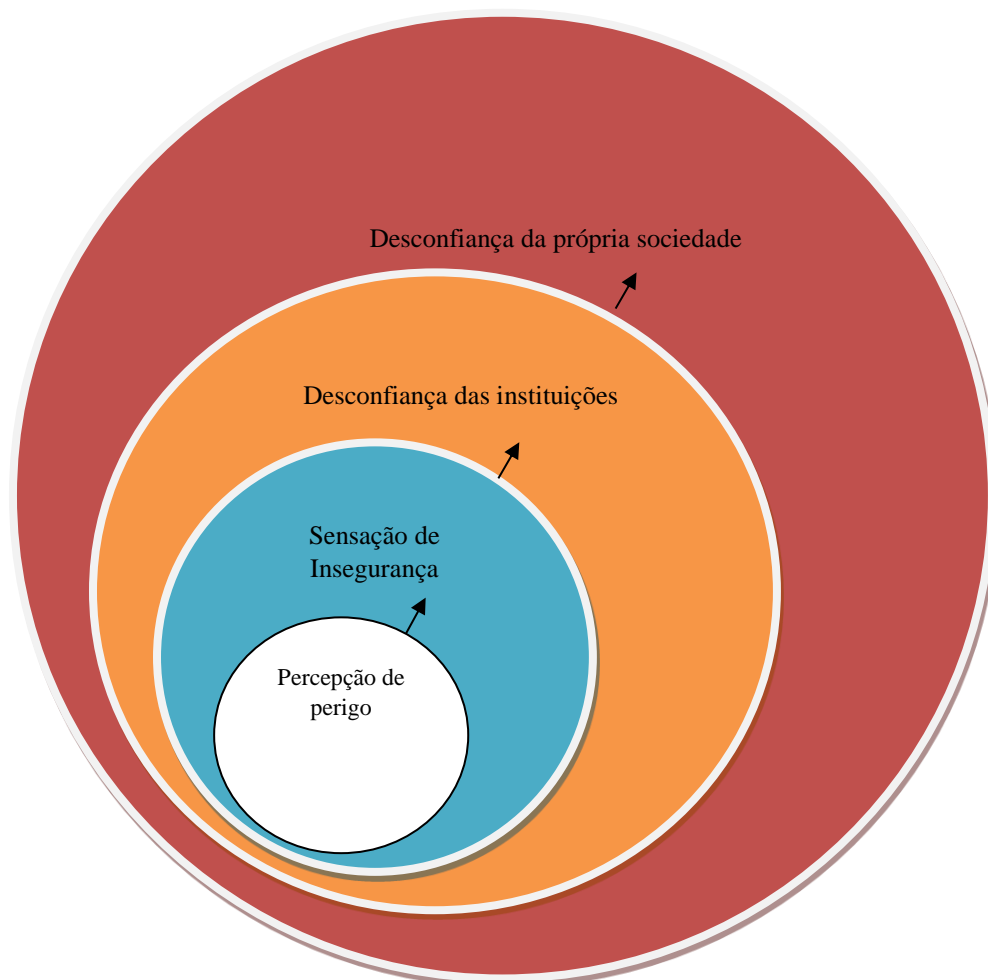
A ausência do Estado fomentaria a identificação com o perigo, e o crescimento deste, levaria a uma desconfiança daquele. As pessoas percebem mais ameaças onde a máquina pública está ausente, este crescimento faz com que as pessoas desconfiem das instituições, impulsionando a busca por novas formas de se proteger, pois, se elas não podem confiar naqueles que deveriam zelar por sua segurança, a quem recorreriam?

A narrativa mais comum é justificar a insegurança pela incapacidade do Estado ou dos órgãos públicos em uma resposta contundente à criminalidade e desordem,

ao não aplicar as regras do jogo, respondendo as demandas da sociedade. A busca pela sobrevivência e bem-estar levaria as pessoas distribuir rótulos de perigo aos mais diferentes aspectos da vida social com intuito de se prevenir.

Em um cenário de elevada desconfiança, o indivíduo acabaria adotando a desconfiança como uma estratégia de proteção. Na impossibilidade de prever as intenções de outros que estão ao redor, a melhor forma de se proteger consiste em considerar a todos como perigosos, evitando as incontingências. Afinal, se os desconhecidos se voltarem contra mim e eu não estiver preparado, não haverá nenhuma força que impeça sua ação. O raciocínio é simples, se o Estado é incapaz de promover uma proteção efetiva ou cuidado com os indivíduos em uma sociedade, a melhor forma de garantir a segurança seria a precaução pessoal. Se há muita insegurança é porque alguém não conseguiu retê-la, neste cenário, os agentes responsáveis pela ordem e controle perderiam crédito e, por consequência, contribuiriam para a desagregação da sociedade. A FIGURA 5 abaixo descreve um modelo de compreensão sobre os efeitos da percepção de perigo na confiança interpessoal e na confiança nas instituições.

FIGURA 5 – PERCEPÇÃO DE PERIGO E INSATISFAÇÃO COM A SEGURANÇA



A Figura 5 apresenta que a evolução da percepção culminaria com desconfiança generalizada da própria sociedade. Enquanto o caminho da seta indica o aumento da percepção de perigo, a área do círculo é proporcional à insatisfação com a segurança. Ou seja, a elevada percepção sobre o perigo contribui para a sensação de insegurança através da identificação das ameaças. Por sua vez, quanto maior as percepções de perigo e maior o sentimento de insegurança, maior a desconfiança sobre as instituições responsáveis por promover a proteção. Por fim, quanto mais as pessoas desconfiam das instituições de segurança, maior a possibilidade de voltarem suas percepções de perigo para a própria sociedade e para os membros que convivem ou circulam em determinado local.

Este cenário de desconfiança nas instituições de justiça e segurança aponta para um panorama em que o descrédito da legislação e das regras que compõe o sistema de justiça brasileiro ganham força. Em virtude do próprio desempenho das instituições democráticas, vistas como ineficientes, pouco atuantes, não atendendo a demanda da população, as pessoas não acreditam em melhoras substanciais da segurança. Se há muitos crimes, mesmo existindo instituições responsáveis por combatê-lo, significa que estas instituições não estariam cumprindo o seu papel.

Como as instituições capazes de promover a segurança seriam pouco efetivas na promoção da segurança, a melhor forma de proteção seria o receio quanto ao comportamento dos demais. A entrevistada 18 caracteriza bem o problema da forte desconfiança com os membros da sociedade. Ao ser perguntado sobre qual local consideraria seguro, a entrevistada responde que vê o interior como um local mais tranquilo, pois lá haveria mais laços de solidariedade que impulsionam os indivíduos a se protegerem.

Interior.

Você acha que o interior é local mais seguro assim...(interrupção)

Mais tranquilo.

Por que você acha que é mais seguro lá no interior?

As pessoas ainda tem aqueles princípios, um vigia o outro, um vizinho conhece o outro. Se é uma referência, acontece alguma coisa, o outro já liga para saber. Em BH eu acho que a cidade grande vai distanciando mais e aumentando.

Esta desconfiança é (interrupção)

Esta desconfiança e acaba também que você não espera. Às vezes a pessoa, mesmo que ela peça ajuda, você não está esperando que ela está pedindo ajuda, você está achando que ela vai fazer alguma coisa. (Entrevista 18).

Em oposição ao interior, Belo Horizonte é visto justamente como um local inseguro onde a preocupação com o outro é necessária para se proteger. Quando a desconfiança atinge esse nível, o desejo por mudanças e alternativas para reduzir o perigo se intensificariam. Neste último estágio, as pessoas suprimem vínculos, caracterizando os outros como ameaças e evitando qualquer tipo de interação social que não se enquadre em determinados aspectos da normalidade. É neste momento que o desejo pela vigilância e, até mesmo, mudanças drásticas e imediatas na segurança e na conduta ganham força.

3.3 VIGIAR E PUNIR

Embora os discursos apresentados por quem transita no centro da cidade ressaltem a importância das instituições policiais como mecanismo que poderia diminuir o perigo e, conseqüentemente, aumentar o sentimento de insegurança na área, um destes elementos ganha notoriedade por parte dos entrevistados: a necessidade de se aumentar a eficácia dos procedimentos policiais. A inoperância dessas instituições se daria justamente pela existência de certos procedimentos considerados ineficientes no combate da criminalidade. Estes códigos de conduta emperrariam a atuação policial minando a autonomia e capacidade de discernimento da instituição. O melhor a ser feito seria “deixar eles trabalharem” evitando maiores restrições ao próprio processo punitivo implementado pela polícia.

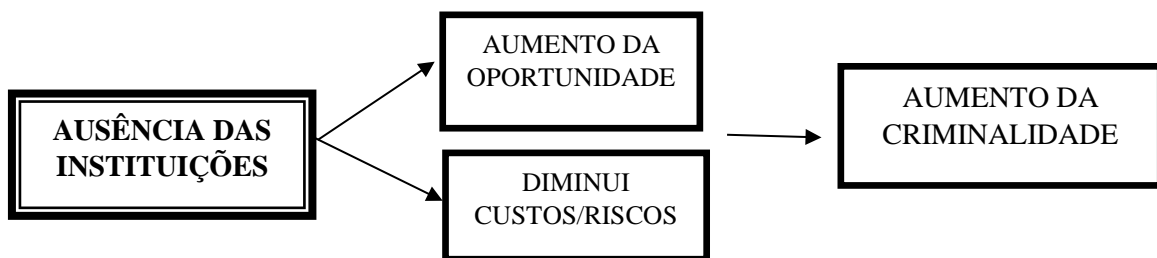
Uma das teorias mais acionadas para a explicação do comportamento criminoso, desde uma perspectiva eminentemente de custo e benefício, é a formulada por Gary Becker (1974). Segundo essa abordagem, um sujeito comete um crime qualquer ao observar que os custos (como a prisão por um policial) são baixos e os benefícios (como renda imediata) são elevados. O entrevistado 42 representa bem esta associação entre crimes, oportunidade e instituições.

Porque... não sei, acho que policiamento, apesar que tem, mas...acho porque realmente é a oportunidade que o pessoal... que a bandidagem aproveita entendeu? Mas, apesar de que hoje é em qualquer horário, mas a noite é mais, é mais complicado. [...]. Aqui na praça sete, vou te falar com você a

verdade, aqui assim, neste horário diurno aqui é tranquilo, mas mais a noite, às vezes eu passo aqui é meio tenso Local e horário. (Entrevista 42).

Segundo o relato, a oportunidade seria um elemento que possibilitaria a criminalidade. “A bandidagem” aproveitaria justamente destes momentos para estar atuando. Conforme apresentado no capítulo 3, uma das principais alegações para caracterização do perigo durante a noite seria a ausência de policiais, quando as instituições estariam mais tênues e a vulnerabilidade maior, tornando o momento propício para a prática infratora. O esquema abaixo descreve como parte dos entrevistados descreve o aumento dos crimes.

FIGURA 6 - Efeito/ Ausência das Instituições.



A partir desta linha de raciocínio, o perigo (caracterizado como o crime pelos entrevistados) se eleva através das oportunidades e de um cálculo custo benefício realizado pelo infrator. A ausência de instituições possibilita, simultaneamente, o aumento das oportunidades e a diminuição dos riscos. Se as oportunidades são muitas e o risco de apreensão/punição é baixo, os crimes inevitavelmente continuariam a ser perpetrados, aumentando a sensação de insegurança. As descrições de locais e circunstâncias perigosas relatadas no Capítulo 3 se enquadrariam bem neste quesito. As pessoas associam o perigo em locais caracterizados pela desassistência do Estado, como por exemplo, durante a noite, em locais vazios, com muitos mendigos e pessoas usando drogas.

É muito comum fazer a associação da população de rua com a violência... é muito comum. Mesmo não serem eles os fatores da violência esse... a gente...de forma...meio que associa violência com população de rua, tem muita população de rua, você vê isso. Está muito mal cuidado também, isso você cria associações também... (Entrevista 85).

Para resolver o problema, a presença das instituições do Estado seria fundamental, cumprindo um papel importante na segurança dos indivíduos. Em locais em que elas não se fariam presentes, como “espaços desorganizados” onde há muitos moradores de rua, as pessoas acabariam tomando o ambiente por perigoso. A entrevista 85 destaca bem estas associações. Segundo o entrevistado, embora não seja a população de rua que cometa crimes, as pessoas acabariam associando ela aos crimes pelo fato do local ser “mal cuidado”.

De noite, eu considero aquela região ali da praça sete um pouco perigosa porque assim são muitos pedintes, muitos moradores de rua, é um fluxo muito grande de pessoas e a Antônio Carlos é a mesma coisa.[...]

Você acha que, por exemplo, pelo fato de ter pedintes... essas coisas, assim...aumenta a questão do perigo? A pessoa ser assaltada, neste sentido...

Eu acredito que sim, porque assim, não que seja com eles, mas eu acho que pessoas de má fé aproveitam daquela área que são frequentadas por eles para poder, de certa forma agir entendeu? Então fica a coisa mais maquiada. Não estou falando que são eles, mas assim, eu acho que fica uma coisa, mais assim é...muito difícil de identificar. (Entrevista 27).

Um cenário caracterizado pela ausência das instituições responsáveis pela segurança estaria pouco comprometido com o combate da criminalidade. A entrevistada 27 relata que em locais onde há muitos mendigos, indivíduos de “má fé” aproveitariam destas brechas para atuarem. Para solucionar o problema dos crimes seria importante uma maior presença do Estado.

Este desejo por uma segurança mais ostensiva pode ser melhor vislumbrado quando comparamos a sensação de segurança em um espaço público no centro com a de um estabelecimento privado também situado no bairro. As pessoas se sentem mais seguras nos ambientes privados, como casa, shoppings, lojas, estabelecimentos fechados do que nos públicos caracterizados frequentemente pela desorganização e ausência de segurança.

Tá melhor do que pra rua afora aí viu?! Espaço mais seguro do que nas ruas do que em banco, loja de rua... [...] Comparando com lá fora...realmente... porque raramente escuta falando em assalto. Existe, mas raramente existe assalto comparando com as ruas, bairros, lojas de rua mesmo. E não dá pra comparar não. (Entrevista 14 - shopping urbano).

Ao ser perguntado sobre sua sensação de segurança ao transitar pelo Shopping urbano, o entrevistado 14 utiliza como critério comparativo a rua. Enquanto

a rua é caracterizada pela dispersão, no ambiente privado, a presença de agentes dispostos a realizar uma segurança efetiva seria muito maior.

É, eu acho que é um lugar seguro, pela própria estrutura né? A forma com que ela é organizada, diferentemente da rua. É... eu frequento não muito, mas de vez em quando eu frequento. Nunca deparei com uma situação que gere uma insegurança. [...] Porque... aqui, talvez pela estrutura, é mais difícil de você ser assaltado ou roubado né? Parece que sim, pela segurança que ele tem. Enquanto na rua, é bem mais disperso e tal. Talvez, alguma circunstância apresenta um pouco mais de insegurança (Entrevista 44).

Ao contrário do espaço público, o número de ameaças, situações ou grupos indesejáveis que trariam certa incerteza em suas intenções e, portanto, insegurança reduziria no ambiente privado.

Na verdade existe um certo desconforto mas como é um lugar privado mas que todas as pessoas precisam frequentar. E acho que o que eles já fazem é suficiente de... não deixar pessoas de... é... mendigos...pessoas que fazem o uso de... essas coisa que tem costume de pedir, entrar. Isso eu acho que dá... um nível certo de segurança. (Entrevista 5 - Shopping Urbano).

Nos espaços fechados, o controle tornaria as pessoas mais livres, sem ter de se preocupar com as imprevisibilidades. O shopping seria visto como um local mais seguro pelo intenso controle e monitoramento, inclusive daqueles que poderiam frequentá-lo.

Normalmente o shopping é mais seguro, por isso as pessoas frequentam mais. [...] Pela restrição que é, o shopping é... tem segurança. Isso de uma certa forma dá também mais segurança as pessoas que frequentam o shopping. (Entrevista 20- Shopping Urbano)

Ahh cara, como eu vou explicar para você para ficar mais fácil de nós encontrarmos um ponto...É segurança privada... aqui não tem tanta gente aqui como tem lá fora. Aqui fica mais fácil pro pessoal olhar a segurança do que lá fora, entendeu? A polícia, segurança interna do lado de fora é muita gente pra muito pouco policial você entendeu? Quando você vai para fazer uma ocorrência o cara já tá longe. Agora se o cara fizer alguma coisa aqui dentro, aqui você vê, tem câmeras, cara não consegue sair da portaria você entendeu? (Entrevista 33 - Shopping Urbano)

Este mesmo sentimento não é visto nos espaços públicos. Considerando que a vida das pessoas se encontra em jogo e há uma notória incapacidade do Estado em resolver o problema, muitos entrevistados apontam para a legitimidade do direito de reagir frente às ameaças externas. Para alguns dos entrevistados, o problema da segurança não poderia ser solucionado pela simples inflação do corpo policial pois teria que passar, necessariamente, pela própria matriz organizacional que comanda a

segurança pública. Os entrevistados 9 e 3 destacam bem esse interesse pela mudança das leis, ampliação das instituições policiais e maior punição.

Então, por isso que é... insegurança que o povo sente é isso. O bandido já tomou conta da cidade, mesmo porque não adianta o cara ser... os cara...o bandido chega na cara do policial e ri: “você vai me prender agora e daqui a pouco eu estou na rua daqui de novo e o delegado me manda eu de voltar.” Não é? Então a falha na segurança é isso aí.[...] Aumentar os policiais e mudar essa lei. Colocar uma lei mais rígida.

Com a lei mais rígida você acha que ajudaria...

Ajudaria! Contribuiria bastante se aumentasse os policiais e... né... mudasse a lei, torna-se mais rígida. (Entrevista 9)

Falta de policiamento! Falta de segurança pública! [...] Eu acho que deveria ter um policiamento mais extensivo. Tirar certos indivíduos suspeitos daqui da rua. (Entrevista 3)

O entendimento do entrevistado 9 é interessante para compreensão do problema, para ele “o bandido já tomou conta da cidade” posto que as leis e as instituições punitivas não trariam qualquer temor no cometimento de certos atos ilícitos. Isso promoveria a insegurança de forma que os criminosos “chegariam a rir na cara dos agentes do Estado”, sabendo que eles seriam incapazes de frear sua conduta. Na mesma direção, o entrevistado 3 reclama da falta de policiamento no mesmo momento em que pede uma atitude mais dura por parte da polícia, retirando certos “indivíduos suspeitos” do espaço público.

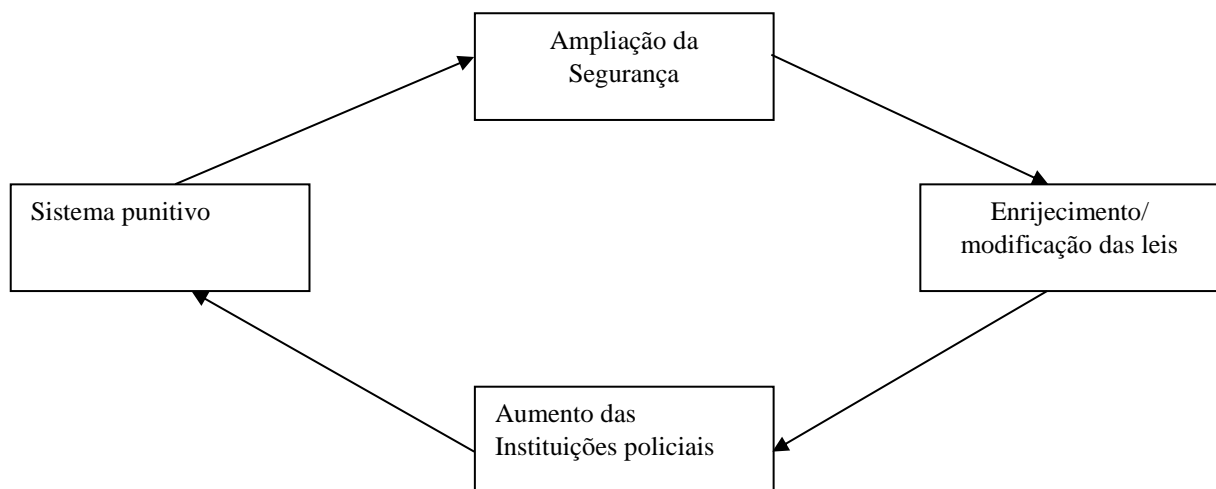
Baseando-se nestas leis, a polícia atuaria de forma branda, incapaz de estabelecer punições efetivas que reduzissem determinados crimes. Esta incapacidade de atuação não seria apenas culpa da instituição, mas de uma série de regras que compõe as instituições de justiça. Essas leis não estabeleceriam penas justas ou condizentes com a gravidade do dano cometido pelos infratores. Pelo contrário, elas seriam responsáveis pelo aumento da criminalidade e violência, pois, ao concederem “certas regalias” e benefícios aos infratores da lei, elas incentivariam o aumento da criminalidade. Em suma, são leis que não estabelecem custos elevados para aqueles que se colocam a disposição para cometer certos atos ilícitos.

Neste contexto de ausência punitiva, a atuação policial seria apenas o desdobramento de uma legislação falha, encontrando-se de mãos atadas para promover a segurança e combater a criminalidade. Esta percepção não é exclusiva à cidade de Belo Horizonte. Ela se apresenta distribuída ao longo de todo território

nacional. Segundo pesquisa realizada durante o período de abril de 2013 a março de 2014, apresentada pelo Anuário de Segurança Pública (2014), 81% dos entrevistados acreditam que é fácil desobedecer às leis do país, 57 % afirmam que existem poucos motivos para segui-las e outros 81% que é sempre possível optar por um “jeitinho”, ao invés de cumprir a legislação nacional.

Este contexto caracteriza uma visão pessimista dos entrevistados quanto às instituições do Estado Brasileiro. As leis seriam falhas, não havendo muitos motivos para levá-las em consideração nas interações. Além disso, a grande maioria deles descreve que seria sempre possível burlar a legislação ao invés de utilizá-las na vida em sociedade. Para aumentar a segurança no país, seriam necessárias algumas mudanças estruturais, dentre elas, a modificação das leis cumpriria um papel crucial. A Figura 7 simplifica alguns dos elementos contidos nos relatos para aprimorar a segurança.

FIGURA 7 – ESTRATÉGIAS/APRIMORAR A SEGURANÇA



O primeiro passo a ser adotado para melhoria da segurança deveria ser o enrijecimento das leis. Através de sua modificação, o aumento das instituições policiais distribuídas ao longo de todo o centro seria efetivo, posto que os policiais poderiam implementar um sistema punitivo que reduzisse as oportunidades e os incentivos na realização de determinados crimes. Estas medidas tornariam o custo para cometer determinado ato ilícito bastante elevado, o que minaria os incentivos para ampliação da criminalidade e permitiria uma maior sensação de segurança.

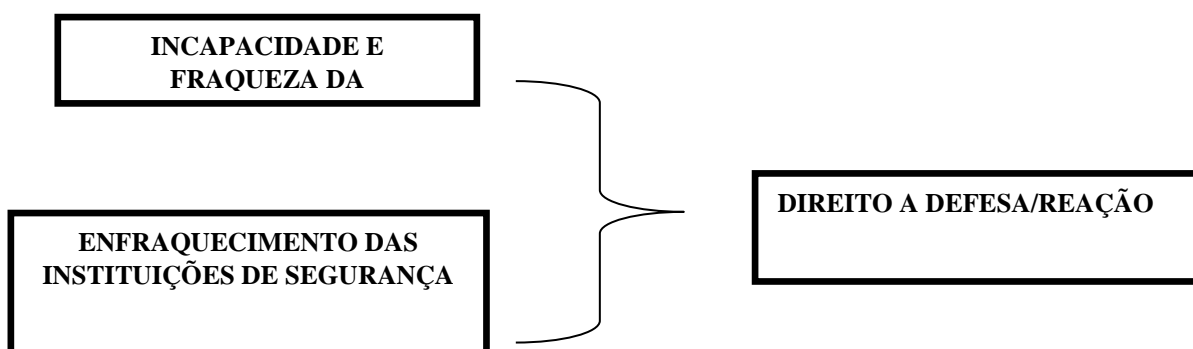
Na ausência dessas medidas, impera um “estado de natureza”, uma situação em que o Estado é incapaz de exercer sua força para conter a violência, fazendo com que os indivíduos fiquem desacreditados com o poder central, lutando por sua proteção e buscando a sobrevivência. O entrevistado 65, que em outros momentos critica o modo de atuação e a demora no atendimento das ocorrências por parte da polícia, descreve um panorama de plena insatisfação quanto a segurança. Seu relato deprecia a instituição policial como única ferramenta legítima para resolução dos crimes:

Porque na hora que você mais precisa da polícia militar eles nunca estão perto e quando está perto eles fazem vista grossa, né? Igual aconteceu semana passada mesmo, minha irmã foi assaltada, dois policiais do lado da rua, fingiram que nem estavam vendo, entendeu? (Entrevista 13).

Se o cara me roubar aqui eu vou correr atrás dele. Eu não vou esperar a polícia ali para correr atrás dele não... eu vou atrás dele. (Entrevista 65).

Já que a polícia se encontra ausente e demora tanto para agir, o entrevistado não esperaria a iniciativa da instituição em caso de ser vítima de algum crime, ele mesmo tentaria solucionar o problema indo atrás do infrator. Afinal, se o poder público é incapaz de conter a violência, não deveria proibir que as pessoas buscassem sua própria proteção. A Figura 8 abaixo busca explicar associação dos entrevistados para reagir em determinados eventos.

FIGURA 8 – FUNDAMENTOS DE DIREITO DE DEFESA/REAÇÃO



A incapacidade da legislação em garantir uma ação mais incisiva, enfraqueceria as instituições de segurança pública tornando a reação privada uma

opção para os que foram vítima de algum ato criminoso. Em último caso, o direito à defesa e a reação individual apareceriam como instrumentos legítimos na proteção da própria sociedade. Nesta circunstância, o Estado passa para segundo plano, pois seu monopólio no uso da força seria pouco efetivo, não acompanhando os indivíduos quando eles mais precisariam dele.

3.4 INSEGURANÇA INTEGRADA

Segundo as informações descritas neste capítulo, a identificação do perigo aparece relacionada ao arrefecimento das instituições de segurança pública, vistas como incapazes de lidar com o problema. Por mais que algumas pessoas percebam a segurança na região, contida em alguns locais vigiados, as ameaças ainda estariam presentes no bairro, prestes a romper as expectativas ao menor descuido. Primeiro, porque as instituições estatais são incapazes de promover a segurança e, segundo, porque a legislação que deveria regular a interação entre os indivíduos é muito leniente com os criminosos.

Nesta direção, o desejo por uma maior participação do poder do Estado na segurança é visível sob diferentes aspectos. O anseio pela ampliação e reformulação da polícia, pela modificação das leis, fazendo com que elas atuem em mais esferas da vida social, para que elas estabeleçam maiores punições, expressam bem a vontade das pessoas por um aparato de vigilância e controle mais incisivo. Os crimes, perigos e violências são identificados pelos entrevistados pela incapacidade dos policiais estarem presentes à noite e em locais isolados. Em oposição, os locais seguros são vistos como tais justamente pela existência de agentes capazes de atuar na proteção dos indivíduos, tal como acontece nos ambientes privados (como casas, shopping, com câmeras) e espaços públicos bem policiados. Assim, a iniciativa privada, representada pelo shopping Urbano, é vista como segura justamente pelo intenso controle e monitoramento do espaço.

Quando as pessoas se encontram extremamente insatisfeitas com a segurança, a alternativa mais apontada é a adoção de medidas mais incisivas para lidar com o problema. O desejo de autorizar “o porte de armas” (entrevistado 36), de mais punições (entrevistado 13), de retirar certos indivíduos do convívio social, principalmente moradores de rua (entrevistado 77), de “reagir com as próprias mãos”

(entrevistado 39) - apresentados no capítulo 2 - aparecem quando há grande ausência de credibilidade nas instituições do Estado. Neste contexto, os meios institucionais não são considerados soluções, mas, em alguns casos, empecilhos para a melhoria do bem-estar. Direitos Humanos, auxílio-reclusão, menoridade penal são analisados pelo reflexo de um sistema frágil, incapaz de acuar aqueles que voluntariamente decidiram perpetrar atos criminosos.

Estas iniciativas seriam válidas para explicar o próprio modo da atuação criminosa. Certos indivíduos veriam na ausência do Estado e na fraqueza das instituições punitivas uma forma de cometer atos ilícitos. Como as punições são brandas, a relação custo-benefício incentivaria o crime, concebido como um “caminho mais fácil” daqueles que se recusaram a aceitar as restrições necessárias para a convivência democrática. Embora seja evidente reiterar que cada uma destas medidas de segurança se apresenta através de justificativas distintas, é inegável que elas só aparecem através de certo descontentamento com o funcionamento da segurança. Estas medidas surgem quando há certo esgarçamento nas relações sociais, tornando a mudança de comportamento e a adoção de estratégias de defesa prioridades na tentativa de garantir uma segurança, ainda que mínima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por intuito descrever os principais fatores envolvendo a sensação de segurança das pessoas que transitam pelo centro de Belo Horizonte. Considerando as representações sociais como uma ferramenta importante na compreensão do problema, o estudo apresenta como indivíduos percebem o perigo, sobretudo em locais onde o poder público não se faz presente. O medo de transitar em certas áreas, a identificação da insegurança em determinadas regiões e o receio de alguns grupos sociais, principalmente os moradores de rua, são o reflexo de um sentimento de desassistência do Estado em que as pessoas se sentem ameaçadas pela incontingência e desordem do espaço público.

Neste cenário, a polícia é frequentemente alvo de críticas. Se há muitos crimes, é porque as instituições responsáveis por combatê-los não foram capazes de controlar o problema. Muitos relatos apresentam como a instituição é frequentemente alvo de desconfiança, posto ser incapaz de prestar uma assistência adequada às pessoas que foram vítimas de algum delito. Quando estes agentes não conseguem controlar a criminalidade, a percepção do perigo, o medo, ou o cuidado antecipado são vistos como uma alternativa para preservar a vida. Neste caso, a percepção se volta para os próprios membros que ocupam a sociedade impulsionando uma desconfiança generalizada.

Parte da responsabilidade por esta sensação de insegurança não seria apenas da instituição policial. Segundo os entrevistados, a polícia obedece a determinados procedimentos de justiça que emperrariam sua própria atuação e impossibilitariam uma segurança mais efetiva. Esta situação denota como os entrevistados caracterizam os problemas da segurança, associados a certas falhas estruturais da legislação do país. O problema se encontraria justamente neste arcabouço legal considerado fraco e incapaz de estabelecer sanções a atividade criminosa. Com a elevada insegurança e o forte descontentamento com as instituições, a solução apresentada é justamente a mudança das leis e normas que regem o poder público. Este anseio pela ampliação da segurança através de um sistema punitivo dotado de uma rígida legislação e um forte aparato policial são apresentados como soluções para melhorar a segurança das pessoas no centro da cidade. Esta caracterização é justificada através de sentimento de impunidade, de forma que não existiriam grandes sanções legais para aqueles que voluntariamente teriam escolhido perpetrar atos criminosos.

Em oposição à elevada sensação de insegurança das ruas do centro da cidade, os ambientes privados são espaços descritos com maior segurança no centro de BH. Apesar da estrutura ser um elemento importante na percepção do perigo, o que mais parece explicar a segurança destes locais é uma maior atenção com mecanismos de vigilância e monitoramento como câmeras, cercas, vigias que permitem uma resposta mais incisiva a qualquer ruptura na ordem local ou um cuidado antecipado com possíveis ameaças capazes de romper com a tranquilidade dos indivíduos que transitam pelo espaço. Esta identificação com a segurança privada serve de contraste com os próprios anseios da população sobre o que possibilitaria uma segurança pública de qualidade, em ambos há desejo por uma vigilância ostensiva. O ponto de destaque parece ser a valorização dos meios de proteção privados que crescem através da desconfiança do aparato público, sendo que o direito a reação pautado na ideia de legítima defesa parece ganhar força neste terreno.

Embora o estudo possua uma pretensão de descrever a segurança no centro da cidade, é importante destacar algumas de suas limitações. O trabalho preferiu adotar uma metodologia qualitativa através da aplicação de entrevistas em diferentes pontos do campo. Se por um lado este método permitiu certa variabilidade nas respostas, tentando observar alguma profundidade nos discursos, por outro, é importante deixar claro algumas lacunas que podem ser preenchidas por outros empreendimentos. Embora tenham sido realizadas entrevistas em diferentes locais do centro, o estudo não dá conta de controlar o impacto de cada um destes locais na sensação de segurança dos entrevistados. Em outras palavras, não é possível dimensionar a influência de cada um dos locais onde foram realizadas as entrevistas na percepção de perigo do centro de Belo Horizonte. Este problema ocorre, sobretudo, pela metodologia adotada, que não só evita padronizar a resposta do entrevistado, mas também impede uma comparação mais acurada, isolando determinadas variáveis e informações. Seria desejável comparar os resultados deste estudo com os de outras iniciativas, especialmente de cunho quantitativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, S. LAMIN, C. **Medo, violência e insegurança**. In: Renato Sergio de Lima; Liana de Paula. (Org.). *Segurança Pública e Violência: o Estado está cumprindo seu papel?*. São Paulo: Contexto, 2006, v. 1, p. 151-171. Acesso em 13 de março de 2016.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2014. Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/storage/download//anuario_2014_20150309.pdf

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2015. Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/storage/download//anuario_2015.retificado_.pdf
Acesso em 13 de março de 2016

AZEVEDO, R. *Os Rolezinhos Devem ser Coibidos? Sim!* Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/os-rolezinhos-devem-ser-coibidos-sim/>
Acesso em 01 de junho de 2015.

BARBERO, J. M *The City: Between Fear and the Media IN: Citizen of Fear: Urban Violence in Latin America*. ROTKER, S.(Org.) Cuernavaca Mexico Ruthers University Press, 2002, p.25-33

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
BECKER, Gary S. *Crime and punishment: An economic approach*. In: **Essays in the Economics of Crime and Punishment**. NBER, 1974. p. 1-54.

BORGES, D. **O Medo do Crime na cidade do Rio de Janeiro: uma análise sob perspectivas das crenças de perigo**. 1. Ed. Curitiba: Editora Appris, p. 380

CALDEIRA, T. **Qual a novidade dos rolezinhos? Espaço público, desigualdade e mudança em São Paulo** – Novos Estudos no.98 São Paulo, 2014

_____. *Cidade de muros*. São Paulo: Edusp, 2 ed, 2003 p.341

CASTEL,R. **A insegurança social: o que é ser protegido?** Rio de Janeiro,2005, Vozes, 2005.

COHEN, Lawrence E.; FELSON, Marcus. *Social change and crime rate trends: A routine activity approach*. *American sociological review*, p. 588-608, 1979.

CONSTANTINO, R. *O Rolezinho da Inveja. Ou a Barbárie se protege sob o Manto de Préconceito*. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/cultura/o-rolezinho-da-inveja-ou-a-barbarie-se-protege-sob-o-manto-do-preconceito/> Acesso em: 01 de junho de 2015

CUNNEEN, Chris. *Zero tolerance policing and the experience of New York City*. *Current Issues Crim. Just.*, v. 10, p. 299, 1998.

DATAFOLHA, Brasil, Eleições 2014 Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2014/09/08/matriz-direita-x-esquerda.pdf>
acessado em 14 de março de 2016

FARRALL, S., JACKSON, J. and GRAY, E. (2009). **Social Order and the Fear of Crime in Contemporary Times**. Oxford: Oxford University Press, Clarendon Studies in Criminology

GALLUP GLOBAL AND ORDER REPORT, 2015. Disponível em:
<http://www.gallup.com/services/185798/gallup-global-law-order-2015-report.aspx>

GOTTFREDSON, Michael R.; HIRSCHI, Travis. A general theory of crime. Stanford University Press, 1990.

HARTANAGEL, Timothy (1979). The Perception and Fear of Crime: Implications for Neighborhood Cohesion, Social Activity and Community Affect. *Social Forces*/ vol. 58:1, September 1979

LISKA, A.E., LAWRENCE, J.J., and SANCHIRICO, A., (1982), “**Fear of Crime as a Social Fact**”, in *Social Forces*, Vol.60, No.3, pp.760-770, The University of North Carolina Press.

LUPTON, Deborah & TULLOCH, John. (1999), **Theorizing fear of crime: beyond the rational/ irrational opposition**. *British Journal of Sociology*, 50 (3): 507-523.

MACHADO, 2004. **Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano**. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-84, jan./jun. 2004

MARTINS, J.S. **Linchamentos: Justiça popular no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

MISSE, 1999. **Malandros, marginais e vagabundos: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: IUPERJ.

MOISÉS, J. M. (org) *Democracia e Confiança: Porque os Cidadãos Desconfiam das Instituições Públicas*. São Paulo, Edusp (2010)

MOURA, C.P. **A Fortificação Preventiva e a Urbanidade como Perigo**. Série Antropologia Vol. 407. Brasília: Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 2006, pp. 6-18.

MUSUMECI, L. **Serviços Privados de Vigilância e Guarda no Brasil: Um Estudo a Partir de Informações da PNAD 1985/1995**, IPEA, 1998.

PARK, Robert E.; BURGESS, Ernest W. *The city*. Illinois: University of Chicago Press, 1992.

REGO,X. FERNANDES, L. **As falas do medo Convergências entre as cidades do Porto e Rio de Janeiro**. RBCS Vol. 27 n° 78 Fevereiro /2012

SCOTT, John. **Sociologia: conceitos chave**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

SILVA, Bráulio Figueiredo Alves da; BEATO FILHO, Claudio Chaves. **Ecologia social do medo: avaliando a associação entre contexto de bairro e medo de crime**. *Rev. bras. estud. popul.*, São Paulo , v. 30, supl. p. S155-S170, 2013 .

SIMMEL, G., 2006. **Questões fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar

VOLD, BERNARD & SNIPES; *Theoretical Criminology*; Oxford University Press: New York, 2002. (Cap. 10)

WASELFISZ, J. J. Mapa da Violência: Mortes Matadas por armas de fogo. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>

WILSON, James Q.; KELLING, George L. Broken windows. *Atlantic monthly*, v. 249, n. 3, p. 29-38, 1982.

ZANETIC, A. Segurança Privada: características do setor e impacto sobre o policiamento. In, revista brasileira de segurança pública. Ano 3, edição 4, 2009

ZIMRING, Franklin E. *The city that became safe: New York and the Future of Crime Control*. New York: University of Columbia Press, 2012.

SITES UTILIZADOS COMO REFERÊNCIAS

TV ALTEROSA: <http://www.alterosa.com.br/app/belo-horizonte/videos/2013/05/14/interna-videos,1161/presa-quadrilha-que-comercializava-armas-e-drogas-na-praca-sete.shtml#.Vr1727lrKM8> Acessado em primeiro de fevereiro de 2016

JORNAL ESTADO DE MINAS:
http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/04/14/interna_gerais,637347/bhtrans-vai-contratar-192-vigilantes-desarmados-para-fazer-seguranca-n.shtml Acessado em primeiro de fevereiro de 2016

JORNAL ESTADO DE MINAS:
http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/09/26/interna_gerais,453203/praca-sete-e-savassi-loteadas-por-ambulantes.shtml; Acessado em primeiro de fevereiro de 2016 Acessado em primeiro de fevereiro de 2016

JORNAL ESTADO DE MINAS:
http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/08/19/interna_gerais,312632/praca-raul-soares-vira-ponto-de-prostituicao-e-traffic-de-drogas.shtml Acessado em primeiro de fevereiro de 2016

SHOPPING OIAPOQUE: <http://www.shoppingoiapoque.com.br/sobre> Acessado em primeiro de fevereiro de 2016

REDE RECORD: <http://noticias.r7.com/minas-gerais/imagens-mostram-venda-de-drogas-na-praca-sete-no-centro-de-bh-16082013>; Acessado em primeiro de fevereiro de 2016

GLOBO MINAS: <http://g1.globo.com/minas-gerais/videos/v/reportagem-flagra-traffic-de-drogas-na-praca-sete-em-bh/3266192/> Acessado em primeiro de fevereiro de 2016

ANEXOS 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA - PERGUNTAS DIRECIONADAS AOS SEGURANÇAS

- 1) O que é um shopping seguro para você?
- 2) O Shopping Cidade é um local seguro no ponto de vista de um segurança?
- 3) Na sua opinião, o que poderia ser feito ainda mais para tornar um shopping center um local 100% SEGURO?

ROTEIRO DE ENTREVISTAS – PERGUNTAS DIRECIONADAS AO PUBLICO QUE FREQUENTA O SHOPPING

- 1) Como você vê o shopping em relação a segurança? É um local seguro, inseguro...?
- 2) O que seria um shopping seguro para você?
- 3) O que você acredita que garantiria a segurança neste local?
- 4) Há alguma circunstância ou local que faça com que sinta mais perigo no estabelecimento? Poderia falar um pouco mais sobre isso?
- 5) Há algum tipo de sujeito que o senhor sente mais receio quando transita no shopping? Caso afirmativo, poderia falar mais sobre...
- 6) Como você vê o vigilante de shopping no tocante a manutenção da segurança do estabelecimento?
- 7) Como você vê a segurança do shopping em relação a segurança pública?

ANEXO 2



PERCEPÇÃO DO MEDO E SENSACÃO DE SEGURANÇA NO CENTRO DE BELO HORIZONTE

Bom dia/ Boa tarde/ Boa noite. Meu nome é:_____ Estou realizando uma pesquisa pela Universidade Federal de Minas Gerais que busca entender um pouco mais sobre o sentimento do medo e a sensação de segurança das pessoas no Centro de Belo Horizonte. Para tanto, gostaríamos muito de contar com sua participação respondendo a algumas perguntas. É válido destacar que nós **NÃO PERGUNTAREMOS SEU NOME** para que as informações coletadas **SEJAM CONFIDENCIAIS** e **NINGUÉM** saiba que foi o Sr. (a) quem as respondeu. Em algumas perguntas solicitamos o uso do gravador apenas para que consigamos registrar melhor todas as informações que o Sr (a) nos fornecer. Qualquer dúvida o Sr(a) pode entrar em contato com a coordenadora desta pesquisa, a Professora Ludmila Ribeiro, pelos telefones (31) 3409 6310 ou (31) 3409 6306.

DESDE JÁ AGRADECEMOS A SUA ATENÇÃO E PARTICIPAÇÃO! SEM ELA, NÃO PODERÍAMOS ESTAR REALIZANDO ESTA PESQUISA!

Vamos começar falando um pouco sobre você

Q 1 – Qual o seu sexo? Masculino 1. () Feminino 2.() 99.() NR/NS

Q 2 - Qual a sua idade:_____

Q 3 – Em relação a sua cor da pele, como o Sr(a) se classifica?

- () 1. Preto
- () 2. Pardo
- () 3. Branco
- () 4. Amarelo
- () 5. Indígena
- () 6. Outro. Qual? _____

Q 4 – Em qual o bairro onde o Sr.(a) reside?_____ () 99. NR/NS

Q 5 - Até que série você estudou? [NÃO LER OPÇÕES - ÚNICA]

- () 1. Sem instrução
- () 2. Ensino Fundamental incompleto(1º Grau incomp.)
- () 3. Ensino Fundamental completo (1º Grau completo)
- () 4. Ensino médio incompleto (2º Grau incomp.)
- () 5. Ensino médio completo (2º Grau completo)
- () 6. Superior incompleto (Universidade / Faculdade incompleto)
- () 7. Superior completo (Universidade / Faculdade completo)
- () 8. Pós-graduação
- () 99. NR/NS

Q 6 - Agora gostaria de saber qual é aproximadamente a renda total mensal de todas as pessoas que moram neste domicílio, somando todas as fontes como salário, pensão, aposentadoria, benefícios sociais, aluguéis, bicos? [NÃO LER OPÇÕES - ÚNICA]

1. () menos de um salário mínimo (Menos de R\$ 788,00)
2. () 1 salário mínimo (R\$788,00)
3. () Acima de 1 a 2 salários mínimos (entre R\$ 789,00 a R\$ 1576,00)
4. () Acima de 2 a 4 salários mínimos (Entre R\$ 1577,00 a R\$ 3152,00)
5. () Acima de 4 a 7 salários mínimos (Entre R\$ 3153,00 a R\$ 5516,00)
6. () Acima de 7 a 10 salários mínimos (Entre R\$ R\$ 5517,00 a R\$ 7888,00)
7. () Acima de 10 a 15 salários mínimos (Entre 7889,00 a R\$ 11820,00)
8. () Acima de 15 a 20 salários mínimos (Entre R\$ 11821,00 a R\$15760,00)
9. () Acima de 20 a 30 salários mínimos (Entre R\$ 15760,00 a R\$ 23640,00)
10. () Acima de 30 salários mínimos (Acima de R\$ 23640,00)
99. () NR/NS

Q 7 - Em relação ao trabalho que tinha na última semana, você era: [LER OPÇÕES - ÚNICA].
[ATENÇÃO: Se possuir mais de UM trabalho. Critérios para definir o trabalho principal na semana: 1- Maior número de horas normalmente trabalhadas por semana; 2- Trabalho que possui há mais tempo; e 3- Maior rendimento mensal]

- () 1. Trabalhador(a) assalariado (a)
- () 2. Empregado(a) ou Funcionário(a) Público(a)
- () 3. Empregador(a) tem seu próprio negócio
- () 4. Trabalhador por conta própria (autônomo)
- () 5. Aprendiz ou estagiário(a) sem remuneração.
- () 6. Ajudante de um membro do domicílio sem remuneração
- () 7. Outro: _____
- () 8. Desempregado a procura de emprego
- () 99. NR/NS

Q 8 - Com que frequência você vem ao _____ ? (MENCIONAR LOCAL ONDE É REALIZADA A ENTREVISTA)

- () 1. Cinco ou mais vezes na semana
- () 2. De duas a quatro vezes por semana
- () 3. Uma vez por semana
- () 4. Duas a três vezes por mês
- () 5. Ao menos uma vez por mês
- () 6. Menos de uma vez por mês
- () 99 NR/NS

Q 9 - Por quais motivos você vem ao centro? (ENTREVISTADO PODE MARCAR MAIS DE UMA RESPOSTA)

- () Trabalha ou estuda na região;
- () Reside na região;
- () É caminho para o trabalho, local onde estuda ou onde reside;
- () Lazer, compras, passeio (ir a cinemas, shoppings, praças);
- () Visitar amigos, parentes ou conhecidos;
- () Resolver assuntos pessoais (ir ao médico, banco, pagar contas...)
- () Outro: _____

Nesta parte faremos algumas perguntas sobre sua sensação de segurança e medo no centro de Belo Horizonte. Em algumas perguntas será solicitado o uso do gravador apenas para que sejamos capazes de registrar tudo que nos informou.

(Roteiro das entrevistas. Uso do gravador)

- 10) De uma maneira geral, como você vê o Centro em relação a segurança?
 - () Muito Seguro () Seguro () Inseguro () Muito Inseguro () NR/NS
- 11) Como você vê o (local) em relação a segurança? É um local seguro, inseguro...?
 - () Muito Seguro () Seguro () Inseguro () Muito Inseguro () NR/NS

- 12) O que seria um (local) seguro para você?
- 13) O que você acredita que aumentaria a segurança neste local?
- 14) Há alguma circunstância ou local que faça você sentir mais perigo (ou medo) de transitar aqui no centro de Belo Horizonte? Poderia falar um pouco mais sobre isso?
- 15) Há algum tipo de sujeito que o senhor sente mais receio quando transita neste local? Caso afirmativo, poderia nos falar um pouco mais ...
- 16) Existe algum outro local aqui no Centro em que você se sente mais ameaçado ou vê mais perigo? Poderia nos falar um pouco mais...
- 17) Nos centros urbanos é muito comum vermos prédios, ruas, estabelecimentos e casas pichadas. Gostaria de saber o que você pensa sobre as pichações? Você acha que elas tornam o local mais perigoso ou não faz diferença? Poderia falar um pouco mais?
- 18) Existe algum outro local aqui no centro em que você se sente mais protegido aqui no centro? Poderia nos falar um pouco mais...
- 19) Nas questões abaixo vou perguntar sobre sua sensação de perigo especificamente em alguns locais do centro. Observe cada um deles e me diga se acredita que o local é: Muito seguro, seguro, Inseguro ou Muito Inseguro.

Local	Muito Seguro	Seguro	Inseguro	Muito Inseguro	Não conhece	Não Sabe/ Não respondeu
Avenida Afonso Pena						
Feira Hippie						
Parque Municipal						
Avenida Guaicurus						
Rodoviária						
Praça Sete						
Avenida Caetés						
Shopping Oiapoque						
Mercado Central						
Praça Raul Soares						
Igreja São José						
Estações do MOVE						
Shopping Cidade						

- 20) Na sua opinião, o que poderia ser feito para melhorar a segurança do centro de Belo Horizonte? E para reduzir o perigo?
- 21) Você gostaria de falar algo mais sobre o tema que eu não perguntei?